

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE E DESENVOLVIMENTO REGIONAL  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

**NÁGILA DA SILVA FERREIRA**

**Espaço urbano e segregação: uma análise da *representação da*  
*violência* e da *violência da representação* em Campos dos  
Goytacazes**

Campos dos Goytacazes  
2017

**NÁGILA DA SILVA FERREIRA**

**Espaço urbano e segregação: uma análise da *representação da violência* e da *violência da representação* em Campos dos Goytacazes**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal Fluminense como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado em Geografia.

ORIENTADORA: Profa. Dra. Silvana Cristina da Silva

Campos dos Goytacazes  
2017

NÁGILA DA SILVA FERREIRA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Universidade Federal Fluminense como requisito  
parcial para obtenção do grau de licenciado em  
Geografia.

Aprovada em 10/07/17.

BANCA EXAMINADORA



\_\_\_\_\_  
Prof. Dra. Silvana Cristina da Silva (orientadora)  
(Universidade Federal Fluminense - UFF)



\_\_\_\_\_  
Prof. Dra. Raquel Callegario Zacchi  
(Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense - Campus Campos-Centro)



\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Pedro Paulo Pinto Maia Filho  
(Universidade Federal Fluminense - UFF)

CONCEITO FINAL: 10,00

Aos meus pais,  
com todo o carinho.

## AGRADECIMENTOS

A Jesus Cristo, amigo sempre presente, sem o qual nada teria feito.

Ao meu cônjuge pela compreensão, paciência e companheirismo no processo de minha formação.

À minha irmã, que sempre incentivou meus sonhos e esteve sempre ao meu lado.

À professora Silvana Silva que prontamente me acolheu, ajudou e orientou na estruturação do presente trabalho.

A todos os professores do curso de Geografia que contribuíram para a construção do meu conhecimento.

## RESUMO

A insegurança tem se tornado frequente entre os cidadãos, seja pelo aumento da violência real, seja em razão do aumento da sensação da violência criminosa. Essa última tem como fator contribuinte o discurso midiático, que gera na cidade a sensação de medo, podendo ou não estar associado à ampliação da violência criminal. Dessa forma, a presente pesquisa buscou analisar a *violência real* e a *representação da violência* em Campos dos Goytacazes. O discurso da violência é integrante do próprio discurso da segurança, nesse sentido o espaço urbano de Campos dos Goytacazes teve mudanças significativas no padrão residencial, especialmente entre os grupos de altas rendas que procuram “segurança”. A difusão de residenciais fechados revela a difusão do modelo de segregação residencial na cidade, sendo uma de suas dimensões o medo do aumento da violência. A análise apontou que o próprio discurso midiático é um componente da segregação, ou seja, do processo de representação da violência, em que bairros são classificados como violentos, surge a violência da representação, tão problemáticos para a cidade porque produzem uma cidade segregada, pelas políticas e pelos discursos.

Palavras-chave: Espaço urbano, Segregação, Campos dos Goytacazes, Violência urbana

## **ABSTRACT**

Insecurity has become frequent among city dwellers, due to the increase in real violence, due to the growing sensation of criminal violence. The latter has as a contributing factor the mediatic discourse, which generates in the city the sensation of fear, and may or may not be associated with the increase of criminal violence. Thus, a present research and a representation of violence in Campos dos Goytacazes. The discourse of violence and a member of the security discourse itself, in this sense, the urban space of Campos dos Goytacazes had significant changes without a residential pattern, especially among high income groups seeking "security". A diffusion of closed housing reveals a diffusion of the model of residential segregation in the city, one of its dimensions being the fear of increasing violence. An analysis pointed out that the media discourse itself is a component of segregation, that is, a representation process of violence, in which neighborhoods are classified as violent, the violence of representation arises, so problematic for a city because they produce a segregated city, by policies and by speeches.

Keywords: Urban space, Segregation, Campos dos Goytacazes, Urban violence

## Lista de Figuras

Figura 1. Distritos e regiões de Campos dos Goytacazes segundo o CIDAC – 2015.....	16
Figura 2. Espaço urbano de Campos dos Goytacazes: bairros do distrito Sede (Subdistrito Guarus e Subdistrito Centro) – 2015.....	17
Figura 3. Mapa das Macrozonas da Área Urbana proposta pelo Plano Diretor de 2008....	27
Figura 4. Mapa das Áreas de Especial Interesse Social do Plano Diretor – ano 2007.....	30
Figura 5. Regiões Integradas de Segurança Pública (RISP).....	50
Figura 6. Representação da violência feita por uma página no facebook contra Guarus.....	61
Figura 7. Capa do Jornal Folha da Manhã com expressões que sugere altos índices de violência.....	63
Figura 8. Capa de homicídio com o título Guarus em destaque.....	65
Figura 9. Capa com homicídio de um empresário na Pelinca.....	66
Figura 10. Bairros mais noticiados no crime homicídio nos anos de 2003 e 2006.....	70
Figura 11. Bairros mais noticiados no crime homicídio nos anos de 2009 e 2013.....	71
Figura 12. Bairros mais noticiados no crime homicídio no ano de 2015.....	72
Figura 13. Bairros mais noticiados no crime roubo a transeunte nos anos de 2003 e 2006.....	74
Figura 14. Bairros mais noticiados no crime roubo a transeunte nos anos de 2009 e 2013.....	75
Figura 15. Bairros mais noticiados no crime roubo a transeunte em 2015.....	76
Figura 16. Bairros mais noticiados no crime estupro nos anos de 2003 e 2006.....	77
Figura 17. Bairros mais noticiados no crime estupro nos anos de 2009 e 2013.....	78
Figura 18. Bairros mais noticiados no crime roubo a residência nos anos de 2003 e 2006.....	80
Figura 19. Bairros mais noticiados no crime roubo a residência nos anos de 2009 e 2013.....	81
Figura 20. Bairros mais noticiados no crime roubo a residência em 2015.....	82

## Lista de Tabelas

Tabela 1. Evolução da quantidade de Favela em Campos dos Goytacazes de 1940 a 2010...	32
Tabela 2. Conjuntos habitacionais em Campos dos Goytacazes.....	34
Tabela 3. Total anual de delitos em Campos dos Goytacazes.....	52
Tabela 4. Comparação dos totais anuais dos delitos: homicídio, estupro, roubo a transeunte e roubo a residência entre os jornais O Diário e Folha da Manhã.....	63
Tabela 5. Homicídios entre as 134 <sup>a</sup> DP e 146 <sup>a</sup> DP de Campos dos Goytacazes no jornal Folha da Manhã.....	64
Tabela 6. Estupro entre as 134 <sup>a</sup> DP e 146 <sup>a</sup> DP de Campos dos Goytacazes no jornal O Diário.....	67
Tabela 7. Roubo a transeunte entre as 134 <sup>a</sup> DP e 146 <sup>a</sup> DP de Campos dos Goytacazes no jornal O Diário.....	68
Tabela 8. Roubo a residência entre as 134 <sup>o</sup> DP e 146 <sup>o</sup> DP de Campos dos Goytacazes no jornal O Diário.....	68

## Lista de Gráficos

Gráfico 1. Principais razões que levaram os cidadãos a residir em condomínios.....	41
Gráfico 2. Comparação das ocorrências de Homicídios Doloso entre as unidades territoriais da 134ª DP e 146ª DP por 50.000 hab. no período entre 2003 a 2015.....	53
Gráfico 3. Comparação das ocorrências de Roubo a Transeunte entre as unidades territoriais da 134ª DP e 146ª DP por 50.000 hab. no período entre 2003 a 2015.....	54
Gráfico 4. Comparação das ocorrências de Estupros entre as unidades territoriais da 134ª DP e 146ª DP por 50.000 hab. no período entre 2003 a 2015.....	55
Gráfico 5. Comparação das ocorrências de Roubo a residência entre as unidades territoriais da 134ª DP e 146ª DP por 50.000 hab. no período entre 2003 a 2015.....	56
Gráfico 6. Comparação das ocorrências de homicídio doloso entre Campos dos Goytacazes, Capital e Estado do Rio de Janeiro por 100.000 hab. no período entre 2003 a 2015.....	57
Gráfico 7. Comparação das ocorrências de roubo a transeunte entre Campos dos Goytacazes, Capital e Estado do Rio de Janeiro por 100.000 hab. no período entre 2003 a 2015.....	57
Gráfico 8. Comparação das ocorrências de estupro entre Campos dos Goytacazes, Capital e Estado do Rio de Janeiro por 100.000 hab. no período entre 2003 a 2015.....	58
Gráfico 9. Comparação das ocorrências de roubo a residência entre Campos dos Goytacazes, Capital e Estado do Rio de Janeiro por 100.000 hab. no período entre 2003 a 2015.....	59

## Lista de Siglas

CIDAC: Centro de Informações e Dados de Campos

PDUC: Plano de Desenvolvimento Urbanístico e Territorial de Campos

AEIS: Áreas de Especial Interesse Social

ISP: Instituto de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro

RISP: Regiões Integradas de segurança Pública

AISP: Áreas Integradas de Segurança Pública

DP: Delegacia de Polícia

TCP: Terceiro Comando Puro

ADA: Amigo dos Amigos

TCA: Terceiro Comando dos Amigos.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO 01. A SEGREGAÇÃO RESIDENCIAL EM CAMPOS DOS GOYTACAZES: ORIGENS DA VIOLÊNCIA URBANA .....</b>	<b>15</b>
1.1 - A formação do espaço Urbano de campos dos Goytacazes: o processo de segregação histórico-espacial .....	18
1.2 - O Processo de favelização e os bairros periféricos.....	28
1.3- A autosegregação: a expansão dos condomínios horizontais fechados .....	35
<b>CAPÍTULO 02. VIOLÊNCIA REAL E REPRESENTAÇÃO DA VIOLÊNCIA EM CAMPOS DOS GOYTACAZES .....</b>	<b>46</b>
2.1 - A violência criminosa em Campos dos Goytacazes.....	49
2.2 - A representação da violência e a violência da representação .....	60
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>84</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>87</b>

## INTRODUÇÃO

A insegurança tornou-se um discurso recorrente nas cidades contemporâneas. Parte do discurso do medo tem como base a realidade, a partir de fatos que ocorrem, entretanto, parte da construção do sentimento de insegurança e medo nas cidades, é construída pela mídia, que gera percepções e representações distorcidas sobre o problema. Mesmo quando refletem fatos reais, o foco da mídia sustenta o discurso do medo e não aprofunda a análise da questão.

Outrossim, as análises sobre a violência estão concentradas nas metrópoles e capitais do território brasileiro. Neste trabalho, buscou-se analisar a *violência real* e a *representação da violência* em Campos dos Goytacazes, considerando os crimes de homicídio, estupro, roubo a transeunte e roubo a residência no período entre 2003 a 2015, em uma *cidade média* que faz parte da Região Norte Fluminense, conhecida por receber elevadas compensações financeiras em função da extração de petróleo na Bacia de Campos.

A violência, no pensamento da população, das classes sociais de renda elevada e das classes médias, geralmente, está associada à presença de grupos sociais de menor poder aquisitivo. Com isto é almejado que os mesmos se localizem o mais distante possível, aumentando o processo de segregação socioespacial. Na atualidade, pode-se observar nas cidades a fragmentação socioespacial, representados concretamente pelos residenciais fechados. Quanto maior for a violência, seja uma violência real ou a sensação de violência causada pela mídia, mais as cidades criam padrões de organização do espaço urbano com base na *segregação residencial* (CORRÊA, 2013).

Na história urbana do Brasil, pode-se identificar processos de produção do espaço baseados na segregação, em Campos dos Goytacazes não é diferente, pois a formação do espaço urbano, como veremos, foi construída através de políticas que fomentavam a segregação (FARIA, 2005, p.4778). No espaço urbano do município a fragmentação socioespacial se faz presente, representadas pelos residenciais fechados, bem como nas grandes cidades. Outro fator que Campos se assemelha às grandes cidades é o alto índice de violência criminosa, sobretudo o homicídio.

Em Campos as moradias de alto padrão concentravam-se, predominantemente, no entorno da área central, pois eram e são áreas mais valorizadas. A população menos abastada ocupava predominantemente áreas periféricas (FREITAS, 2011, p. 57). Este modelo centro-periferia deu lugar à nova configuração do espaço urbano, apresentando-se fragmentada.

Com forte influência da arquitetura e urbanismo que visavam características modernas, principalmente para romper com a estrutura urbana colonial, o centro (Centro Histórico) de

Campos passou a ser inviável para o novo padrão de moradia. Esse novo padrão proporcionou a expansão da cidade para o oeste, porque eram as áreas “mais altas” da cidade, além de conter alguns serviços de infraestrutura na época, passando a existir novos residenciais da burguesia (FREITAS, 2011 p. 60). Essa área corresponde, sobretudo à Avenida Pelinca, Parque Tamandaré e Jardim Maria de Queiroz e seu entorno.

Esta área passou a atrair novos investimentos públicos e instalações de comércio, restaurante e bancos. Como uma nova centralidade, esta área começou a atrair moradias voltadas à população de alta renda, como condomínios de apartamentos (FREITAS, 2011, p. 61)

Em Campos podem ser observados os condomínios residenciais horizontais fechados concentrados nos espaços periféricos, bem como a verticalização nas áreas mais nobres da cidade voltados para as classes médias/altas, sobretudo no primeiro subdistrito do distrito Sede.

A concentração dos residenciais verticais nas áreas centrais ocorre principalmente por dois fatores: pela falta de espaço físico na área central (nas áreas melhor dotadas de infraestrutura), além do fator principal, o lucro proveniente da especulação imobiliária (FREITAS, 2011, p. 64). Além disso, inegavelmente são as áreas mais bem dotadas de serviços e comércio, o que torna essas regiões bastante preteridas pelos grupos sociais na escolha do lugar para habitar.

O setor imobiliário reforça a segregação na cidade no sentido Centro-Guarus, já que as residências de alto padrão se localizam nas vizinhanças da área central da cidade e há uma divisão bem definida entre os bairros centrais e as periferias, especialmente dos bairros periféricos de Guarus. No caso de Guarus, as imobiliárias afirmam que não há interesse de compradores em Guarus (FREITAS, 2011, p. 70). Nos últimos anos têm surgido no bairro Santa Clara, residenciais fechados horizontais, porém, quem têm adquirido esses imóveis são os próprios moradores da região. Ou seja, para obtenção de lucros, se têm investido nesse tipo de habitação para os diferentes consumidores.

O distrito de Guarus, conta com quarenta bairros, segundo o site do Centro de Informações e Dados de Campos para o Desenvolvimento Amilcar Cabral (Cidac<sup>1</sup>). A população residente no primeiro subdistrito, de modo geral, enxerga o subdistrito de Guarus como muito violento. O problema em questão é a generalização. Os bairros dessa localidade mais representadas na mídia são: Santa Rosa, Parque Guarus, Custodópolis, Jardim Carioca,

Parque Aldeia, Cidade Luz, Eldorado e São José. Observe que o distrito conta com quarenta bairros, sendo seis os mais destacados na mídia, e a população trata todo o subdistrito como muito violento. A representação da violência criminosa pela mídia tem papel fundamental na difusão da idéia de que Guarus, enquanto subdistrito, é muito violento, trata-se da *violência da representação*.

A violência é entendida como polissêmica, podendo ser física e psicológica, criminosa e consentida, interpessoal e violência da pobreza, entre outros. Sendo assim, simplista afirmar que a mesma é resultado somente da criminalidade ou ainda, a violência real não está apenas associada a crimes cometidos pela população que vive em favelas ou em bairros periféricos. A violência urbana vem crescendo, assumindo novos aspectos e formas, daí surge à importância da discussão sobre a violência. Ela está presente nas cidades, não ficando reservada ao momento atual, pois ela sempre existiu, porém, de formas distintas. O que se ressalta é que no processo histórico, a insegurança assume novos aspectos. Atualmente está associada à presença de inimigos internos, marginalizando principalmente grupos sociais menos abastados, em outras palavras, está ligada a convivência entre os diferentes tipos de classes (SPOSITO E GÓES, 2013, p. 161)

No cenário brasileiro podemos identificar três dimensões da violência. A percepção, os fatos e as explicações conforme apontam Sposito e Góes (2013). A primeira refere-se a como o indivíduo percebe a violência. A mídia tem papel fundamental, pois reproduz a violência todos os dias nos meios de comunicação. O problema que pode ocorrer, é que a percepção da violência pode ser maior do que realmente na concretude (SPOSITO E GÓES, 2013, p 166). Isto gera uma complicação ainda maior, visto que, se a população tem a sensação de insegurança exagerada, pelo fato da sua percepção sobre a violência ser exacerbada, pode-se então, haver segregações geradas por violências representadas, em outras palavras, acabam ocorrendo segregações baseadas pela percepção. A segunda diz respeito a fatos de violência concretos, observados através de dados. E por ultimo as explicações, que é resultado dos acontecimentos traumáticos das pessoas, ou seja, como a pessoas relatam a violência que sofreram, denominado como a *fala do crime* por Teresa Caldeira (2011).

Nesta pesquisa, a violência será abordada na perspectiva de Sposito e Góes<sup>2</sup>, a violência como uma instituição social, que agride o corpo, a psique e a consciência de pessoas, bem como comunidades, classes sociais e etnias.

---

<sup>1</sup> Dados disponíveis no site do Cidac <<http://www.cidac.campos.rj.gov.br/dados/PB2014/>> Acesso em 27/07/2015.

<sup>2</sup>Sposito e Góes (2013), fundamentam-se em Moarais (1985) e Taille (2000) na concepção de violência.

O Brasil em 2012 ficou na 11ª posição em óbitos por as armas de fogo, com 42.416 de mortes, sendo 40.077 em homicídios. O estado do Rio de Janeiro teve neste mesmo ano 3.593 óbitos por arma de fogo, ficando em 16º posição entre os estados. Campos dos Goytacazes, em 2012 ficou em 76º em homicídios por armas de fogo com população acima de 15.000 habitantes, tendo 122 óbitos neste ano (WASELFSZ, 2015). O homicídio e o estupro ocorrem mais na área da 146º DP (Guarus), ao passo, que os roubos a transeunte e residência ocorre mais na área da 134º DP (Centro). Os crimes de estupro e roubo a residência são poucos expressivos.

O município apresenta grande concentração de renda. No Índice de Gini, Campos apresenta 0,57 em 2010, numa escala de 0 a 1, (0, representando uma distribuição de renda igualitária e 1, representando máxima desigualdade na distribuição de renda), superando o valor de 0,49 do estado do Rio de Janeiro e do Brasil (0,51)<sup>3</sup>.

A concentração de renda se reflete no espaço e o próprio espaço urbano é um componente da desigualdade social, pois Campos dos Goytacazes segundo o censo 2010 apresenta 27 aglomerados subnormais, assim como condôminos e bairros de alto padrão esses em sua maioria concentrados na Região do Centro, apresentando nos últimos anos a fragmentação do espaço urbano. Dessa forma, investigamos os tipos de violências que ocorrem no espaço urbano da cidade e quais as bases reais contidas na representação da violência na cidade. O que poderia indicar se Campos dos Goytacazes apresenta segregação residencial relacionada também pela representação da violência.

Para essa pesquisa foram realizados alguns procedimentos metodológicos como levantamento bibliográfico sobre o tema; pesquisa de dados secundários no Instituto de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro (série histórica 2003 a 2015); entrevistas com agentes de segurança pública, especificamente com o delegado de uma das delegacias de polícia do município (a 146ª DP). Foram também realizados levantamentos de dados sobre alguns crimes, como estupros, roubos a transeunte e a residências e homicídios nos jornais “O Diário” e a “Folha da Manhã”. Após os levantamentos dos dados foram feitos gráficos, tabelas e mapas para auxiliar as análises.

Esta pesquisa tem como objetivo geral analisar a segregação residencial e violência urbana em Campos dos Goytacazes por meio da perspectiva da *violência real* e da *representação da violência*. Assim temos como objetivos específicos Compreender a

---

<sup>3</sup> Dados disponíveis na Câmara Municipal de Campos <<http://www.camaracampos.rj.gov.br/wp-content/uploads/2013/07/Trabalho-sobre-Campos-dos-Goytacazes.pdf>> Acesso em 24/07/2015.

formação do espaço urbano de Campos dos Goytacazes; analisar a segregação residencial; investigar e analisar os dados sobre violência urbana em Campos dos Goytacazes; Identificar os diferentes tipos de violência urbana considerando os dois subdistritos em Campos; Investigar os discursos presentes na mídia local sobre a violência urbana; Entender a Segregação urbana a partir da violência.

Para exposição da pesquisa, o trabalho foi dividido em dois capítulos, No Primeiro Capítulo, discorreremos sobre o processo da formação do espaço urbano da cidade de Campos dos Goytacazes, destacando a ação dos poderes públicos por meio das intervenções nos planos urbanísticos, identificando o processo de favelização e bairros periféricos. Em Seguida, apresentamos uma análise da segregação residencial de Campos, a partir da autosegregação, discutindo a distribuição dos condomínios residenciais fechados no espaço urbano. No segundo capítulo, analisamos a violência criminosa no período entre 2003 a 2015 dos crimes de homicídio, roubo a transeunte, estupro e roubo a residência, bem como o tratamento da mídia desses dados, ou seja, a representação dos fatos concretos de violência criminosa, ocorrida no espaço urbano. Finalizamos o trabalho tecendo algumas considerações e reflexões sobre a discussão da segregação residencial a partir da combinação entre violência e representação da violência.

## CAPÍTULO 01. A SEGREGAÇÃO RESIDENCIAL EM CAMPOS DOS GOYTACAZES: ORIGENS DA VIOLÊNCIA URBANA.

Campos dos Goytacazes pode ser considerada uma *cidade média*, analisando a situação geográfica, conforme as definições de Corrêa (2007) que a define pela combinação entre tamanho demográfico, funções urbanas e organização do espaço intraurbano. Uma das principais características desses espaços é a presença de equipamentos e serviços diferenciados, estabelecendo uma influência urbano-regional. Ainda segundo Corrêa, existe três fatores que o sustentam: a ação da elite empreendedora, a localização relativa, e as interações espaciais.

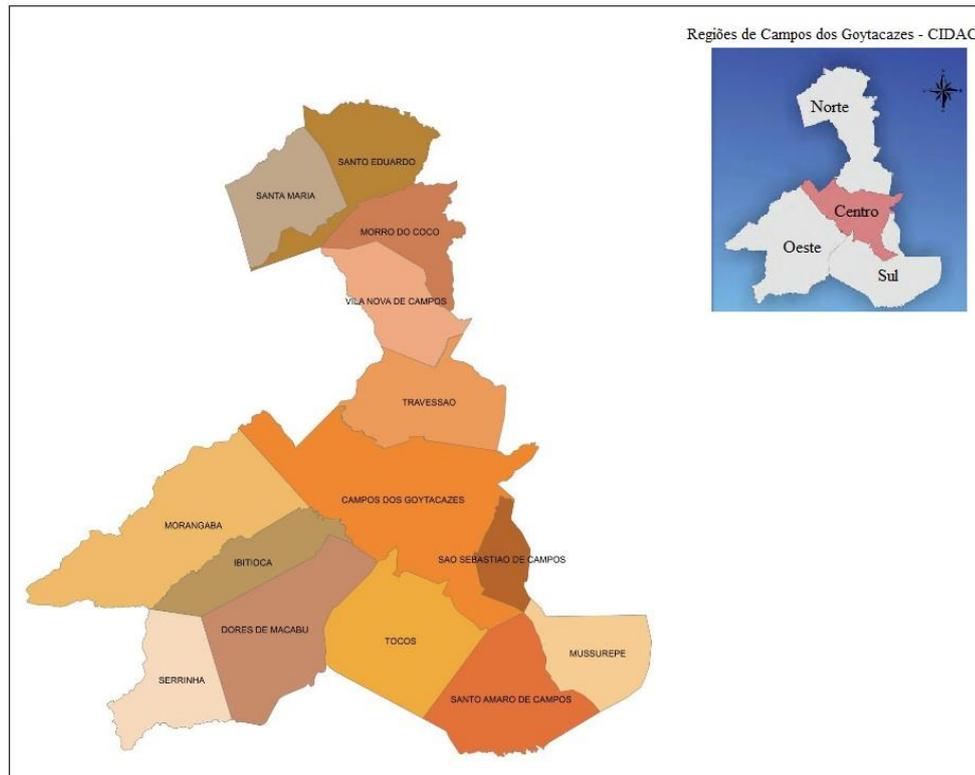
Campos dos Goytacazes é conhecida por receber elevadas compensações financeiras em função da extração de petróleo em sua Bacia, especialmente após a década de 1990. Segundo IBGE (2010), o município possui uma área de 4.026,370 km<sup>2</sup>, sendo o maior em extensão do estado, com população de 463.731 habitantes. Segundo o CIDAC, a taxa de urbanização em 2010 foi de 90,29%, com crescimento de 6,91%.

O município é dividido em quatro regiões: a Região Norte, Região Oeste, Região Sul e a Região Centro. Esta divisão regional é usada pelo Centro de Informações e Dados de Campos (CIDAC<sup>4</sup>) para a elaboração do perfil dos bairros do município. No Anuário estatístico de 2015 (CIDAC), o município conta com quatorze distritos: Campos dos Goytacazes (Distrito Sede); Santo Amaro; São Sebastião; Mussurepe; Travessão; Morangaba; Ibitioca; Dores de Macabu; Morro do Coco; Santo Eduardo; Serrinha; Tocos; Santa Maria; Vila Nova. A Região Centro compreende o mesmo espaço físico que o Distrito Sede. (Figura1).

---

<sup>4</sup>Diponível em < <http://cidac.campos.rj.gov.br/wp-content/uploads/files/perfil-bairros-2014/#p=1> > Acesso em 06 de abril de 2016.

Figura 1- Distritos e regiões de Campos dos Goytacazes segundo o CIDAC - 2015.

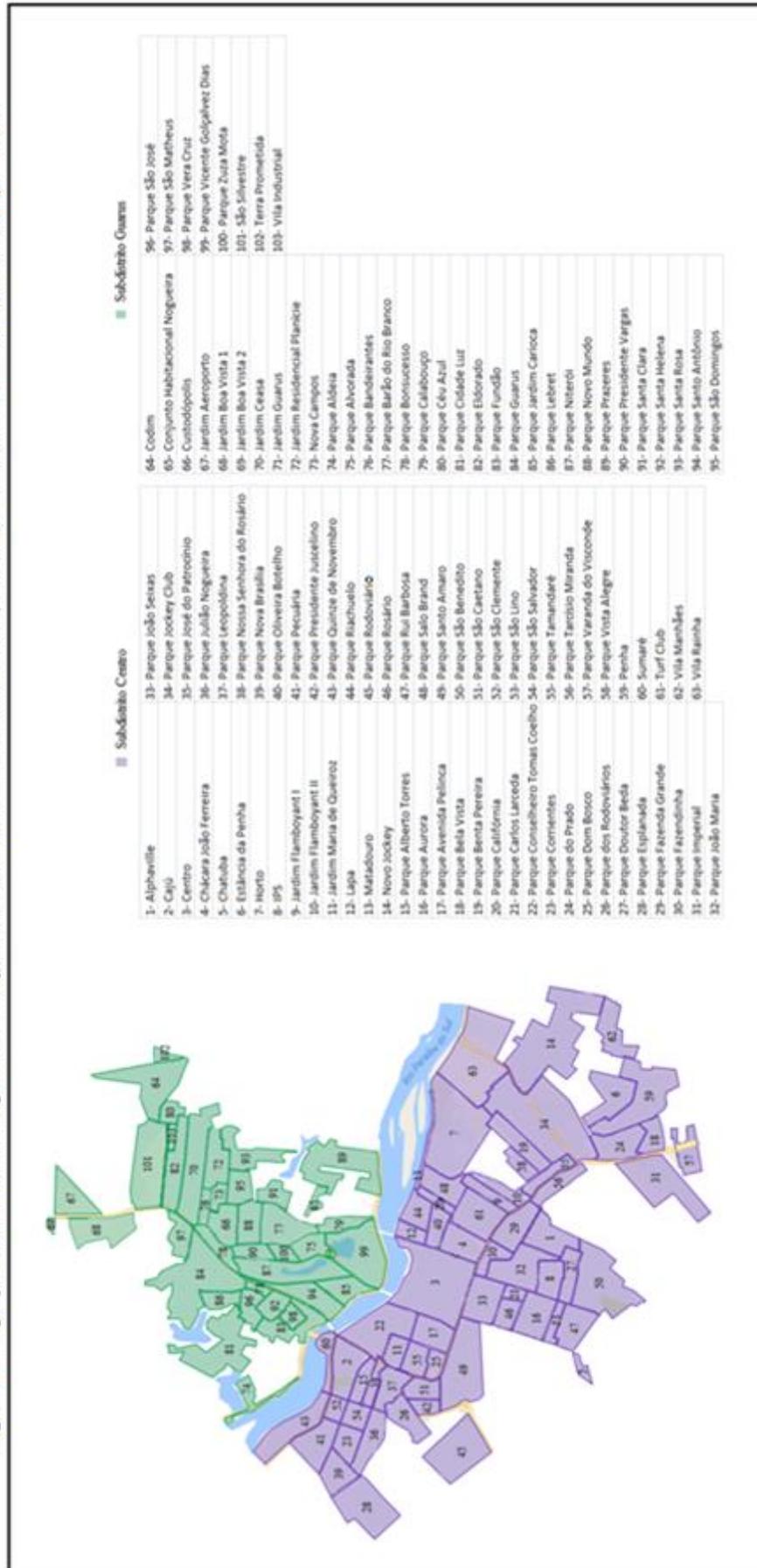


Fonte: Imagens CIDAC; modificado pela Autora.

Segundo o perfil histórico de Campos no anuário estatístico, o antigo distrito de Guarus foi anexado ao distrito sede em 1967. Embora não seja mais um distrito, a população ainda o tem como tal. Igualmente aconteceu com o distrito de Goytacazes, que passou a integrar ao distrito sede, na análise adotada pelo CIDAC. No Plano Diretor de Campos, Goytacazes é considerado como segundo distrito do município, mas é uma área conurbada. Entenderemos Goytacazes como parte integrante do distrito Sede, conforme adotada pelo CIDAC, porém não fará parte do nosso recorte analítico.

O presente trabalho irá ter como recorte espacial o espaço urbano de Campos dos Goytacazes. O distrito Campos dos Goytacazes (Sede) possui cento e quatorze bairros segundo o perfil dos bairros do CIDAC, porém a área do nosso recorte espacial analítico engloba cento e três bairros. Os outros bairros foram desconsiderados na pesquisa por causa da distância do núcleo principal, apresentando particularidades inviáveis de serem analisadas neste trabalho, em razão do tempo. Dos cento e três bairros, sessenta e três estão localizados no 1º Subdistrito Centro e os outros quarenta no 2º Subdistrito Guarus. A divisão dos subdistritos tem como marco o Rio Paraíba do Sul (Figura 02).

Figura 2. Espaço urbano de Campos dos Goytacazes: bairros do Distrito Sede (Subdistrito Centro e Subdistrito Guarus) - 2015



Fonte: CIDAC; Correios; Google Maps; Elaboração da Autora.

A área do bairro Calabouço na Figura 2 compreende o mesmo território do Parque Residencial da Lapa no CIDAC e o mesmo que Parque Alvorada pelo Google Maps, ou seja, Parque Calabouço, Alvorada e Parque Residencial da Lapa compreendem o mesmo espaço, nomeado por diferentes formas pelos CIDAC, Google Maps e Correios. Preferimos utilizar a nomenclatura dos Correios, visto que a população residente no local considera como tal. O Parque Rodoviário do presente trabalho é baseado na nomenclatura e desenho do Google Maps. No CIDAC essa área compreende somente a Rodoviária Shopping Estrada, sendo considerada pelo mesmo um bairro, ficando assim obsoleto já que a área cresceu de 2014 até 2017, com a incorporação de alguns residenciais fechados (horizontais). Nos Correios não há um consenso, sobre qual bairro consiste a área, pois cada rua era considerada de um dos bairros vizinhos como Parque dos Rodoviários e Parque Santo Amaro. Como ambas as bases utilizadas para a delimitação dos bairros deste trabalho apresentaram problemas, preferimos adotar o bairro apontado pelo Google Maps. O bairro Parque Visconde de Ururá, assim nomeado pelo Correios, compreende o mesmo espaço que o bairro Leuret, conhecido pela população residente local e também citado nos dados dos jornais pela mesma forma.

Não utilizamos as divisões regionais administrativas propostas e disponibilizadas pelo CIDAC, Plano Diretor ou pelo Instituto de Segurança Pública, pois apresentavam recortes diferentes e se adequavam as suas respectivas necessidades. Com isso cada uma das opções não abarcava completamente o espaço de interesse da nossa pesquisa. Então para contemplar este recorte se fez necessário fazer um mapa com os bairros do primeiro e segundo subdistrito que nos possibilitou analisar a violência a partir dele.

### 1.1 A formação do espaço Urbano de campos dos Goytacazes: o processo de segregação histórico-espacial.

O espaço urbano é compreendido por Correa (2005), como resultado dos diferentes usos do solo. Esses usos são compreendidos como a organização espacial da cidade, que se apresentam fragmentados, já que definem áreas tais como área de lazer, áreas residenciais, áreas industriais, locais onde se concentram as atividades comerciais, o centro da cidade, áreas que são distintas em forma e conteúdo social. O espaço urbano é fragmentado justamente por esta justaposição de usos, com diferentes agentes e passíveis a mudança no processo histórico. É articulado, pela existência de fluxos de pessoas, mercadorias, informações, decisões. É reflexo da sociedade, pois revela a estrutura social, vista através das

classes sociais, onde se observa segregação e desigualdade. É um condicionante social, isto porque as formas espaciais condicionam as práticas sociais, é um espaço simbólico que contém valores, mitos, crenças e Campo de lutas já que existem no espaço urbano conflitos, falta de cidadania e desníveis de renda, gerando movimentos sociais no espaço urbano.

É pertinente destacar que o espaço urbano revela a existência de centros e periferias, desta forma são conceitos-chave desta pesquisa. Apesar de se apresentar ultrapassado na compreensão de determinadas estruturas urbanas, por causa do surgimento de novas centralidades, se faz oportuno assimilar, visto que Campos teve seu crescimento urbano no sentido centro-periferia, conforme aponta Faria (2005, p. 4778).

Esta oposição centro-periferia foi abordada por Flavio Villaça (2001) como padrão de segregação, tendo o Estado como um dos principais elementos, pois suas intervenções favorecem determinadas frações da sociedade em detrimento de outras áreas ocupadas pelas frações restantes, isto porque, o centro seria dotado de serviços urbanos públicos e privados, ocupados pelas classes abastadas, ao passo que, a periferia desfavorecida, sendo ocupadas pelas classes de menores rendas e com menos poder de decisão sobre a condução das políticas urbanas.

Ainda com Villaça (2001), a oposição centro e periferia seria produzido pelo mesmo processo, a disputa pelo controle das condições de deslocamento, visando otimizar o uso desse tempo ou controlá-lo. O surgimento do centro está na possibilidade de redução do tempo gasto, desgastes e custos causados pelos deslocamentos. O desenvolvimento do centro e periferia é resultado de uma disputa com interesses por vezes contraditórios, pois a classe que teve interesse de otimizar seu tempo, pode preferir morar em um terreno maior e com o ar mais puro, na periferia. O deslocamento dessas classes para a periferia só foi possível, pela intervenção do Estado que construiu rodovias, e assim para lá vão todas as estruturas necessárias para acomodar essas classes, podendo surgir novas centralidades. Por isso dominar o centro e ter acesso a ele representa acessar vantagens materiais e também simbólicas.

O centro corresponde a áreas que concentram as organizações econômicas, social e política, aumentando o fluxo de pessoas, circulação de bens e informações (SPOSITO E GÓES, 2013, p.121). Essas organizações que se concentram no centro, cumprem as exigências do capital. Assim está destinado a periferia as áreas mais distantes do centro, por questões de espaço (FARIA, 2005, p. 4778), ou mesmo, as periferias estão próximas ao

centro, mas são denominadas periferias em função das precariedades a que estão sujeitas, por isso são definidas, pelo seu conteúdo como segregadas.

O fato de a área central ter mais atenção das instituições públicas e ou privadas para as intervenções agrega a ele maior valor. Está próximo dele, significa ter fácil acesso a todos os bens e serviços, ou seja, ter um domínio material concreto, além da simbologia (FARIA, 2005, p.4778). Com o surgimento de residenciais fechados de alto padrão principalmente horizontais nas periferias, nasce outra forma simbólica de *status* não guiada somente pela proximidade e acesso aos bens e serviços, pois nesse tipo de moradia, os bens e serviços vão até eles ou esses moradores portam veículos particulares que possibilita uma mobilidade fácil. Agora o que está envolvido nesta simbologia é a segurança, infraestrutura, separação concreta através dos muros, área verde com projeto paisagístico.

Campos dos Goytacazes obteve lugar de importância em toda a Região Norte e Noroeste. Campos e São João da Barra foram os primeiros centros urbanos da região. A principal área de interesse da Capitania São Tomé é o atual município campista. Em 1835, passou de vila de São Salvador dos Campos dos Goytacazes, a posição de cidade (FARIA, 2005, p.4784). Isto ocorreu por se destacar no cenário nacional na atividade canavieira. Até o fim do século XVIII enquanto vila, sua economia se baseava na comercialização de mercadorias pelo Rio Paraíba, as construções de residências da população pobre eram térreas de material conhecido como “pau a pique e taipa”. As casas das famílias mais abastadas eram imensos sobrados concentrados na área rural, perto dos engenhos, além dessas, tinham sofisticadas casas na cidade, como segunda propriedade, que estão em destaque até os dias atuais (FREITAS,2011, p. 57). No final do século XIX o crescimento do espaço físico da cidade se concentrava na área central de Campos, enquanto a área compreendida por Guarus hoje não constatava crescimento (VIEIRA; FARIA, 2003, p.13).

Na rede urbana da região Norte Fluminense, Campos é o principal centro urbano, identifica-se como sede das atividades comerciais, sempre articulado e integrado com a Capital (FARIA, 2005, p. 4784). A concentração dos principais comércios, solares de senhores de terras, atividades políticas e sociais na Praça São Salvador tornou-a atrativa, evidenciando sua centralidade (FREITAS, 2011, p. 57). Em 1880, Campos se preparava para organizar o espaço por causa das transformações advindas com a mecanização dos engenhos, mas a maioria da população se localizava nas áreas rurais, como indicou o censo de 1920, 74% da população residiam no campo e 26% na área urbana. As transformações ocorridas na área central de Campos, devido às diversas atividades realizadas na sua área, além de estar no

auge da produção açucareira, fez com que a população reivindicasse uma comunicação entre o Centro e o Norte da cidade (Guarus).

Por volta de 1675 a área de Guarus era destinada em sesmarias aos índios Guarulhos, para formarem nesta área uma aldeia, sob a “proteção” da ordem católica dos padres Beneditinos (VIEIRA; FARIA, 2003, p.12). Por isso foi dado à área este nome.

As primeiras construções que concretizaram esta comunicação foram à ponte metálica em 1873 e mais tarde, em 1877, a construção da Estrada de Ferro Campos-Carangola que atravessava o Centro até Guarus, a partir daí a população começou a se concentrar próximo a estação, começando o crescimento efetivo na área do atual subdistrito Guarus (VIEIRA; FARIA, 2003, p.13).

Faria (2003) abordou que durante o período colonial, a expansão da área urbana destacou notáveis problemas de insalubridade, terrenos localizados em área pantanosa, péssimas condições dos cortiços, problemas de ordem sanitária (que se agravavam com as inundações), que acometia o espaço urbano.

Em meados do século XIX, havia a preocupação de inserir Campos no processo de modernização brasileira, existiam inúmeras intervenções urbanísticas, como construções de canais, instalação de água e esgoto, construção de estradas de ferro, incluindo instalação da luz elétrica. No século XX, surgiram alguns projetos urbanísticos. Faria (2005) aborda que em 1902, o engenheiro sanitarista Francisco Saturnino Rodrigues de Brito arquitetou um projeto de cunho positivista, preocupado com a questão de higiene e saneamento público, visando aplicar a toda cidade. Saturnino de Brito contemplou somente as áreas centrais, com intervenções pontuais e isoladas. As políticas não foram direcionadas para Guarus, não havendo nenhuma transformação nesta área, apesar de o projeto considerar certa área de Guarus como parte da zona urbana a ser tocada (VIEIRA; FARIA, 2003, p.13).

A respeito da bandeira “sanitarista”, Pohlmann (2003, p. 74-76) afirma que a partir de 1902, começaram a ser implementadas medidas de higiene do espaço público, especialmente nas áreas centrais da cidade, colocando normas de condutas e uso do espaço, incluindo a proibição de quitandas no centro, pois na concepção dos membros da Câmara, a presença desses ambulantes denegria a imagem da cidade. Tais decisões baseavam-se na idéia de que tudo que tinha relação com os pobres era apontado como desordem. Observa-se que os projetos urbanísticos geraram uma segregação socioespacial. Guarus desde a sua formação era destinada aos pobres e segregada por parte das autoridades.

Em meados das décadas de 20 e 30, as transformações tinham critérios restritos a expansão das áreas centrais, a higiene, a saúde e o embelezamento da cidade. É importante salientar, que os planos urbanísticos não visavam somente à mudança na questão sanitária da cidade, já havia interesses imobiliários. Tinha-se também, a intenção de construir imóveis destinados à moradia e pontos comerciais. Pohlmann (2003, p. 79) demonstra numerosas ações do poder público acatando tais interesses, como a retirada dos cortiços da área central, por causa da persistência de determinados grupos do setor imobiliário, desapropriando prédios passíveis a proliferação de doenças e de terrenos da zona de interesse público, gerando valorização do solo urbano, sobretudo na área central da cidade. Com isso, ocorreram mudanças na arquitetura, na estrutura social e urbana. Paralelo a estes, começaram obras de infraestrutura e construções nas áreas desapropriadas, tais como comércios de luxo, cafeterias, teatros, além das edificações da burguesia, intelectuais e profissionais liberais que compunham a elite campista.

As classes mais abastadas influenciadas pela arquitetura e urbanismo moderno aspiraram um novo padrão de moradia, no qual o centro urbano não se enquadrava, pois apresentava estrutura colonial, a partir daí perdeu a sua função de moradia. Assim o espaço urbano começou a se modificar nas décadas iniciais do século XX. A expansão para o oeste ocorreu por essa necessidade das classes de alto poder aquisitivo de uma nova área para moradia, área esta que era um dos espaços de investidas do governo (FREITAS, 2011, p. 59). A razão de tal interesse se dava pelas investidas em construções urbanas como; o alinhamento da Rua Alberto Torres, construção da Praça do Liceu, Estação da Estrada de Ferro Leopoldina e linha do bonde que ligava o centro a Estação. O posicionamento em torno do Liceu se dava devido ser um dos pontos mais altos da cidade, estrategicamente se precavendo de possíveis inundações do rio Paraíba do Sul, oportunizando fixar um dos bairros nobres da cidade chamado bairro Jardim Maria de Queirós (FARIA, 1976, p.8).

Havia diferenciação no município por dois aspectos interdependentes: a valorização da área central, tendo prioridade nas intervenções públicas, garantindo a burguesia o desenvolvimento e progresso, em detrimento das áreas periféricas, ocupada pelos grupos mais pobres. A periferia era fadada a construções de cemitérios, hospitais de caráter epidêmico e contagioso, presídios e matadouros (FARIA, 2005, p.4785). Freitas (2011, p. 60) reafirma que Campos tinha duas configurações, de um lado um centro urbanizado, saneado e ornamentado e por outro lado; bairros periféricos, ocupados por pobres, sem saneamento e outros serviços de infraestrutura. Evidencia que o governo permitiu a segregação, implantando bases

legítimas para o mercado imobiliário da corte capitalista, quando realizou obras para a eliminação das epidemias e ornamentando as paisagens. A “modernização” não chega para as classes menos abastadas, sendo segregada, sobrevivendo em condições inseguras por falta de serviços de infraestrutura (FARIA, 2005, p.4786).

Da década de 40 em diante, foram revistos a funcionalidade do espaço urbano e seus critérios de uso devido à conjuntura socioespacial em que se encontrava. Para melhorar a configuração espacial surgiram critérios racionais e científicos guiados pelo urbanismo moderno (FARIA, 2005, p.4787). O ativismo social fez com que houvesse revisões, utilizando a imprensa para atentar o caso de haver uma preferência das áreas centrais favorecidas pelas intervenções, enquanto a periferia era carente de ações públicas. A população reclamava sobre a falta de energia elétrica e pavimentação das ruas, além de não haver ligação entre determinados bairros ao centro em períodos de chuvas (FARIA, 2005, p.4787). O então prefeito Mário Motta utilizou a imprensa para divulgar um projeto de reforma urbana que incluía a construção de diques, planejamento de ruas e praças, embelezamento da Avenida Beira Rio e melhoras no meio de transporte. Com a circulação de bondes elétricos e ônibus, houve a necessidade de reorganizar o espaço, criando paradas no centro da cidade, prolongamentos das ruas, unindo bairros mais distantes ao centro (FARIA, 2005, p.4788).

O que houve nesses anos 40 foi à expansão territorial coligada ao transtorno de mobilidade espacial (FARIA, 2005, p.4788). O prefeito Salo Brand então contrai um empréstimo de vinte milhões de cruzeiros para realizar o projeto urbanístico, com o propósito de providenciar o desenvolvimento da expansão da cidade. Entendia-se que Campos tinha problemas econômicos com a crise do açúcar, mas também social e urbanístico (FARIA, 2005, p.4788). Em 1944, a Empresa Coimbra Bueno elabora um Plano Urbanístico requerido por Salo Brand, idealizado para reparar os erros das intervenções anteriores, que valorizavam e ornamentavam as áreas centrais, visando agora à integração dos diversos bairros desconsiderados nos planos anteriores. O plano Conhecido como Plano Urbanístico de 1944 previa áreas para a expansão da cidade, planejando novos bairros, incluindo a integração de bairros a cidade como: parte de Guarus, o Turf, Saco e Matadouro. Estabeleceu os limites da cidade divididos em zona urbana, suburbana e rural. O planejamento não foi colocado em prática na sua totalidade, mas reorganizou a cidade, associando à funcionalidade e embelezamento, orientando a ampliação em sentido a periferia (FARIA, 2005). Neste mesmo período, Guarus é inserida na zona urbana como 6º distrito de Campos. Este plano considera uma parte da área de Guarus e tem como objetivo a criação de um bairro moderno, o Parque

Guarus, criação aprovada em 1956 (VIEIRA; FARIA, 2003, p.15). Nas décadas seguintes (50 e 60), acentuou o dualismo centro-periferia, sinalizando a falta de aplicação nas áreas apontadas no projeto de 44. Contribuiu também para a intensificação da dualidade centro-periferia o êxodo rural, que fez a cidade receber da área rural muitos trabalhadores, indicando que o processo de crescimento econômico não acompanhou as transformações espaciais, principalmente pela concentração demográfica na área urbana em crescimento, aliado à sua falta de estrutura (FARIA, 2005, p.11). Guarus é intensamente ocupada junto ao leito da ferrovia que levava à cidade de Vitória. Então Guarus que era o 6º distrito na época passou a ser o 3ª subdistrito do distrito sede do município. Isto ocorreu devido ao êxodo rural, além das novas leis trabalhistas do campo, o que causou muitas demissões. Essa população acabou ocupando intensamente a área Central e Guarus (VIEIRA; FARIA, 2003, p.15).

Pinto (1987) afirma que devido à intensa ocupação da zona urbana, provocou na mídia, e na classe alta (grupos que residiam próximo do centro) medo e insegurança em relação aos grupos que iniciavam o processo de demarcação, promovendo as ocupações irregulares, formando de forma visível o processo de favelização. A partir daí apresentando de fato os problemas socioespaciais (FARIA, 2005, p.4790). A falta de estrutura somada a ocupação pelos pobres e formação das favelas, desencadeou insegurança na classe de altas rendas com o apoio da mídia, desde a formação do subdistrito Guarus, reafirmando a marginalização das classes pobres, sobretudo em Guarus.

Faria (2005, p.4790) expõe que em 1979, o prefeito de Campos Raul David Linhares, tencionado a reparar as vias do tecido urbano, sobretudo nas áreas carentes, elaborou o Plano de Desenvolvimento Urbanístico e Territorial de Campos (PDUC), com base no Plano de 1944. O projeto visava uma tentativa de promoção do desenvolvimento físico e territorial urbano do município, em conformidade com as relações sócio-econômicas, geopolíticas e culturais da época. O PDUC tinha as seguintes leis que os órgãos públicos e privados deveriam obedecer, pois eram consideradas de efetivação do plano: Lei de Zoneamento e Uso do Solo; Código de Obras; Lei dos Perímetros Urbanos e a Lei de Parcelamento do Solo. O plano visava inserir a área de Guarus como participante dos processos de organização de uso e parcelamento do solo urbano (VIEIRA; FARIA, 2003, p.15).

Posterior aos anos 1980 há maior intensificação do processo de favelização, decorrente da falência das usinas de cana-de-açúcar e pelos conflitos ocasionados na expansão urbana, que não comportou o volume demográfico, ou qualquer iniciativa de controle urbano, que se tenha concretizado, além da concentração fundiária, que não dá acesso à moradia digna a

grande parte da população na cidade. Por esses motivos não acabaram as contradições do espaço urbano e a dualidade centro-periferia (FARIA, 2005, p.4790). Freitas (2011, p. 56), aborda a falência das usinas em Campos, a partir da década de 50, como resultado de problemas internos de gestão e produtividade, o que levou o município perder seu destaque no Brasil como grande produtor na indústria sucroalcooleira. O processo de urbanização de Campos está ligado ao aumento da população urbana, como resultado da diminuição da produção da cana-de-açúcar, iniciado nos anos 50 e 60. A crescente população urbana resultou no crescimento da quantidade de favelas (FARIA, 2005, p.4791). O arranjo espacial, bem como os processos migratórios e urbanização da cidade está associado a dinâmica econômica da região (FREITAS, 2011, p. 56).

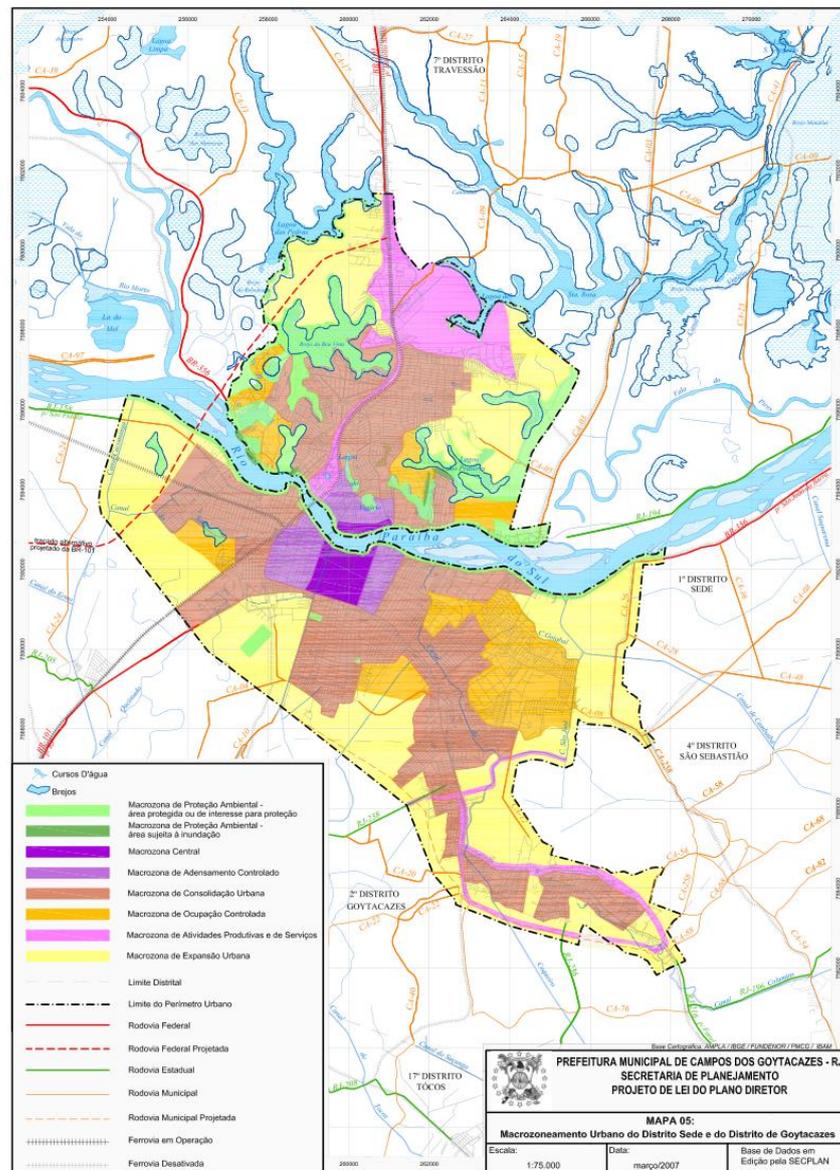
O Plano Diretor de 1990 elaborado para Campos dos Goytacazes visava desenvolver as funções sociais da cidade e da propriedade, melhorando a qualidade de vida da população e fortalecer as atividades econômicas para reverter o quadro de segregação social dominante. Em 2008 detalhou as normas de políticas habitacionais, focalizando áreas de interesse social, que receberiam maior atenção no que tange as políticas de urbanização e habitação (MOTA, 2012). Para romper com a dualidade centro-periferia pertinente a estrutura da cidade e a distribuição das atividades urbanas, é almejada a criação de novas centralidades no distrito Sede através de incentivos. Não são mencionados no Plano quais seriam os incentivos, e como seriam os regulamentados. Há um interesse de revitalização do Centro com a implementação de programas e projetos de incentivos ao uso residencial, comercial e serviços na área. Referente à segurança, o Plano Diretor vigente aborda estratégias para a segurança pública e melhorias na defesa civil. É incluído a proteção da população, bens materiais, serviços e instalações públicas. Pretende-se preservar a ordem pública visando à redução dos índices de violência e criminalidade, perda de bens e vidas, adotando diretrizes referentes ao fortalecimento dos órgãos de proteção do município.

Neste último Plano, o território municipal foi dividido em quatro macrozonas: Área urbana; Áreas de Preservação Natural e Cultural e de Valorização Turística; Áreas de Desenvolvimento Rural Sustentável; Áreas com Potencial para Atividades Produtivas. A área urbana compreende as áreas urbanizadas e as áreas de expansão urbana. As áreas urbanas consolidadas englobam a sede municipal e as sedes distritais, bem como os núcleos urbanos que são dotados de infra-estrutura e serviços urbanos básicos.

Para orientar a organização do solo urbano a área urbana foi subdividida em sete macrozonas: Macrozona de proteção ambiental; Macrozona Central, que compreende o

Centro Histórico, a área central da sede municipal e a área central do subdistrito de Guarus; Macrozona de Adensamento Controlado que compreende as áreas urbanas parceladas e ocupadas com infra-estrutura, sendo horizontal ou vertical a serem definidas em função das características locais da estrutura urbana; Macrozona de Consolidação Urbana que compreende áreas parceladas com ocupação integral ou parcial, considerando densidades baixas e médias, que serão priorizadas para complementação da infra-estrutura e dos serviços urbanos necessários; Macrozona de Ocupação Controlada, aquelas que não são completamente dotadas de infra-estrutura física e social, destinadas preferencialmente ao uso residencial, cujo parcelamento do solo e ocupação será submetido à implementação de infra-estrutura e serviços urbanos; Macrozona de atividades produtivas e serviços são aquelas destinadas a atividades produtivas e serviços que tenham infra-estrutura ou apresentam possibilidades de complementação à estrutura instalada; Macrozona de expansão urbana, aquelas que não envolvem parcelamento e ocupação com fins urbanos, localizada dentro do perímetro urbano proposto (Figura 3).

Figura 3: Mapa das Macrozonas da Área Urbana proposta pelo Plano Diretor de 2008



Fonte: Plano Diretor. Disponível em: <<http://www.campos.rj.gov.br/plano-diretor.php>>.

Acesso em: 16/02/2016

A área de Guarus que compreende a área central é aquela que recebeu a ponte de ferro, ou seja, parcela que foi uma das primeiras a integrar-se com o Centro da cidade. O subdistrito de Guarus, como visto, foi considerado como área a ser tocada nos planos anteriores, mas muitos dos projetos realizados para a área não foram concretizados, podemos perceber que uma pequena parcela da área de Guarus tem infra-estrutura se compararmos a parcela do subdistrito Centro.

A Macrozona de Consolidação Urbana, que será priorizada no que tange a implementação de infraestrutura para sua complementação, também apresenta disparidade, pois o subdistrito do Centro tem extensão maior que a de Guarus, bem como a Macrozona Controlada. A área destinada à expansão de forma ordenada tem maior extensão predestinada ao subdistrito Centro, que vem recebendo maior investimento, como estruturas com fins urbanos, sejam residenciais ou de serviços. Tais fatos mostram as contradições no documento, pois no Plano está redigido que a construção da cidade adota uma estratégia geral de desenvolvimento sem a segregação dos espaços urbanos. Observa-se no subdistrito Centro maior extensão de áreas periféricas, e que tem recebido maior atenção, pois são nessas periferias que tem se instalado as residências de alto padrão.

No processo de urbanização da cidade, o subdistrito de Guarus foi deixado à margem, toda atenção estava voltada para o subdistrito Centro. A integração de Guarus ao perímetro urbano só foi concretizada nos anos 40 do século XX (VIEIRA; FARIA, 2003).

Para entender o crescimento urbano do município se fez necessário entender quais processos desencadearam esse crescimento. Compreender a dinâmica regional no qual faz parte é fundamental, pois é impossível que uma área não tenha relações com seu entorno. É perceptível que a dinâmica econômica e as intervenções urbanas tiveram papel importante no crescimento urbano e na configuração urbana atual. No processo de seu crescimento existiu segregação por parte do Estado, no que diz respeito às intervenções urbanas. Podemos ver que partes das intervenções ocorreram pelo medo da elite campista da população pobre que frequentava e residia nas áreas centrais, até que através dos planos urbanísticos foram retiradas e removidas para a periferia, sobretudo para Guarus.

## 1.2 - O Processo de favelização e os bairros periféricos

Por volta de 1940, começaram a aparecer as primeiras favelas em Campos. O processo se intensificou após a falência de algumas usinas de cana-de-açúcar. Segundo o IBGE, em 2010 o Brasil contava com 6.329 aglomerados subnormais, sendo mais da metade concentradas na região Sudeste, contabilizando 3.954. O estado do Rio de Janeiro concentra 1.332, enquanto o município de Campos dos Goytacazes apresenta 27 aglomerados subnormais, com 4.595 domicílios particulares ocupados nessas áreas, onde vivem 15.777 pessoas. Quantitativo apresentado nos Estudos Socioeconômicos dos Municípios do Estado

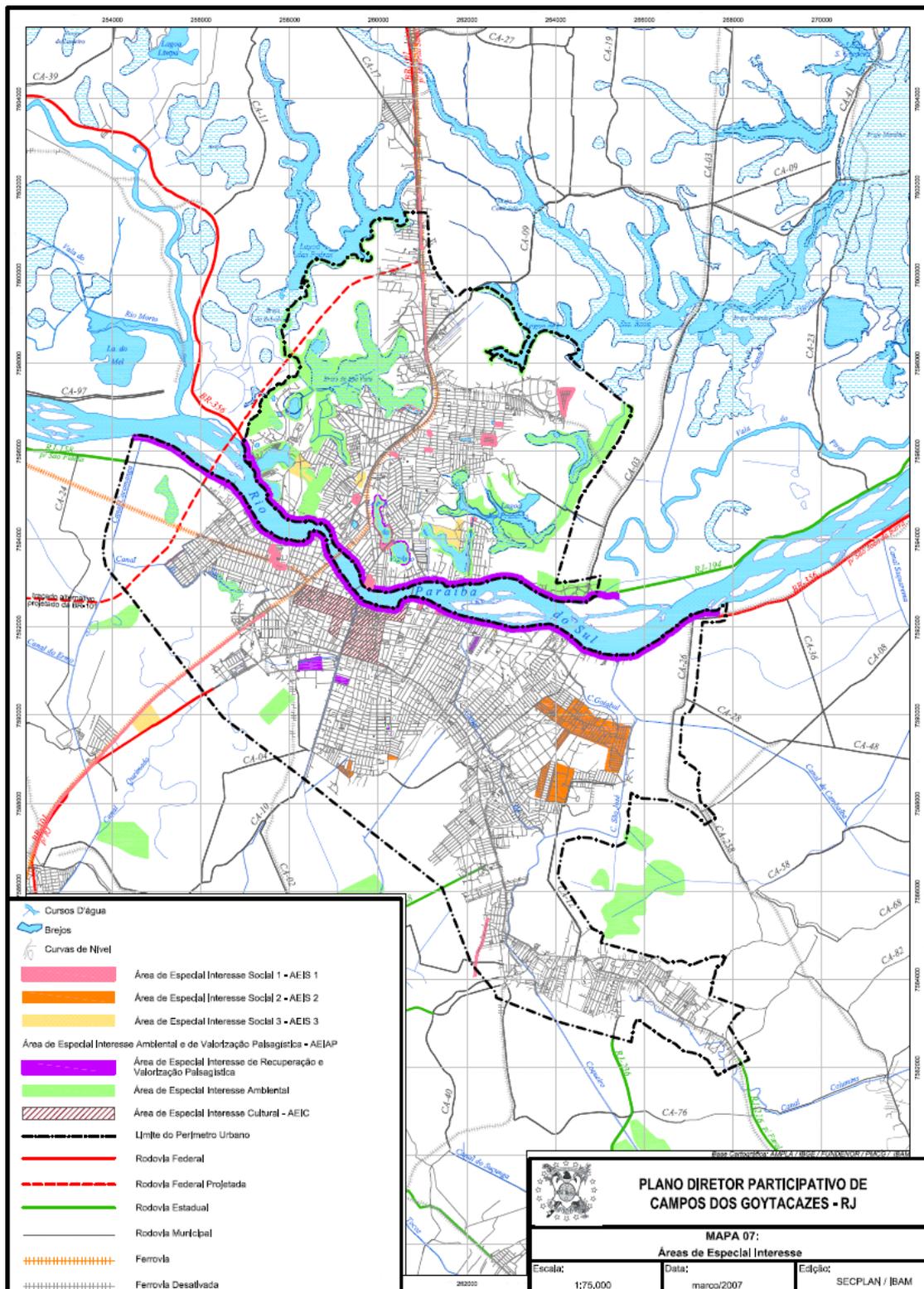
Rio de Janeiro em 2012 de Campos dos Goytacazes, disponível no site do Tribunal de contas do estado do Rio de Janeiro<sup>5</sup>.

No tocante as favelas, o Plano Diretor vigente institui Áreas Especiais, referindo-se a determinadas formas de apropriação do espaço urbano, que apresentam características que exijam identificações para haver intervenções ajustadas as suas necessidades. As Áreas de Especial Interesse Social (AEIS) (Figura 4) foram áreas delimitadas para o planejamento e gestão das favelas, mas não exclusivamente, pois a AEIS é compreendida no Plano Diretor como áreas públicas ou privadas, que pela forma de ocupação necessitam de requalificação e melhorias habitacionais, através da regularização urbanística e ou fundiária e construção de unidades residenciais de interesse social.

---

<sup>5</sup> Disponível em: <<http://www.tce.rj.gov.br/web/guest/estudos-socioeconomicos1>>. Acesso em: 03/07/2017.

Figura 4: Mapa das Áreas de Especial Interesse Social do Plano Diretor – ano 2007



Fonte: Plano Diretor. Disponível em: <<http://www.campos.rj.gov.br/plano-diretor.php>>. Acesso em: 16/02/2016.

Foram estabelecidas no plano três categorias de AEIS: as Áreas de Especial Interesse Social 1, que compreende terrenos públicos e privados ocupados irregularmente pela população, que deverá ser tocada no que tange a regularização urbanística e fundiária, bem como a complementação de serviços urbanos, além das áreas impróprias que serão desocupadas caso haja necessidade; As Áreas de Especial Interesse Social 2 engloba os glebas ou terrenos por qualquer modalidade de parcelamento irregular, clandestinos ou que apresentam irregularidade legal e fiscal; E Áreas de Especial Interesse Social 3 que corresponde às áreas vazias, subutilizadas ou não edificadas, que serão destinadas a promoção de habitação de interesse social que atenda as famílias de até seis salários mínimos. Esta classificação mascara a verdadeira precariedade de determinadas áreas do espaço urbano, pois apresentam de forma geral as problemáticas dessas áreas, além de não redigir quais seriam as políticas de implementação para a solução dos problemas sociais. Nunes e Givisiez (2008) apontam que com essa classificação, parcelas significativas de domicílios inadequados não foram incorporados.

As áreas de ocupação irregular pela população (AEIS 1) estão representadas em maior quantidade no subdistrito de Guarus, onde se encontra dispersa por este espaço urbano, ao passo que no subdistrito Centro, pode-se observar três áreas específicas. A AEIS 2 está concentrada na periferia, exclusivamente no subdistrito Sede. Já a AEIS 3, que são áreas vazias destinadas a habitação social com família de até seis salários mínimos, está reservada três áreas distintas em Guarus dentro do espaço urbano, já na área urbana que compreende o primeiro subdistrito não há AEIS 3, nem na enorme área destinada à expansão urbana. O que se percebe é que há a continuidade de planejamento pretendendo concentrar a população pobre em Guarus, ao passo que não deseja essa mesma população residindo no primeiro subdistrito.

Percebem-se algumas possíveis pretensões, como considerar áreas que não têm nenhuma estrutura urbana como parte integrante do espaço urbano sob a afirmativa de ser uma área de expansão urbana. Seria então um enorme terreno destinado a grandes construções de residenciais fechados de classe média/alta, sejam condomínios verticais ou horizontais? Como é uma área em expansão, porque não destinar alguma parcela da periferia do primeiro subdistrito, a AEIS 3 constitui uma contradição no Plano, já que um dos propósitos é o ordenamento do espaço urbano, que não ocorra segregação.

Nunes e Givisiez (2008) apontam outro equivoco que é destinar a AEIS 3 (que são áreas destinadas à habitação social) a famílias com o limite salarial de até seis salários

mínimos, foram contabilizados um total de 54.054 domicílios a serem tocados pelo AEIS 3, sendo somente 4.256 domicílios localizados em aglomerados subnormais.

A configuração do espaço urbano de Campos foi marcante no que se refere à dualidade centro-periferia. A área central era dotada de recursos e serviços urbanos, residindo à classe média/alta, em contrapartida; a periferia era caracterizada pelas favelas, loteamentos irregulares, carentes de recursos urbanos, habitadas pela população pobre. Era notório no município, que a população pobre é estigmatizada negativamente (FARIA; POHLMANN, 2015, p. 3).

O êxodo rural resultou na expansão urbana de forma desordenada. Os trabalhadores passaram a se ocupar em serviços não qualificados e mal remunerados, residindo em lugares sem estrutura urbana. O processo de favelização em Campos teve seu início na década de 1940, contando com quatro favelas e foi se intensificando até 2000 (FREITAS; RIBEIRO, 2013, p 39). A favelização é resultado da crise do emprego e moradia, mais precisamente de uma organização social que nega acesso à habitação e a cidade. O número de favelas no município apresenta divergências, pois são diversos os critérios utilizados para a sua identificação. Isto faz com que haja uma diferenciação da quantidade de favelas efetivas. Segundo o IBGE o quadro evolutivo das favelas é crescente de 1940 até 2000, tendo uma redução da quantidade de favelas de 32 para 27 no período de 2000 para 2010 (Tabela 1).

Tabela 1. Evolução da quantidade de favelas em Campos dos Goytacazes (1940 a 2010).

Décadas	Número de favelas existentes
1940	4
1950	11
1960	26
1970	28
1980	31
1990	32
2000	32
2010	27

Fonte: MOTA (2012)

O fato do número das favelas em 2010 ter diminuído pode ser explicado por vários fatores, entre eles, pelo adensamento das favelas existentes e a expansão dos programas habitacionais, que concederam moradias populares, como o programa de habitação Conjunto Habitacional Morar Feliz. A diminuição do número de favelas não significa a redução no número de moradores das favelas (MOTA, Carla Gisele, 2012, p. 31). O Observatório Socioeconômico da Região Norte Fluminense de 2004, identificou a diminuição de moradores e domicílios de algumas favelas e o aumento em outras. O IBGE apontou que entre 1996 e 2000 houve aumento no número de domicílios ocupados em 17 em favelas e a redução em 15. Esta mudança pode ser explicada pela migração da população entre favelas.

Os primeiros programas habitacionais foram pensados no governo do prefeito Anthony Willian Matheus de Oliveira em 1989. Tais quais o “Pode Entrar que a Casa é Sua”, “Vale-contrução”, “SOS Habitação”, “Cada família tem um lote”, “Comunidade legal e o Casa Nova”. No mandato do prefeito Arnaldo França Vianna entre 1998 a 2000 foi construído 817 casas. Já no mandato de Alexandre Mocaiber foi construído 873. Em 2009 a prefeita Rosinha Matheus Anthony Garotinho cria o programa “Morar Feliz”, com o objetivo de criar 10 mil casas. A promessa era retirar cerca de 22 mil pessoas das áreas de risco. Entretanto, todos os conjuntos habitacionais foram construídos em áreas periféricas (Tabela 2). Nos últimos anos, concentradas principalmente em Guarus (FREITAS; RIBEIRO, 2013).

Tabela 2. Conjuntos habitacionais em Campos dos Goytacazes.

<b>Governo Municipal</b>	<b>Período de Governo</b>	<b>Conjunto Habitacional</b>	<b>Número de Casa</b>
Anthony William Matheus de Oliveira (Garotinho)	1989 – 1992	Esplanada Morro do Coco	149
Sérgio Mendes	1993 – 1996	-----	0
Anthony William Matheus de Oliveira (Garotinho)	1997 – 1998	-----	0
Arnaldo França Vianna	1998 - 2000	-----	0
Arnaldo França Vianna	2001 – 2004	Eldorado Aldeia Novo Eldorado	817
Alexandre Mocaiber	2005 – 2008	Chatuba do Carvão IPS Rio Preto Três Vendas Travessão Matadouro Parque Rio Branco(Dos Nogueiras/ HGG) Santa Helena	873
Rosinha Garotinho	2009 – 2012	Travessão Lagoa das Pedras Aldeia Eldorado 1 Eldorado 2 Santa Rosa Parque Prazeres Tapera 1 Tapera 2 Jockey Penha	5.426
Rosinha Garotinho	2013-2016	Saturnino Braga Ururá I Ponta Grossa Dores de Macabu	596
		Total:	7.861

Fonte: FREITAS; Ribeiro (2013, p. 42); DUTRA; P.L (2015, p. 92)

A partir de 2010, Campos passa a receber as construções habitacionais do Morar Feliz, que apresentam problemas de violência. Como foi dito, o projeto é um programa habitacional de residência popular da Prefeitura, que garante moradia para os que possuem baixa renda, em especial as famílias e indivíduos que se encontram em área de risco ou que foram beneficiados com o Programa Aluguel Social (FARIA; POHLMANN, 2015).

Entre 2009 e 2012, foram entregues 14 conjuntos habitacionais distribuídos por dez bairros da cidade, concentrados na periferia, sendo um conjunto habitacional localizado no distrito de Travessão e outro no bairro Tapera, que se localizam fora do perímetro urbano. Sete conjuntos habitacionais estão distribuídos por cinco bairros no subdistrito Guarus: Parque Aldeia, Parque Santa Rosa, Eldorado, Lagoa das Pedras, Parque Prazeres e no subdistrito Centro estão três conjuntos habitacionais nos bairros Novo Jockey, Penha e Esplanada. Embora localizados no primeiro subdistrito, os três bairros estão em sua área periférica.

Os conjuntos habitacionais do Morar Feliz compõem a periferia de Campos, tornando a mesma cada vez mais distante do Centro. É possível observar a concentração desses conjuntos em Guarus, o que pode ser um fator a mais, para a marginalização do subdistrito, já que está sendo marcado como áreas violentas. Faria e Pohlmann (2015) afirmam que ocorrem degradação e ocupação do tráfico de drogas, resultando nas mesmas precariedades das favelas de onde vieram, sofrendo os mesmos estigmas das periferias urbanas: lugar de violência e das “classes perigosas”. Vem ocorrendo a destruição de uma área periférica e criando novos territórios periféricos, sendo estigmatizados até pelos moradores dos bairros em que são inseridos, ou seja, sua visibilidade continua negativa. Percebe uma continuidade de intenções de afastamento da população pobre para as áreas mais distantes do centro possível.

### 1.3- A autosegregação: a expansão dos condomínios horizontais fechados

Como vimos, o espaço urbano de Campos teve sua formação baseado na segregação. Villaça (2001) já apontava à formação do espaço intra-urbano Brasileiro usando como exemplo as metrópoles. A mudança do Centro, com o surgimento do denominado *Centro Expandido* também pode ter ocorrido em cidades não metropolitanas. A cidade de Campos revela esse processo. Historicamente a área central que se encontra no subdistrito Centro, foi beneficiada por diversos investimentos de cunho privado e público. Analisamos que há continuidade dessa tendência.

Sposito e Góes (2013, p. 279) ao desenvolver as contribuições bibliográficas sobre o conceito de segregação, discorre que foi desenvolvido inicialmente como segregação residencial na Escola de Chicago, proposto por Robert Park (1916), idéia associada ao uso residencial do espaço urbano, que resultaria da competição entre os cidadãos, gerando homogeneidade socioeconômico e cultural. No Materialismo histórico, a segregação teve seu

conteúdo aprofundado, levando em consideração as classes sociais sob o capitalismo, para alguns autores, a renda fundiária urbana.

Para Villaça (2001) a segregação é um processo no qual diferentes classes tendem a se concentrar cada vez mais em diferentes regiões ou conjuntos de bairros, porém não impedindo a presença de outras classes nesse mesmo espaço, não existindo uma presença exclusiva de uma determinada camada. Villaça (2011) analisa a segregação urbana através da abordagem da segregação por regiões da cidade, pois segundo ele tem um poder explicativo maior da estrutura urbana e suas articulações com os processos sociais fundamentais e do próprio processo de segregação. Para este autor a segregação só pode ser entendida se for articulada com a desigualdade, desvendando os vínculos entre a economia, a política e a ideologia.

Caldeira (2011) aborda a segregação como característica importante das cidades, seja elas social ou espacial. A autora afirma que a organização do espaço urbano é feita por padrões de diferenciação social e de separação. Destaca três padrões de segregação espacial, tendo como exemplo a cidade de São Paulo. Primeiro tipo de segregação ocorreu quando distintos grupos sociais residiam em uma área urbana pequena, segregados por tipo de moradia. O segundo padrão diz respeito a grupos sociais separados por grande distância, nas quais as classes médias e altas se concentram em bairros centrais, com boas estruturas e os pobres nas periferias em condições precárias. Este padrão descreve a segregação de Campos dos Goytacazes nos anos de 1940. E o terceiro, que se trata de espaços privatizados, fechados e monitorados, tendo como principal justificativa, o medo do crime violento.

A segregação urbana está associada ao tratamento diferencial por parte do Estado em determinadas áreas, no qual somente as camadas mais abastadas podem adquiri-las (ZACCHI; FARIA, 2011, p. 4). Importa compreender inicialmente que tanto o espaço (solo urbano) quanto a moradia são mercadorias, no qual a população de menor poder aquisitivo terá dificuldade de acesso. Sendo assim, o Estado passou a criar políticas habitacionais, com ações de incentivo que fizesse que o mercado formal destinasse um número maior de moradias as famílias de menor renda, para isto, facilitaram o acesso através do aumento do crédito imobiliário (FREITAS, 2011, p. 1). Entretanto, salientamos que se trata de acesso à moradia via mercado, e não há um tratamento da questão como um direito fundamental.

A segregação residencial em Freitas (2011) é entendida como produção e apropriação do espaço urbano pelas formas de moradias. Corrêa (2013) entende como um processo espacial que se manifesta por áreas sociais mais ou menos homogêneas internamente e diferentes entre elas. A segregação residencial sempre existiu, mas no capitalismo se

apresenta mais intensa gerando um complexo mosaico social mutável, com espacialização complexa, expressando processos espaciais que geram a fragmentação do espaço urbano. Villaça (2001), já discorre que não há uma homogeneidade completa, mas graus de homogeneidade.

Para Correa (2005), a divisão social em classes reflete na paisagem urbana. As populações com alto poder aquisitivo vão habitar em áreas mais valorizadas, bem como a própria estrutura da residência será melhor, já a população menos abastada tenderá habitar em áreas menos valorizadas, como suas residências não serão bem estruturadas, tanto no aspecto estético como no acesso a infraestrutura. Este processo é chamado de segregação residencial, em que explica a concentração de população em um dado território do espaço urbano, como uma apropriação desigual do espaço. Ela é uma expressão das classes sociais no espaço, visto que cada classe terá condições de pagar pela residência com características diferentes, destacando que as *localizações*, ou seja, a acessibilidade, conforme Villaça (2001), implica na valorização desigual do espaço urbano.

Destacamos aqui dois tipos de segregação, ainda abordadas por Corrêa (2013) que pode ser considerada como segregação residencial: a *autossegregação* e *segregação imposta*. A primeira refere-se a parcelas da sociedade com maior poder aquisitivo, que reforça a diferença de condições pela escolha das melhores localizações no espaço urbano. Essas áreas tendem a fornecer maior segurança e infraestrutura para seus habitantes, acrescido do aumento de seu *status* e prestígio. Já a segregação imposta envolve aqueles que não têm direito de escolha, residem onde é imposto a eles. Para Villaça (2001, p. 147) não há esses dois tipos de segregação, mas um processo dialético, em que a segregação de uns provoca ao mesmo tempo a segregação dos outros.

Zacchi (2012) aponta que o Estado tem papel importante na produção e reprodução da segregação socioespacial, através de mecanismos da sua atuação e dos interesses do mercado imobiliário. Em Campos pode ser visto esse processo de segregação socioespacial pela combinação da ação do Estado, que deixa a margem Guarus nas suas intervenções urbanas e pela apropriação e produção do espaço pela moradia, na segregação residencial.

A partir de 2006, o setor imobiliário foi favorecido por condições que permitiram o seu crescimento, resultando no aumento dos preços dos imóveis bem como o preço do solo urbano. Em Campos dos Goytacazes não foi diferente, houve intenso surgimento de condomínios horizontais e verticais, transformando a paisagem e o uso do solo, já que até então prevalecia construções horizontais (FREITAS, 2011, p. 2).

A mudança na base produtiva de Campos sempre proporcionou alterações na estrutura da cidade. Com o recebimento dos *royalties* e das participações especiais, Campos elevou o seu PIB para uns dos maiores do Brasil. Este fato proporcionou investimentos em infraestrutura pública e privada. Aproveitando a economia de petróleo em Campos, os promotores imobiliários investiram em ofertar apartamentos de elevado padrão, para uso comercial e empresarial, e de casas em loteamentos fechados (GOMES, 2015).

Na área urbana de Campos, observa-se que há uma tendência de concentração dos empreendimentos imobiliários no primeiro subdistrito em Campos (Centro), mostrando a preferência desta área pelos construtores. Isto acaba por reafirmar sua valorização. Eles tendem a valorizar certas áreas da cidade, tornando-a atrativa para o mercado sob o discurso baseado na qualidade de vida, área verde, lazer, segurança etc. (GOMES, 2015). Em geral, os poucos empreendimentos concentrados na periferia no subdistrito Guarus são referentes a apartamentos padronizados do Programa Minha Casa Minha Vida, Morar Feliz ou trata-se de condomínios/loteamentos fechados de casas geminadas. A concentração de residenciais de alto padrão nas áreas centrais, bem como a valorização do preço do seu solo, mostra a continuidade de segregação na (re)construção do espaço urbano.

Uma questão importante a ser discutida refere-se à localização dos empreendimentos imobiliários, que tende a se concentrar no primeiro subdistrito. Há uma tendência de concentração de condomínios horizontais nas áreas periféricas e verticais nas áreas mais valorizadas do perímetro urbano, isto se deve à escassez de lotes vazios no Centro, sendo que na periferia o valor do solo é menor e a metragem dos terrenos são maiores. Isto é lucrativo para as incorporadoras já que são regidas pela lógica do capital (FREITAS, 2011, p. 90).

A localização é um fator primordial na obtenção do lucro da mercadoria moradia. Ele determina o preço final da casa/apartamento. Moradias com as mesmas características em lugares distintos possuem valores diferentes. A diferença nos investimentos de infraestrutura reflete no valor financeiro e simbólico do espaço causando produção e apropriação desigual, bem como uma divisão econômica e social dele. O consumidor adquire um imóvel pensando também nas vantagens que o lugar irá trazer, o mercado imobiliário precisa atender a esses anseios e ao mesmo tempo os cria. Por isso a importância da localização de um empreendimento pela lógica capitalista. A divisão simbólica do espaço é um fator fundamental na divisão econômica e social do espaço urbano. A divisão simbólica do espaço está relacionada a ideologias que estão embutidas no espaço, e as pessoas tendem a consumir tanto os signos quando o objeto.

O signo da segurança tem relevância na escolha da localização, já que a segurança é um signo comprado, cujo valor está agregado na da moradia a ser adquirida (FREITAS, 2011). O desinteresse da população em relação a Guarus, está envolvido todas essas questões que estão sendo refletidas na (re)construção do espaço urbano, sobretudo, no que se refere à localização dos condomínios fechados, seja no campo simbólico ou na desvalorização financeira. Os proprietários dos meios de produção, fundiários e as imobiliárias recorrem aos valores simbólicos referentes à localização como uma estratégia de *marketing*, já que exerce influência no preço final do produto.

O preço final da moradia está determinado pela construção, localização e símbolos nele embutidos. Guarus no processo histórico foi e é negligenciado pelas intervenções urbanas, quando recebe investimento no setor imobiliário são de estruturas inferiores, além desses fatores pode-se incluir a imagem negativa de um local, considerado muito violento, no caso da violência criminosa. A população que deseja adquirir uma moradia, não deseja residir numa área considerada violenta.

A insegurança e a violência tem sido um fator importante na produção e valorização desigual do espaço urbano, pois é a partir delas que as imobiliárias descartam espaços considerados violentos mantendo o discurso de segurança embutido na estratégia de *marketing*, trazendo uma valorização simbólica de seus espaços, com isto reafirmando a desvalorização de uma área com alto índice de violência criminosa.

Como já apontamos anteriormente, a dinâmica da localização dos segmentos de médio e alto *status* no espaço urbano, inicialmente se localizavam no atual Centro histórico, após se deslocaram para Oeste, área onde tinha recebido melhorias públicas. Com a mudança no padrão de moradia para vertical, houve a disseminação de prédios residenciais que formaram outras áreas nobres como Parque Tamandaré, Flamboyant e as imediações do Jardim São Benedito. Em meio ao contexto da verticalização surge uma nova tipologia habitacional, os condomínios horizontais fechados provocando deslocamentos para as áreas periféricas, apresentando segurança e exclusividade, em um período mais recente. Esses padrões residências coexistem, mantendo a diversificação do mercado, para garantir atender as diferentes preferências de uma mesma camada social (ZACCHI, 2012).

Os condomínios fechados brasileiros tiveram como inspiração os subúrbios norte-americanos, mas possuem características que diferem do país de origem. As diferenças mais significativas a se destacar é que as casas não são padronizadas e possuem arquitetura individualizada, tornando-se um elemento importante de *status* e diferenciação social. Além

disso, vale ressaltar que 80% dos condomínios americanos não são murados e não há um controle rígido da entrada das pessoas, características que é comum no Brasil. Nos Estados Unidos esses condomínios são chamados de comunidade, no Brasil essa nomenclatura está associada ao local de moradia dos pobres. Os condomínios fechados surgiram aqui desde meados da década de 1950, porém nos últimos anos, traz para a discussão o aumento da criminalidade, violência urbana, fatores que tem causado o confinamento da vida social em condomínios fechados (ZACCHI, 2012). A difusão do discurso do medo também faz parte do processo de proliferação de residenciais fechados.

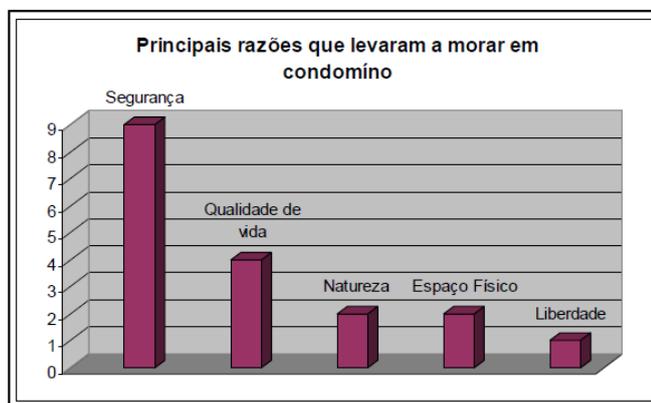
Com a decadência da economia sucroalcooleira em Campos verificou-se vertiginoso crescimento da malha urbana em direção a antigas áreas rurais, materializados em grandes empreendimentos, entre eles os condomínios residenciais fechados. O êxodo rural proporcionou crescimento demográfico urbano, o que deu origem a expansão da malha urbana e estrutura da cidade. A população se dispersou no espaço urbano, inclusive incorporando áreas rurais, sem que tivesse vínculos com elas. Processo conhecido como periurbanização, ou seja, são espaços periurbanos. A existência do espaço periurbano é resultado do crescimento urbano difuso, que para a expansão da cidade é preciso ocupar áreas rurais próximas ao espaço urbano (ZACCHI, 2012).

A partir de 1980 ocorre intenso processo de verticalização nas áreas centrais e nas áreas periféricas os condomínios fechados horizontais. Quer seja os edifícios de condomínios localizados nas áreas nobres ou condomínios residenciais fechados localizados nas áreas periféricas o que tem em comum, que interessa ao presente trabalho, é a segurança privada e convivência restrita aos seus moradores, impedindo contato com as demais classes sociais, conforme apontou (ZACCHI, 2012).

Para Zacchi (2012), a sensação de insegurança tem servido de estímulo para a autosegregação e isolamento das camadas de alto poder aquisitivo (Gráfico 1). A segurança é o atrativo principal, baseados no aumento da violência e criminalidade urbana que são garantidas pela mídia, vendem proteção contra todo tipo de crime, levando ao aprisionamento e dando a sensação de segurança em seus habitantes. O principal fator para a autosegregação é a segurança. Ela não é a resolução de conflitos, mas proteção aos seus moradores, cuja preocupação é o crescente aumento da violência no espaço urbano, sendo a segurança uma busca constante destes grupos sociais (ZACCHI, 2012). A insegurança e desconfiança em relação aos vizinhos têm destruído os processos de identidade nos locais de convivência e

moradia, ou seja, as relações com o indivíduo e o local tem se alterado com a insegurança (OLIVEIRA e PEDLOWSKI, 2013).

Gráfico 1: Principais razões que levaram os cidadãos a residir em condomínios.



Fonte: Zacchi (2012, p. 148)

A concentração de condomínios no espaço periurbano gera proximidade física e distanciamento nas interações entre as distintas classes. Essa nova forma de habitação tem mudado o padrão de segregação espacial, as interações entre as classes, bem como o caráter do espaço público. Os muros dos condomínios representam uma barreira física, simbólica e social, concretizam a separação socioespacial, rompendo com a totalidade do espaço urbano, atenuando as relações entre os habitantes e a cidade, fragmentando o modelo centro e periferia (ZACCHI, 2012).

Os condomínios horizontais fechados estão localizados, em sua maioria, na periferia do primeiro subdistrito<sup>6</sup>, processo este que se iniciou a partir da década de 1990. Apesar de ser recente, tem ganhado importância já que tem modificado a dinâmica urbana de Campos, formando um novo padrão de segregação, associado ao isolamento das camadas da sociedade de alto poder aquisitivo. Eles são implantados nas áreas periféricas por dois motivos: pela degradação das áreas centrais e pela necessidade na demanda de espaço físico, que só nas periferias encontram espaços para comportar tais empreendimentos como apontou a pesquisa de Zacchi (2012).

<sup>6</sup> Destacamos que, embora estejam na periferia, não estão muito distantes das áreas centrais e também foram construídos acessos fáceis às áreas centrais para esses condomínios. Outrossim, em cidades médias, as distâncias são menos significativas em relação às metrópoles, pois o trânsito e, mesmo o tamanho da mancha urbana, não são tão determinantes, embora sejam fatores de localização dos grupos sociais na cidade.

Com menor expressividade, podemos encontrar em Guarus um dos pioneiros condomínios horizontais, anunciado no jornal folha da manhã em 1999: o condomínio Vila Alice, de alto padrão que é cercado por um muro de mais de 2,5 m, revelando o tamanho do medo. Outro condomínio horizontal no subdistrito é o Terra Nova, com casas padronizadas reservadas para as camadas de menor poder aquisitivo (ZACCHI, 2012, p. 93).

Zacchi (2012) ao questionar aos moradores de condomínios fechados localizados em um bairro periférico no primeiro subdistrito, qual local não morariam em Campos verificou-se que a maioria mencionou o subdistrito Guarus. Dentro os motivos de tais respostas encontraram a falta de infraestrutura, distância do centro comercial e o aspecto “feio” da localidade. Como a violência não era um dos objetivos da pesquisa, não foi mencionado este aspecto como um dos motivos de se evitar em residir em Guarus, mas aponta a importância da investigação neste aspecto.

No espaço urbano em Campos dos Goytacazes é incontestável que houve grande surgimento de condomínios residenciais fechados na periferia, bem como a concentração de edifícios de condomínios na área nobre da cidade, ambas as formas de habitação contempladas no primeiro subdistrito, firmando a falta de interesse por parte dos grupos sociais de alto *status* de ter como localização de suas residências, sejam horizontais ou verticais, a periferia em Guarus. É importante analisar a causa desse desinteresse pela área periférica localizada ao Norte do espaço urbano do município, já que a periferia no Centro (enquanto subdistrito) está sendo palco de intensos investimentos imobiliários de habitações destinadas as classes mais abastadas, conformando uma nova área periférica. É perceptível que a proximidade dos menos abastados não é um empecilho para se evitar em habitar na periferia, já que estará separado por uma estrutura física, o muro. Mas um fator que torna um empecilho para o interesse dessas camadas sociais, bem como o investimento dos produtores imobiliários é o alto índice de violência na área, pois seria contraditório vender segurança, e ter como localização das habitações um local violento. Assim, o espaço urbano de Campos tem se configurado por uma nova estrutura periférica na área referente ao primeiro subdistrito, adquirindo novas formas de uso, sendo fragmentada, diversificando a ocupação do seu solo e, a outra parcela do espaço urbano, localizado em Guarus que na maior parcela encontraremos residências unifamiliares e escassos edifícios de condomínios, são habitadas em sua maioria pela classe trabalhadora de menor poder aquisitivo.

Zacchi (2012) fez um levantamento do crescimento do número de empreendimentos residenciais fechados até o ano de 2011. Dados mostraram que em 2011 a cidade possuía

vinte e seis condomínios horizontais. Ela identifica os condomínios identificados por Carvalho em 2004 e atualiza esse dado até 2011. Fizemos o levantamento até o ano de 2017, identificamos mais 25 condomínios, incluindo os que estão em construção. (Quadro 1). Nesta pesquisa foi considerado os condomínios residenciais fechados horizontais aqueles cuja estrutura tinha rua, portaria, mais de uma torre ou várias residências unifamiliares cercadas por uma muralha.

Quadro 1: Condomínios residenciais fechados horizontais em 2017

Condomínios Identificados por Carvalho (2004)	Condomínios identificados em Zacchi (2012)	Condomínios identificados em 2017
1- Condomínio Raul Linhares (Antigo Residencial do queimado)	1- Condomínio Athenas	1- Damha I
2- Condomínio Rural Nashville.	2- Condomínio Palm Spring	2-Damha II
3- Condomínio Golden Garden	3- Condomínio Residencial do Vale do Paraíba	3- Alphaville Campos
4- Condomínio Parque das Palmeiras I	4- Condomínio Privilége	4- Condomínio Vila Raquel
5- Condomínio Parque das Palmeiras II	5- Condomínio Remanso do Paraíba	5- Condomínio Vila Régia
6- Condomínio Saint German	6- Condomínio Verti Vita	6- Condomínio Viva Vida
7- Condomínio Residencial verdes Campos	7- Condomínio da Torre	7- Condomínio Vivere Residência
8- Condomínio bosques das Acacias	8- Condomínio Granja Corrientes	8- Condomínio Vida Boa
9- Condomínio do Horto	9- Condomínio Terra Nova	9- Condomínio Vida Bella
10- Condomínio Bouganvilée	10- Condomínio Greenpeace	10- Condomínio Village do Sol
11- Condomínio Vila Alice	11- Condomínio Residencial Hybiscus	11- Royal Boulevard Residence e Resort
12- Condomínio Sonho Dourado	12- Condomínio Village dos Goytacazes	12- Condomínio Residencial Parthenom
13- Condomínio Recanto das Palmeiras		13- Condomínio Village Itaboraí
		14- Condomínio Residencial das Castanheiras
		15- Condomínio Gaudí
		16- Condomínio Gaia
		17- Condomínio Onix
		18- Condomínio Água Marinha
		19- Condomínio
		20- Jardim das Figueiras
		21- Condomínio Reserva das Ilhas
		22- Condomínio Ambar
		23- Condomínio Parque Cassis
		24- Fit Vivai
		25- Esplendore

Fonte: Zacchi (2012); Google Maps; Corretores imobiliários; Elaboração da Autora.

As periferias que recebem esses grupos sociais de alto *status* agregam aos bairros habitados pela população pobre, novos valores, sendo fragmentada em sua lógica e

pluralizando sua ocupação. Os bairros são equipados com novas infraestruturas para atender esses novos habitantes, porém esses serviços e equipamentos implantados não modificam as condições de habitação dos pobres (ZACCHI, 2012, p.84).

Freitas (2011), ao examinar os fatores de localização dos edifícios de apartamentos destaca como principais motivos o acesso ao Centro de emprego e equipamentos coletivos localizados em sua maioria na área central e nos bairros entorno da Avenida Pelinca; e a divisão simbólica do espaço. Apresenta como a proximidade de diversos serviços e o aspecto de “nobreza” que seria típico da região da Pelinca, tem sido explorada nas propagandas feitas pelo setor imobiliário. Ela mostra uma tabela com a localização dos apartamentos por m<sup>2</sup> no período entre 2006 e 2010, os bairros mais contemplados são: Alphaville, Centro, IPS, Jardim Flamboyant II, Parque Dom Bosco, Parque Rosário, Santo Amaro, São Clemente, Tamandaré, Parque Avenida Pelinca, Parque Conselheiro Thomas Coelho e Parque São Caetano, com total de 2658 apartamentos, tendo no município 86 edifícios de apartamentos. Com base nesta tabela é possível identificar os bairros onde se concentram os edifícios de apartamentos, bem como suas respectivas dimensões internas. Nota-se que os apartamentos entre 30 e 70 m<sup>2</sup> estão distribuídos em várias áreas da cidade, porém os de maiores metragens estão concentrados na parte Oeste do Centro (FREITAS, 2011.)

A distribuição espacial dos condomínios verticais se concentra ainda na área central e adjacências nos bairros mais valorizados e os condomínios residências horizontais é predominante na periferia do subdistrito Centro.

No segundo subdistrito (Guarus), encontramos um condomínio residencial vertical com três edifícios, direcionado a população de baixo poder aquisitivo, conhecido como “balança mas não cai” no bairro chamado Parque Vicente Gonçalves Dias e seis condomínios residenciais horizontais, três para aqueles de médio/alto poder aquisitivo, o Villa Alice no Parque Vicente Gonçalves Dias; dois no bairro Função, o Vila Raquel e Vila Régia. E dois para a população de baixo poder aquisitivo, o Terra Nova I e II e Jardim das figueiras no parque Santa Clara. A quantidade desse tipo de habitação fundamentada na reclusão em Guarus ainda é pequena, embora recentemente tem recebido alguns poucos investimentos imobiliários da MRV.

## CAPÍTULO 02. VIOLÊNCIA REAL E REPRESENTAÇÃO DA VIOLÊNCIA EM CAMPOS DOS GOYTACAZES.

O discurso da insegurança tornou-se recorrente nas cidades contemporâneas. Parte do discurso do medo tem base na realidade, a partir de fatos que ocorrem, entretanto, parte da construção do sentimento de insegurança e medo nas cidades, é construída pela mídia, que gera percepções e representações distorcidas sobre o problema.

A violência, no pensamento da população, das classes sociais de renda elevada e das classes médias, geralmente, está associada à presença de grupos sociais de menor poder aquisitivo. Com isto é almejado que os mesmos se localizem o mais distante possível, aumentando o processo de segregação socioespacial. Na atualidade, pode-se observar nas cidades a fragmentação socioespacial representados concretamente pelos residenciais fechados. Quanto maior for a violência, seja real ou sensação de violência causada pela mídia, mais as cidades criam padrões de organização do espaço urbano com base na segregação residencial, conforme apontamos anteriormente, esse é um processo presente em Campos dos Goytacazes.

Na história urbana do Brasil, podemos identificar processos de produção do espaço baseados na segregação socioespacial. Em Campos dos Goytacazes não foi diferente, pois a formação do espaço urbano, como vimos, foi construída através de políticas que segregaram grupos sociais menos abastados (FARIA, 2005, p.4778). No espaço urbano da cidade de Campos, a fragmentação socioespacial se fez presente, representadas pelos residenciais fechados, bem como nas grandes cidades. Outro fator que Campos se assemelha às grandes cidades é o alto índice de violência.

A população residente do subdistrito Centro associa o subdistrito Guarus como muito violento. Mas essa insegurança em relação à Guarus e seus moradores são baseados nos noticiários que expandem fatos ocorridos em determinados bairros e noticiam destacando o segundo subdistrito, chamando atenção para a palavra “Guarus”. Porém, como vimos, o subdistrito conta com quarenta bairros, e a violência não se apresenta homogênea no espaço. Além de esse espaço ter sido construído por condicionantes históricos e espaciais de segregação de grupos sociais mais pobres.

A sensação de insegurança é disseminada entre a população urbana, associada à presença da criminalidade. Porém, a violência real não está apenas associada a crimes cometidos pela população que vive em favelas ou em bairros periféricos.

A violência urbana vem crescendo, assumindo novos aspectos e formas, daí surge à importância da discussão sobre a violência. O discurso do medo vem aumentando não somente contra determinados grupos sociais, mas também a determinados espaços, que são estigmatizados como violentos *a priori*, tornando-se objetos de preconceitos e de aprofundamento da segregação socioespacial.

A violência criminosa se manifesta tanto na cidade como no campo, porém algumas manifestações de criminalidades estão ligadas a peculiaridades do espaço urbano, como formas espaciais, modo de vida e estratégias de sobrevivência. Podemos aqui destacar como exemplo os conflitos entre facções rivais do tráfico de drogas, que como veremos está ligado ao alto índice de homicídios em Campos, sobretudo em Guarus (SOUZA, 2003, P. 81).

Em Campos dos Goytacazes observa-se intensa insegurança em relação aos moradores e bairros de Guarus. Analisamos então, qual a procedência dessa insegurança. A problemática que se ressalta é qual a real causa dessa insegurança? São baseados em fatos concretos, ou seja, a violência real, ou pautada na representação da violência em que a mídia tem papel fundamental, ou ainda, pela combinação de ambas.

A grande questão é que a insegurança gerada pela violência é um fator para a segregação (SPOSITO E GÓES, 2013, p 163). Segundo as autoras, a violência também passa por constantes processos de mutação, bem como a cidade, sendo assim, as relações ocorridas entre elas também se alteram.

No cenário brasileiro podemos identificar três dimensões da violência. A percepção, os fatos e as explicações conforme apontam Sposito e Góes (2013). A primeira refere-se a como o indivíduo percebe a violência. A mídia tem papel fundamental, pois reproduz a violência todos os dias nos meios de comunicação. O problema que pode ocorrer, é que a percepção da violência pode ser maior do que realmente na concretude (SPOSITO E GÓES, 2013, p 166). Isto gera uma complicação ainda maior, visto que, se a população tem a sensação de insegurança exagerada, pelo fato da sua percepção sobre a violência ser exacerbada, pode-se então, haver segregações geradas por violências representadas, que na verdade não ocorrem de fato, em outras palavras, acabam ocorrendo segregações, baseadas somente pela percepção. A segunda diz respeito a fatos de violência concretos, observados através de dados, seriam inegáveis, pois apresentam provas materiais. E por último as explicações, que é resultado dos acontecimentos traumáticos das pessoas, denominado como a *fala do crime* por Teresa Caldeira (2011).

Dessa forma, investigamos os tipos de violências que ocorrem no espaço urbano da cidade e quais as bases reais contidas na representação da violência na cidade. O que corroboraria com a segregação residencial de Campos dos Goytacazes, causada pela representação da violência, ou seja, há um simbolismo da representação da violência que pode afetar inclusive a escolha dos locais de moradia e o cotidiano da cidade.

Para entender a insegurança gerada pela violência, principalmente a violência criminosa, precisamos entender as discussões que a orientam. A insegurança está contida nas cidades desde seus primórdios. Em Campos como vimos também não é diferente, pois algumas intervenções urbanísticas tinham projetos de remoção da população pobre da área central por essa insegurança. No entanto, deve-se ressaltar a importância sobre as facetas que existe na cidade, pois os motivos que causam insegurança são mutáveis nesse processo histórico. A insegurança envolve práticas que resultam da desconfiança em relação a outros (SPOSITO E GÓES, 2013, p.161).

Com a divisão social do trabalho, a classe com menos poder aquisitivo seria propícia a usar mecanismos para a sua sobrevivência, sejam eles por meios legais ou não. Este pensamento equivocado tem associado os pobres a marginais e seriam “naturalmente criminosos”. Este dilema se torna complicado ao passo que a presença da população desfavorecida na sociedade é necessária para manter o próprio sistema capitalista, ou seja, os pobres são funcionais ao sistema (SPOSITO E GÓES, 2013, p.161).

Nesta pesquisa, a violência será abordada na perspectiva de Sposito e Góes (2013)<sup>7</sup>, a violência como uma instituição social, que agride o corpo, a psique e a consciência de pessoas, bem como comunidades, classes sociais e etnias.

Sposito e Góes (2013) expõem o caráter polissêmico da violência, podendo ser física e psicológica, criminosa e consentida, interpessoal e violência da pobreza, entre outros. Segundo elas a violência urbana envolve vários eventos circunstâncias e fatores que têm sido entendidos por um único conceito e representado como difuso, estando em todas as partes.

Caldeira (2011) apontou que as experiências de violências tendem a ser específicas de cada classe, elas são vítimas de diferentes tipos de delitos, sendo a classe trabalhadora mais afetada pelos crimes mais violentos<sup>8</sup>. Neste trabalho apontamos que esta característica da

---

<sup>7</sup> Sposito e Góes (2013), fundamentam-se em Moarais (1985) e Taille (2000) a concepção de violência.

<sup>8</sup> Ressaltamos também que a violência acomete de forma diferente os grupos sociais, tendo influência a situação de gênero, etnia e mesmo de idade, sendo o espaço também condicionante a maior ou menor sujeição à violência.

violência criminosa reflete na distribuição dos crimes pelo espaço, ordenando as direções dos condomínios residenciais.

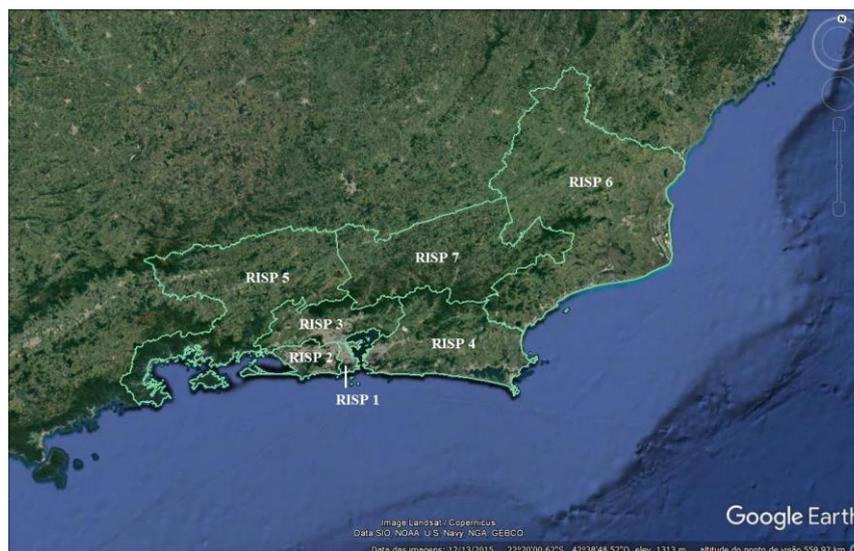
Analisamos a violência criminosa real a partir de dados do ISP, fazendo comparações entre os dados dos delitos ocorridos no subdistrito Centro e Subdistrito Guarus<sup>9</sup>, para entender a concentração dos residenciais fechados no primeiro subdistrito em seguida iremos abordar o tratamento da mídia, nos jornais no período de 2003 a 2015. Os registros e divulgação da série histórica dos dados estatísticos no ISP tiveram início em 2003, por isso a escolha desse período para a avaliação.

## 2.1 A violência criminosa em Campos dos Goytacazes

Para a análise da violência criminosa em Campos, foi feito o levantamento de dados no período de 2003 a 2015 das ocorrências de crimes no município, destacando quatro crimes que consideramos como aqueles que mais chocam e agridem a população e também são bastante recorrentes: o estupro, homicídio, roubo a transeunte e roubo a residência. Assim compreendemos a *violência real*, discutida por Sposito e Goés (2013), que trata as concretudes de fatos, não subjetivos, que são captados pelas estatísticas, ainda que precariamente.

Para melhorar as ações da segurança pública do estado do Rio de Janeiro foram criadas divisões territoriais. Em 26 de novembro de 2009, pelo Decreto Estadual nº. 41.930, foi criado as Regiões Integradas de segurança Pública (RISP) para integração geográfica entre as polícias civil e militar. Anteriormente foi criada através da Resolução SSP N. 263 de 27 de julho de 1999 as Áreas Integradas de Segurança Pública (AISP). O estado do Rio de Janeiro está dividido em sete RISP: 1ª RISP Capital (Zona Sul, Centro e parte da Norte); 2ª RISP Capital (Zona Oeste e parte da Norte); 3ª RISP Baixada Fluminense; 4ª RISP Niterói e Região dos Lagos; 5ª RISP Sul Fluminense; 6ª RISP Norte Fluminense e Noroeste; 7ª RISP Região Serrana (Figura 5).

Figura 5. Regiões Integradas de Segurança Pública (RISP)



Fonte: Instituto de Segurança Pública<sup>10</sup>.

A criação dessas regiões tem como objetivo a articulação territorial regional, no nível tático da Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro com a Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro. A AISP é parte da política de segurança pública que tem por objetivo estreitar a ligação entre as Polícias Civil e Militar, bem como destas com as comunidades abrangidas pela AISP através da gestão participativa na identificação e resolução dos problemas locais de segurança pública. Segundo o quadro atualizado (2014), existem quarenta e um AISP, quarenta e um Batalhões da Polícia Militar. Campos dos Goytacazes nesta divisão territorial se enquadra na sexta RISP, oitavo AISP, Oitavo Batalhão da Polícia Militar, com duas delegacias da Polícia Civil a 134ª DP legal e 146ª DP legal. A 134ª DP Legal que fica responsável por Campos dos Goytacazes (Primeiro subdistrito, Segundo subdistrito e Quarto subdistrito)<sup>11</sup>, Ibitioca, Dores de Macabu, Morangaba, Mussurepe, Serrinha, Santo Amaro de Campos, São Sebastião de Campos e Tocos e a 146ª DP Legal responsável por Campos dos Goytacazes (subdistrito Guarus), Santa Maria, Morro do Coco, Santo Eduardo, Travessão e Vila Nova de Campos. Para análise da violência no município, utilizamos a somatória dessas duas unidades, já que juntas englobam todo o território do município.

<sup>9</sup> Apesar de todos os esforços, não tivemos acesso aos dados das ocorrências por bairros em Campos dos Goytacazes.

<sup>10</sup> Disponível em: <<http://www.isp.rj.gov.br/Conteudo.asp?ident=109>>. Acesso em: 16/02/2016.

<sup>11</sup> De acordo com a divisão territorial feita pelo órgão de segurança pública, Campos teria 4 subdistritos. Essa divisão não corresponde à divisão político-administrativa da Prefeitura Municipal de Campos dos Goytacazes ou do CIDAC.

Para esta análise utilizamos dados da Secretaria de Segurança Pública do estado do Rio de Janeiro no período entre 2003 a 2015. As variantes de crimes analisados são: Homicídio Doloso, Lesão Corporal Seguida de Morte, Latrocínio (Roubo seguido de morte), Tentativa de Homicídio, Lesão Corporal Dolosa, Estupro, Roubo a Estabelecimento Comercial, Roubo a Residência, Roubo de Veículo, Roubo de Carga, Roubo a Transeunte, Roubo em Coletivo e Roubo de Aparelho Celular.

Ao analisar o total anual das ocorrências criminosas (Tabela 3), podemos observar que os delitos: Homicídio doloso, Tentativa de homicídio, Lesão corporal dolosa, Roubo a estabelecimento comercial, roubo de veículo, Roubo a transeunte são os mais recorrentes com oscilações durante o período analisado. O Estupro se destaca pelo grande crescimento ascendente nesse período, como resultado da combinação entre o aumento de ocorrências e a maior propensão das vítimas em denunciar este crime. A lesão Corporal seguida de Morte e o Latrocínio são os crimes com menores incidências. A lesão Corporal Dolosa é em disparado o crime com maior ocorrência no município. O roubo de aparelho de celular não tem grandes ocorrências nos dados embora no cotidiano haja medo da população por esse tipo de crime ser comum. Isto ocorre porque boa parte das pessoas não registra o boletim de ocorrência.

Delitos	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015
Homicídio Doloso	157	122	161	183	156	208	231	202	182	194	216	220	168
Lesão Corporal Seguida de Morte	2	2	3	0	1	0	1	0	0	0	1	0	3
Latrocínio	2	5	8	2	2	6	4	1	0	3	5	2	5
Tentativa de Homicídio	161	144	225	185	179	190	262	181	220	247	301	425	247
Lesão Corporal Dolosa	2390	2348	2157	2275	2008	1775	1760	1834	1678	1685	1910	1887	1384
Estupro	24	21	35	31	37	29	77	124	136	163	286	173	181
Roubo a Est. Comercial	212	122	113	160	119	130	123	86	102	125	155	113	91
Roubo a Residência	49	38	44	43	50	60	71	63	35	38	43	39	27
Roubo de Veículo	136	88	77	104	138	221	213	127	145	156	162	279	151
Roubo de Carga	25	32	21	51	42	44	48	41	24	24	28	38	43
Roubo a Transeunte	414	397	446	566	766	937	1133	907	687	657	845	1084	691
Roubo em Coletivo	42	33	73	42	90	52	62	57	54	37	62	49	47
Roubo de Aparelho Celular	16	148	47	75	55	35	33	37	34	32	53	76	115
Roubo com condução da vítima para saque em I.F.	0	1	0	1	0	2	1	0	1	0	2	1	0

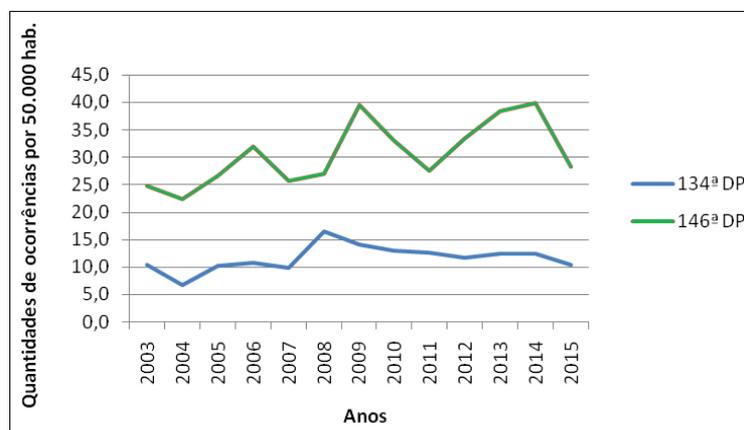
Fonte: Instituto de Segurança Pública; Elaboração da Autora.

Embora sejam vastos os crimes que são freqüentes no município, aprofundaremos nossas análises nos seguintes delitos: o Homicídio doloso, Roubo a transeunte, o Estupro e o Roubo a residência. Embora o estupro seja um crime com registros considerados geralmente subestimados, como consequência de fatores que inibem as agredidas registrarem ocorrência, sabemos que os dados oficiais é o mínimo, e tomamos como ponto de referência. Neste período de análise os números foram crescentes. Este fato pode ser que realmente cresceu o número de casos, ou que as vítimas tomaram nestes últimos anos mais coragem de denunciar. O homicídio dentre os delitos analisados, é o que pode ocorrer menos distorções, porém Caldeira (2000) já aponta a problemática nas classificações de crimes organizadas pelas instituições públicas. Mas foi escolhido pela grande ocorrência no subdistrito Guarus. Os roubos de maneira geral são mais recorrentes no subdistrito Centro, porém destacamos para análise o roubo a transeunte por ser o tipo de delito que é mais recorrente entre os demais roubos. E o roubo a residência, embora tenha números poucos expressivos se comparado aos demais escolhidos, é de relevância para tentar entender como a população de alto poder

aquisitivo se sentem inseguras dentro de suas próprias casas, preferindo ficar reclusas em condomínios residenciais fechados com todo o tipo de estratégias de proteção, tais como câmeras, guardas, muros, cercas elétricas, entre outros.

No Gráfico 2 podemos verificar a comparação das ocorrências de Homicídio doloso entre a unidade territorial referente a 146ª DP e 134ª DP no período de análise da pesquisa. A área Norte do município representado pela 146ª DP apresenta índice superior à área Sul. Durante os sete primeiros anos as oscilações nas ocorrências de ambas as unidades parecem coincidir. De forma geral, a mídia costuma mostrar os crimes mais chocantes, e o homicídio é o que está em constante evidência, e como os dados mostram que a área cujo crime é freqüente na 146ª, como consequência essas áreas vão ser mais exploradas pela mídia. Isso pode causar na população, grande sentimento de insegurança e medo com relação a essa região da cidade. Isso combinado com os preconceitos concebidos historicamente em Campos em relação a todo esse território.

Gráfico 2. Comparação das ocorrências de Homicídios Doloso entre as unidades territoriais da 134ª DP e 146ª DP por 50.000 hab. no período entre 2003 a 2015.

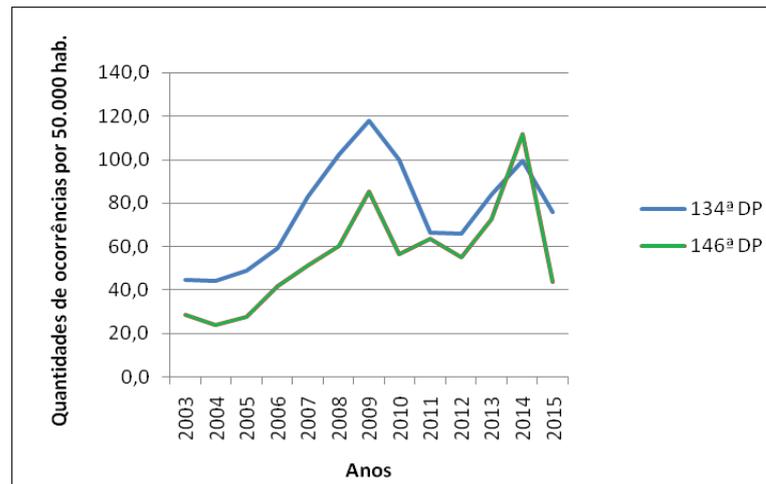


Fonte: Instituto de Segurança Pública; Elaboração da Autora.

O Gráfico 3 evidencia a maior incidência de roubo a transeunte no território da 134ª DP. Nos anos iniciais constata-se maior disparidade entre as áreas. Nos últimos cinco anos essa discrepância diminui e no ano de 2014 ocorre à inversão, com a 146ª DP tendo maiores ocorrências. No último ano ocorre significativa queda nas ocorrências de roubo a transeunte na área da 146ª DP, voltando a 134ª DP ter mais ocorrências. Os roubos de forma geral não

são evidenciados pela mídia, exceto casos específicos como o latrocínio que costumam trazer grande impacto ao público.

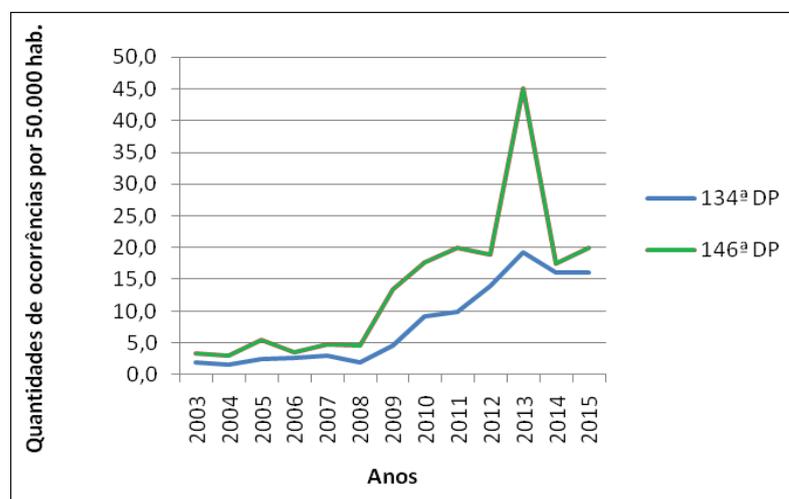
Gráfico 3. Comparação das ocorrências de Roubo a Transeunte entre as unidades territoriais da 134ª DP e 146ª DP por 50.000 hab. no período entre 2003 a 2015.



Fonte: Instituto de Segurança Pública; Elaboração da Autora.

O Gráfico 4 mostra grande crescimento do número de estupros em Campos, bem como a situação comparativa entre as duas áreas analisadas. A zona da 146ª fica com as maiores ocorrências, mas não tem muita diferença entre as zonas, porém no ano de 2013 ocorre expressivo crescimento do estupro da 146ª DP. No ano seguinte ocorre uma queda nas ocorrências, mas não chega a ser menor que a da outra unidade.

Gráfico 4. Comparação das ocorrências de Estupros entre as unidades territoriais da 134ª DP e 146ª DP por 50.000 hab. no período entre 2003 a 2015.

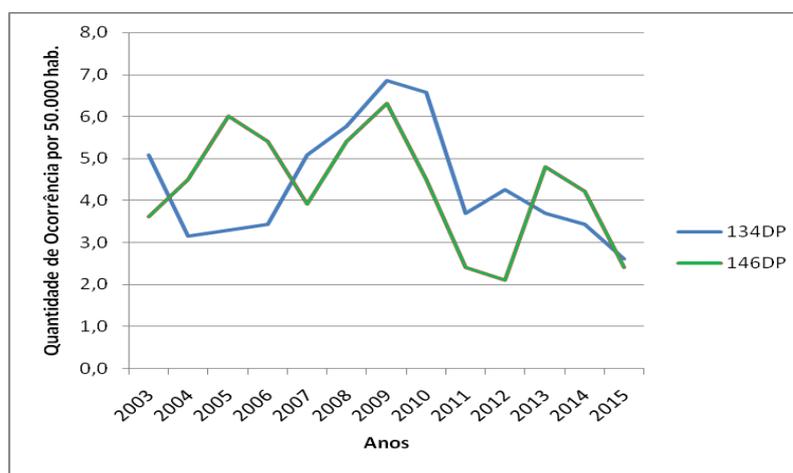


Fonte: Instituto de Segurança Pública; Elaboração da Autora.

A análise do delito roubo a residência, embora pouco expressiva, foi necessária visto que a população de modo geral tem mudado sua forma de habitação, por medo da violência criminosa, que em maiores casos ocorrem fora de suas residências. A sensação de insegurança por eles ocorre dentro de suas casas unifamiliares, ou seja, se sentem inseguros dentro delas. Então fizemos esta análise, pois é seria um delito diretamente relacionado à falta de segurança dentro dos lares, já que o crime ocorre exatamente contra a residência. Sendo assim podemos ver que a própria mudança no tipo de habitação já é uma estratégia de proteção. Como o objetivo da pesquisa é fazer uma análise além de quantitativa, mas também qualitativa entre os dois subdistritos Centro e Guarus, para refletir se Guarus seria inseguro e o Centro mais seguro, podemos perceber variações constantes entre as duas áreas.

Ao analisar o Gráfico 5, a princípio já percebemos que ocorrem poucos delitos desse tipo que validasse a insegurança dentro das casas, o gráfico mostra que os valores são inferiores a 7,0 no período analisado. Em 2003 a área da 134ª DP começa superior ao da 146ª DP, nos próximos três anos (2004, 2005 e 2006) o subdistrito Guarus chega a 6,0, maior que a outra área. De 2007 a 2013 o quadro muda e o território da 134ª DP, fica com números superiores. Em 2012 ocorre a elevação nos dados da 146ª DP, ficando superior nos anos de 2013 e 2014. Em 2015 ocorre queda nos números de ambas as DPs, ficando a 134ª DP com maior número.

Gráfico 5. Comparação das ocorrências de Roubo a residência entre as unidades territoriais da 134ª DP e 146ª DP por 50.000 hab. no período entre 2003 a 2015.

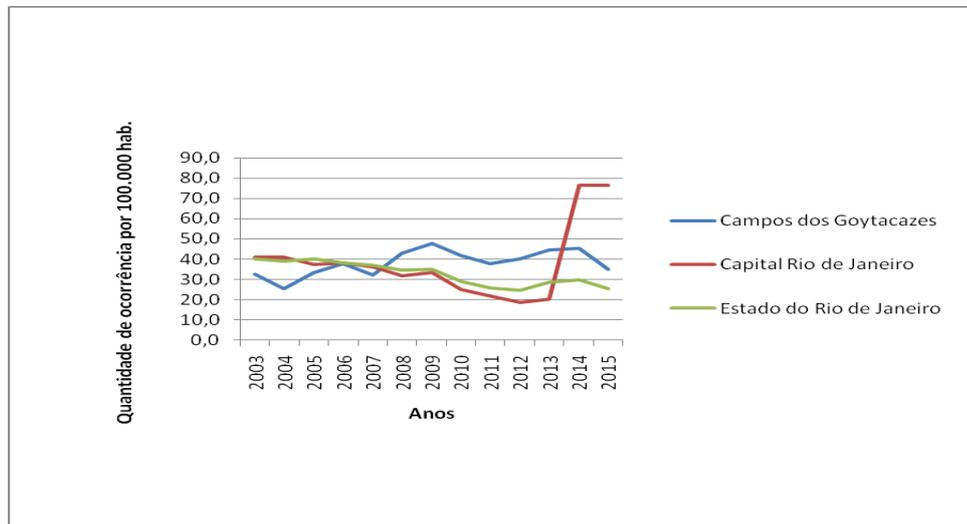


Fonte: Instituto de Segurança Pública; Elaboração da Autora.

Os dados mostram que esse delito não é tão discrepante entre os territórios das duas DPs em Campos. Porém a população residente no subdistrito Centro tem mudado a sua forma de habitação mais intensamente, onde podemos ver intenso surgimento de residenciais fechados. Esse processo em Guarus começou tímido, se comparado ao do Centro. A partir de 2015 que surgiram alguns residenciais fechados horizontais para a população da classe média e de menor renda, pela MRV. Porém, quem adquire esses apartamentos e casas, são moradores do próprio subdistrito, segundo informações de uma corretora da MRV.

Comparando esses mesmos crimes com o estado e capital podemos observar que as ocorrências de homicídio doloso (Gráfico 6) no município são tão altas que no período de 2008 a 2013 chega a ultrapassar a capital e o estado em proporções. Nos três últimos anos Campos fica com ocorrências superiores à do estado, mas a capital supera as ocorrências de Campos e estado com números bem significativos.

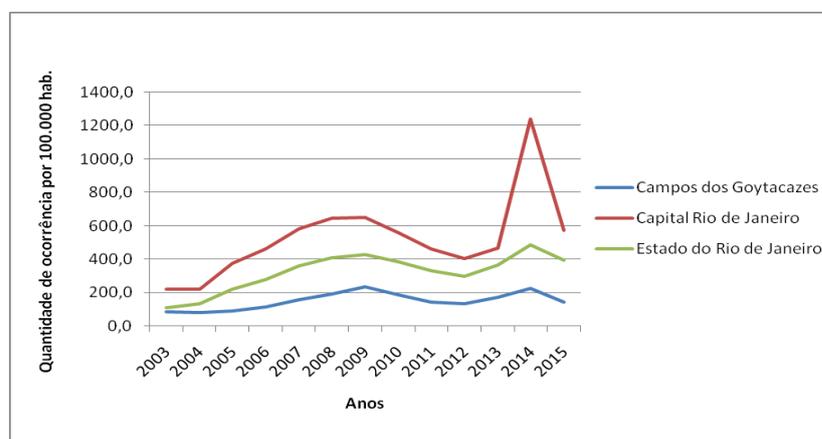
Gráfico 6. Comparação das ocorrências de homicídio doloso entre Campos dos Goytacazes, Capital e Estado do Rio de Janeiro por 100.000 hab. no período entre 2003 a 2015.



Fonte: Instituto de Segurança Pública; Elaboração da Autora.

Embora o roubo a transeunte (Gráfico 7) tenha um número expressivo em Campos, ele não chega a ser superior ao Estado e a Capital. O município em proporções se aproxima mais do estado do que a Capital que ao longo do período se manteve com maiores ocorrências de roubos a transeuntes. Como no caso do homicídio doloso, em 2014 a Capital teve grande aumento desse tipo de roubo, esse fator pode ter relação com o evento da Copa do Mundo sediado no Brasil que teve a Capital do estado do Rio como umas das cidades a realizar as partidas de futebol.

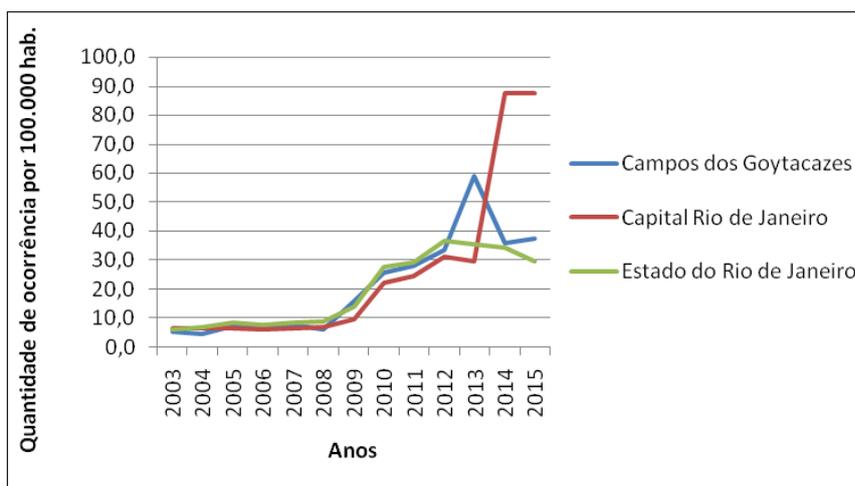
Gráfico 7. Comparação das ocorrências de roubo a transeunte entre Campos dos Goytacazes, Capital e Estado do Rio de Janeiro por 100.000 hab. no período entre 2003 a 2015.



Fonte: Instituto de Segurança Pública; Elaboração da Autora.

Em 2003 e 2004 o número de ocorrências de estupros (Gráfico 8) no município estava abaixo das do estado e da capital. De 2005 a 2007 supera as incidências da Capital. Em 2008 volta a ter ocorrências menores que as outras variantes, porém com pouca variação como vem ocorrendo no período analisado. Em 2009 o município supera os valores da capital e do estado que até então eram os que tinham maiores ocorrências. De 2010 a 2012 Campos têm uma leve queda dos índices de ocorrência ficando com números inferiores ao estado, mas superiores da capital. Em 2013 o município tem um crescimento muito grande de estupros que ultrapassa os números de casos do estado e capital. Em 2014 e 2015 o estupro em Campos teve uma queda das ocorrências, mas manteve os dados superiores ao do estado. A capital no ano de 2013 a 2015 teve um aumento expressivo, ficando bem superior as outras variantes.

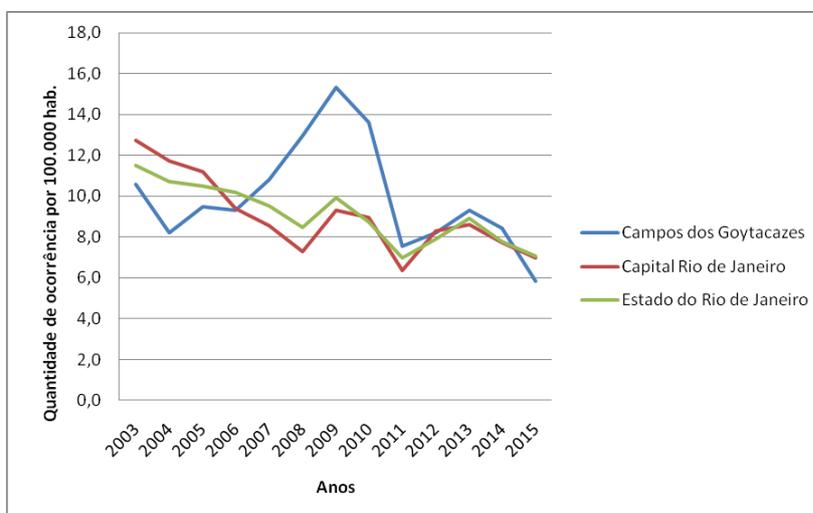
Gráfico 8. Comparação das ocorrências de estupro entre Campos dos Goytacazes, Capital e Estado do Rio de Janeiro por 100.000 hab. no período entre 2003 a 2015.



Fonte: Instituto de Segurança Pública; Elaboração da Autora.

Os dados de roubo a residência embora não seja tão recorrente se comparado ao de homicídio, podemos perceber no Gráfico 9 que apartir de 2006 a 2011 e 2013 e 2014, chega ser superior aos da capital e do estado em proporções.

Gráfico 9. Comparação das ocorrências de roubo a residência entre Campos dos Goytacazes, Capital e Estado do Rio de Janeiro por 100.000 hab. no período entre 2003 a 2015.



Fonte: Instituto de Segurança Pública; Elaboração da Autora.

O levantamento de dados feito nos proporcionou uma visão geral da violência criminosa no município. Podemos perceber evidente crescimento da violência a partir dos crimes violentos no município que por vezes chega a ser maior que o da Capital e Estado. Observamos também que embora o segundo distrito tenha os maiores valores nos números de ocorrência na maioria dos crimes, ela não se difere muito com a do primeiro subdistrito Centro, com exceção do homicídio, em proporções.

A violência criminosa no município de Campos é notória, que por vezes chega ser superior em proporções ao estado e sua capital. Os crimes violentos não são homogêneos no espaço. As áreas do subdistrito Centro ocorrem maiores ocorrências de delitos contra o patrimônio e nas áreas do subdistrito Guarus contra a vida. O espaço impõe-se como um elemento de sujeição à violência, pois a depender onde se mora, podemos estar mais ou menos sujeitos aos diferentes tipos de violência.

Em Campos até a primeira metade de 2017, havia duas facções relacionadas ao tráfico de drogas. A facção Terceiro Comando Puro (T.C.P) com centro de comando localizado na comunidade Tira-gosto, no bairro Riachuelo, e a A.D.A (Amigos dos Amigos), localizada na comunidade Baleeira entre os bairros Caju e Leopoldina, ambos no subdistrito Centro.

No município havia disputa de território por essas duas facções, que segundo o chefe de serviço da comissão de polícia Francisco Carlos Cardoso da 146ª DP, que já exerce a profissão há 30 anos, o grande número de homicídios no município deve-se a essa disputa.

No subdistrito Guarus, segundo informações da polícia, o número de homicídios aumentou depois que houve a mistura de facções com o programa habitacional Minha Casa Minha Vida. Dentre os bairros com alto índice de homicídio citado foi o Eldorado, São Silvestre, Santa Helena, Santa Rosa, Cidade Luz, Fundão e Jardim Carioca.

Ao ser questionado sobre os altos índices de homicídios do território da 146° DP, se comparado em proporções entre a capital e o estado do Rio de Janeiro, explicou que as facções na cidade do Rio já são consolidadas há anos e isso influenciaria no número de homicídios nesta comparação com Campos, que constantemente ocorrem conflitos entre as facções, onde grandes partes dos homicídios ocorrem pela morte de integrantes das facções.

## 2.2 A Representação da violência e a violência da representação

Para entender o papel da mídia nas representações sobre a violência urbana e suas influências nas representações da população, se fez necessário analisar como a violência é abordada na mídia local. Para isso, analisamos os jornais O Diário e Folha da Manhã, no período temporal de análise do presente trabalho (2003 a 2015).

A representação da violência se refere a influência cotidiana da mídia na disseminação da violência. O caráter difuso da violência ocorre graças à presença repetida e sensacionalista que os meios de comunicação garantem todos os dias, que muitas vezes o particular assume o papel de regra. Então, a mídia assume caráter manipulador, visto que ela introduz certa ordem indicando o que se deve fazer e evitar para não ser vítima de uma violência exagerada que ela mesma criou. Sendo assim, ocorre a violência da representação, ao mesmo tempo em que a mídia representa, ela é uma nova forma de violência. (SPOSITO E GOÉS, 2013, p. 173).

Esta manipulação da mídia pode ser explicada através de duas estratégias: o efeito *miopia* e o efeito *zoom*, conforme explicam Sposito e Goés (2013). O primeiro ocorre quando é direcionado o foco exclusivamente a uma situação atual, fazendo perder de vista acontecimentos anteriores, ou seja, a mídia tem o poder de selecionar e focar quais matérias vão ser propagadas. E o efeito *zoom*, ocorre quando a mídia ignora a contextualização da compreensão dos fatos e seleciona fatos geralmente chocantes para abordar, isto prende a atenção do espectador. Confirma-se o caráter gerador de insegurança na população propagado pela mídia. Sendo assim, a mídia não se preocupa em fazer um tratamento dos dados para representar de forma que representa a realidade, colocando em evidência situações, que

muitas vezes são incomuns e não mostrando situações comuns, talvez mais agressivas que aquelas evidenciadas pela mídia, gerando efeito miopia por outro lado.

Essas representações midiáticas também influenciam as representações da população denominada por Caldeira (2011) como a *fala do crime*. Essas conversas do dia-a-dia também têm papel fundamental na construção do medo. Em Campos essas representações populares chegam a acontecer no mundo virtual, sobretudo contra Guarus (Figura 6). Podemos encontrar imagens que representa Guarus como um local muito violento, área onde só encontra pobres e criminosos, enfim, representam uma segregação socioespacial simbólica, que agride a *psique* dos moradores dessa parte da cidade.

Figura 6. Representação da violência feita por uma página no facebook contra Guarus.



Fonte: Pagina do Campista Depressivo no Facebook<sup>12</sup>.

Ao analisar os jornais, percebemos que os principais delitos representados são: homicídio, roubo a estabelecimento comercial, roubo a transeunte, estupro, roubo a residência, roubo a instituição financeira. Os roubos a estabelecimentos comerciais enquadram as lojas no Centro, posto de gasolina, supermercados. Os roubos a instituições financeiras são restritos a lotéricas em sua maioria e bancos na minoria.

De forma geral, a mídia costuma mostrar os crimes mais chocantes. O homicídio então vai está em constante evidência, como os dados mostram que esse delito é freqüente na 146<sup>a</sup>, como consequência essas áreas vão ser mais exploradas pela mídia. Isso pode causar na população grande sentimento de insegurança e medo com relação a essa região da cidade. Isso

<sup>12</sup> Disponível em: [https://www.facebook.com/campistadepressivo/?ref=br\\_rs](https://www.facebook.com/campistadepressivo/?ref=br_rs) Acesso em Ago. 2016.

combinado com os preconceitos concebidos historicamente em Campos em relação a todo esse território, generalizando todo o subdistrito Guarus como violento, desconsiderando que essa população é a mais sujeita à violência, inclusive a violência policial ou mesmo o descaso com relação à segurança nestes bairros.

Os jornais, sobretudo O Diário, por vezes, acrescentam os bairros Guandú, Boa vista, Sapucaia, Travessão e por vezes o Rio Paraíba, como crimes que ocorreram no subdistrito Guarus, embora não o sejam. Constatamos também que as duas comunidades que representavam os centros de comandos das duas antigas<sup>13</sup> facções A.D.A (Amigos dos Amigos) e T.C.P (Terceiro Comando Puro) a Baleeira e Tira Gosto, que estão localizadas no subdistrito Centro, não eram mencionados os nomes dos bairros em que se localizam. Houve constantes notícias de ações policiais nessas comunidades, sem mencionar o bairro. Essa representação faz com que a violência nessas comunidades no subdistrito, esteja controlada, pois para a maioria da população o aumento da violência é causado pela falha nas ações policiais, defendendo condutas mais repressivas.

Podemos constatar que os jornais O Diário e Folha da Manhã exploram muito as matérias sobre a violência. “O jornal Folha da Manhã várias vezes usou expressões como “Extermínio de gente” ou “Escalada da violência” para dar impacto e chamar a atenção para a matéria, fato que alimenta o sentimento de insegurança e aumento da violência. O jornal Folha da manhã, nos últimos anos, fazia contagem de homicídios em suas capas (Figura 7).

---

<sup>13</sup> Em 2017, as facções anunciaram sua junção formando a facção Terceiro Comando dos Amigos.

Figura 7. Capa do Jornal Folha da Manhã com expressões que sugere altos índices de violência.



Fonte: Jornal O diário, Campos dos Goytacazes, 19 ago 2009.

As representações da violência nesses jornais ocorrem todos os dias do ano. A Tabela 4 mostra somente os totais dos delitos analisados na pesquisa.

Tabela 4. Comparação dos totais anuais dos delitos: homicídio, estupro, roubo a transeunte e roubo a residência entre os jornais O Diário e Folha da Manhã.				
Ano	Total de notícias no jornal O Diário	Total de Capas	Total de notícias no jornal Folha da Manhã	Total de Capas
2003	154	42	235	94
2004	205	75	170	42
2005	215	82	150	65
2006	223	82	195	99
2007	210	73	181	74
2008	232	78	213	75
2009	247	94	185	71
2010	172	38	193	71
2011	52	9	138	45
2012	155	39	136	27
2013	173	33	140	24
2014	220	52	150	41
2015	153	28	55	17

Fonte: Jornal O diário; Jornal Folha da Manhã; Elaboração da Autora.

Embora nesta tabela estejam os números de notícias dos quatro delitos analisados na pesquisa, podemos perceber que os totais são bem elevados. O jornal O Diário notícia mais crimes em relação ao jornal Folha da manhã, porém A Folha da Manhã destaca mais os crimes em capas. Ambos os jornais além de informar o bairro onde ocorreu o delito, especificam o subdistrito Guarus, fato que não ocorre no subdistrito Centro. Essa especificação foi mais freqüente no jornal O Diário.

O poder de decisão da mídia na hora de escolher as notícias a serem informados, sem ter a preocupação em estigmatizar, faz com que a violência tenha um caráter difuso, pois ela pode, por exemplo, anunciar somente os homicídios ocorridos no subdistrito Centro e somente roubo a residência em Guarus, assim a população terá a percepção que no Centro ocorre muitos homicídios e em Guarus muitos roubos a residência. O que na realidade é o inverso disso.

A tabela 5 do jornal analisado mostra os totais anuais de notícias dos delitos de homicídios e a área de ocorrências segundo as delegacias policiais destacando as notícia dos bairros do subdistrito Centro e Guarus, permitindo analisar como é retratada a violência no município, sobretudo no espaço urbano delimitado na pesquisa. Percebemos que ambos os jornais, sobre o homicídio, noticiaram mais na 146ª DP nos bairros de Guarus e na 134ª DP as demais localidades, distritos e bairros que pertencem ao território da 134ª DP, sem enquadrar o subdistrito Centro.

Tabela 5. Homicídios entre as 134ª DP e 146ª DP de Campos dos Goytacazes no jornal Folha da Manhã.

Ano	134º DP			146º DP			
	Centro		Demais Localidades	Guarus			Demais Localidades
	Quantidade	Capa	Quantidade	Quantidade	Capa	Especificado	Quantidade
2003	48	37	15	58	29	2	20
2004	24	10	21	43	11	17	7
2005	23	17	20	49	33	17	10
2006	36	27	22	61	40	19	9
2007	32	18	30	35	24	10	14
2008	54	32	37	46	30	15	13
2009*	40	22	30	44	32	7	14
2010*	35	18	31	60	33	13	15
2011	45	22	23	50	21	17	5
2012	32	11	15	62	16	30	17
2013*	28	9	27	50	15	25	21
2014*	19	5	26	69	33	29	11
2015*	3	1	12	33	16	17	5

Fonte: Folha da manhã; O diário; Elaboração da Autora.

No jornal O Diário os anos que tiveram falta de jornais<sup>14</sup>, os dados são menores que o da Folha da manhã, sendo os anos de 2011 e 2012. Na Folha da manhã, os anos foram 2009, 2010, 2013, 2014 e 2015.

Observamos que os crimes que ocorriam em bairros em Guarus ganhavam mais capas, sobretudo destacando o “Guarus” (Figura 8). Entretanto, mesmo com quantidade inferior, as capas do subdistrito Centro, eram reservadas aos fatos que ocorriam com pessoas de alto poder aquisitivo (Figura 9).

Figura 8. Capa de homicídio com o título Guarus em destaque.



Fonte: Jornal O diário, Campos dos Goytacazes, 11 jun 2007.

<sup>14</sup> A pesquisa foi realizada na Biblioteca Municipal, ao analisar os jornais, não tivemos acesso a alguns meses, pois houve descontinuidade do recebimento dos jornais em razão da descontinuidade do pagamento pela Prefeitura aos jornais, segundo as funcionárias da Biblioteca Municipal.

Figura 9. Capa com homicídio de um empresário na Pelinca.



Fonte: Jornal O diário, Campos dos Goytacazes, 14 mar 2003.

No jornal O Diário, as especificações do subdistrito Guarus, chega a quase igualar a quantidade de notícias, observem os anos 2005, 2006, 2007, 2009. Os totais de notícias durante os anos oscilam, mas nunca ficam abaixo de um total de 100 notícias, exceto no ano de 2011, que tivemos o número inferior, visto que não tivemos acesso aos jornais do mês de junho a dezembro.

A Folha da Manhã dá maior destaque em capas. Se compararmos os dois jornais, os meses que não tivemos acesso, não diferenciaram muito nos totais anuais das capas. As especificações sobre o subdistrito Guarus não são muitas como no jornal O Diário. A Folha da manhã destaca mais a violência em Campos, em relação aos outros municípios, do que no subdistrito Guarus.

Sobre os delitos que analisaremos adiante, daremos preferência em anexar os dados do jornal O Diário, pois o mesmo apresenta dados mais completos que o da Folha da Manhã, porém faremos alguns apontamentos de ambos os jornais.

Os dados sobre as notícias de estupro (tabela 6) são bem inferiores em ambos os jornais. Embora nos dados reais dessas ocorrências venham crescendo nos últimos anos, nos noticiários isso não ocorre. As notícias ocorrem sem um padrão, diferente das notícias de

homicídio, dando a sensação que o estupro quase não acontece<sup>15</sup>, e quando ocorre, pode ser em qualquer local. Na maioria das notícias de estupro, embora seja um crime que choca, quase não é destacado em capa. Esse tipo de crime revolta a sociedade, que por vezes, fazem justiça com as próprias mãos, então percebemos que os registros nos jornais tinham certa cautela nas informações sobre o crime como nome dos bairros, vítima e estuproador.

Tabela 6. Estupro entre as 134ª DP e 146ª DP de Campos dos Goytacazes no jornal O diário.

Ano	134ª DP			146ª DP			
	Centro		Demais Localidades	Guarus			Demais Localidades
	Quantidade	Capa	Quantidade	Quantidade	Capa	Especificado	Quantidade
2003	0	0	0	0	0	0	0
2004	0	0	2	0	0	0	0
2005	0	0	0	7	3	3	1
2006	4	2	0	2	0	1	0
2007	0	0	1	6	1	5	1
2008	0	0	0	5	0	2	0
2009	1	0	0	2	1	0	1
2010	2	0	2	3	0	1	3
2011*	0	0	0	1	0	1	0
2012*	0	0	4	2	1	1	0
2013	4	0	1	1	0	0	0
2014	5	0	1	2	1	0	1
2015	0	0	0	0	0	0	1

Fonte: Folha da manhã; O diário; Elaboração da Autora.

O roubo a transeunte (Tabela 7), dentre os delitos analisados, foi o segundo maior em noticiais. Nos últimos anos, o número de notícias desse delito diminuiu consideravelmente em ambos os jornais. Fato este, que é bem discrepante se compararmos com os dados reais, que estão entre as maiores ocorrências. Esse delito não prende a atenção dos leitores, não é um crime que choca. Este fato também se reflete no número de capas, que quase não têm destaque. De 2003 a 2008 tivemos as maiores notícias ocorridas nos bairros localizados no subdistrito Centro. De 2009 a 2015, com números bem inferiores, apresentaram pouca diferença entre as localidades. De maneira geral, as notícias de roubo a transeunte apresentavam três tipos: os pedestres e taxistas no bairro do Centro, ônibus e caminhões de

<sup>15</sup> O fato de essas ocorrências serem menos noticiadas pode estar relacionado a muitos fatores, inclusive o de gênero, pois as vítimas são em sua maioria mulheres. Entretanto, não foi objeto de aprofundamento dessa questão, embora seja de enorme importância.

carga no subdistrito Guarus e transportadores em bairros e distritos que são cortados pela BR 101.

Tabela 7. Roubo a transeunte entre as 134ª DP e 146ª DP de Campos dos Goytacazes no jornal O Diário.

Ano	134º DP			146º DP			
	Centro		Demais Localidades	Guarus			Demais Localidades
	Quantidade	Capa	Quantidade	Quantidade	Capa	Especificado	Quantidade
2003	14	1	0	2	0	0	3
2004	27	2	2	16	1	2	2
2005	26	5	4	10	0	8	1
2006	18	6	1	10	2	8	2
2007	29	3	2	13	0	10	2
2008	18	0	6	10	0	1	1
2009	1	0	0	3	0	0	0
2010	1	0	0	0	0	0	0
2011*	0	0	0	1	0	1	0
2012*	3	0	0	0	0	0	0
2013	2	0	2	2	0	0	0
2014	6	0	0	4	0	0	1
2015	3	0	0	0	0	0	3

Fonte: Folha da manhã; O diário; Elaboração da Autora.

O roubo a residência (Tabela 8), como veremos, apresenta números bem inferiores se comparados ao do homicídio. Porém, se comparado em proporções com o estado e capital no período entre 2006 a 2014, chegam a ser bem superiores. Esse crime faz com que as pessoas se sintam inseguras dentro de suas próprias residências. A violência então não fica restrita aos espaços públicos.

Tabela 8. Roubo a residência entre as 134ª DP e 146ª DP de Campos dos Goytacazes no jornal O diário.

Ano	134º DP			146º DP			
	Centro		Demais Localidades	Guarus			Demais Localidades
	Quantidade	Capa	Quantidade	Quantidade	Capa	Especificado	Quantidade
2003	9	2	4	3	0	2	0
2004	16	1	2	4	0	2	1
2005	5	2	2	1	0	0	0
2006	7	0	2	4	0	2	1
2007	6	1	3	2	0	2	0
2008	4	0	1	0	0	0	3
2009	12	2	1	6	2	3	4
2010	7	0	0	1	0	0	4
2011*	1	0	0	0	0	0	0
2012*	3	1	1	2	0	1	0
2013	5	2	1	2	0	0	0
2014	10	2	2	3	0	1	0
2015	1	0	1	0	0	0	0

Fonte: Folha da manhã; O diário; Elaboração da Autora.

Nos jornais, esse delito é pouco representado, mas as representações ocorrem de forma gradativa durante o ano, pelo menos uma vez por mês é noticiado esse tipo de crime, dando a sensação de que ele é recorrente. Os roubos a residência, nos dados estatísticos, apresentam maior ocorrência nos distritos da 134ª DP, sobretudo no subdistrito Centro. Nas representações dos jornais, podemos encontrar alguns poucos casos que ocorreram em bairros do segundo subdistrito. As capas que destacam algumas ocorrências, geralmente são de pessoas que ocupam uma posição social elevada.

A mídia relata tanto a violência criminosa, que parece um fator habitual, e por ser tornar corriqueiro e difuso, parece natural dos espaços públicos, que vem invadindo os lares, ou seja, se tornando justificável ficar recluso em habitações com o máximo de segurança.

A criação da representação da violência aprofunda a segregação do espaço urbano. Campos vêm sendo palco de uma segregação socioespacial, que está refletindo no direcionamento da localização dos residenciais fechados e nas relações sociais estabelecidas no espaço urbano.

A consulta aos jornais, também possibilitou averiguar quais os bairros mais noticiados. Escolhemos o jornal O Diário para identificar os bairros mais abordados na mídia segundo os homicídios. Para isto, escolhemos os anos de 2003, 2006, 2009, 2013 e 2015 para elaborar os mapas para análise. Escolhemos analisar os dados de três em três anos, porém como os dados do ano 2012 estavam com déficit de alguns meses escolhemos o ano de 2013.

Observando a Figura 10 podemos perceber que os bairros de Guarus são os mais noticiados, com destaque para os bairros Custodópolis, Jardim Carioca e Santa Rosa. Já no subdistrito Centro o bairro Parque Aurora foi o mais noticiado, porém não chegando ser em números, maior que o bairro mais noticiado em Guarus. Em 2006 o número de notícias de homicídios é maior que 2003. Podemos observar que no subdistrito Centro alguns bairros são mais noticiados que no ano de 2003, porém, as repetições dos bairros são menores. Já no subdistrito Guarus alguns bairros são mais noticiados, ou seja, alguns bairros ficam em mais evidência na mídia, como os bairros Santa Rosa, que já apresentava essa exploração pelo jornal desde 2003, o Parque Aldeia, Parque Guarus, Parque São José e Jardim Carioca.

Figura 10. Bairros mais noticiados no crime homicídio nos anos de 2003 e 2006.

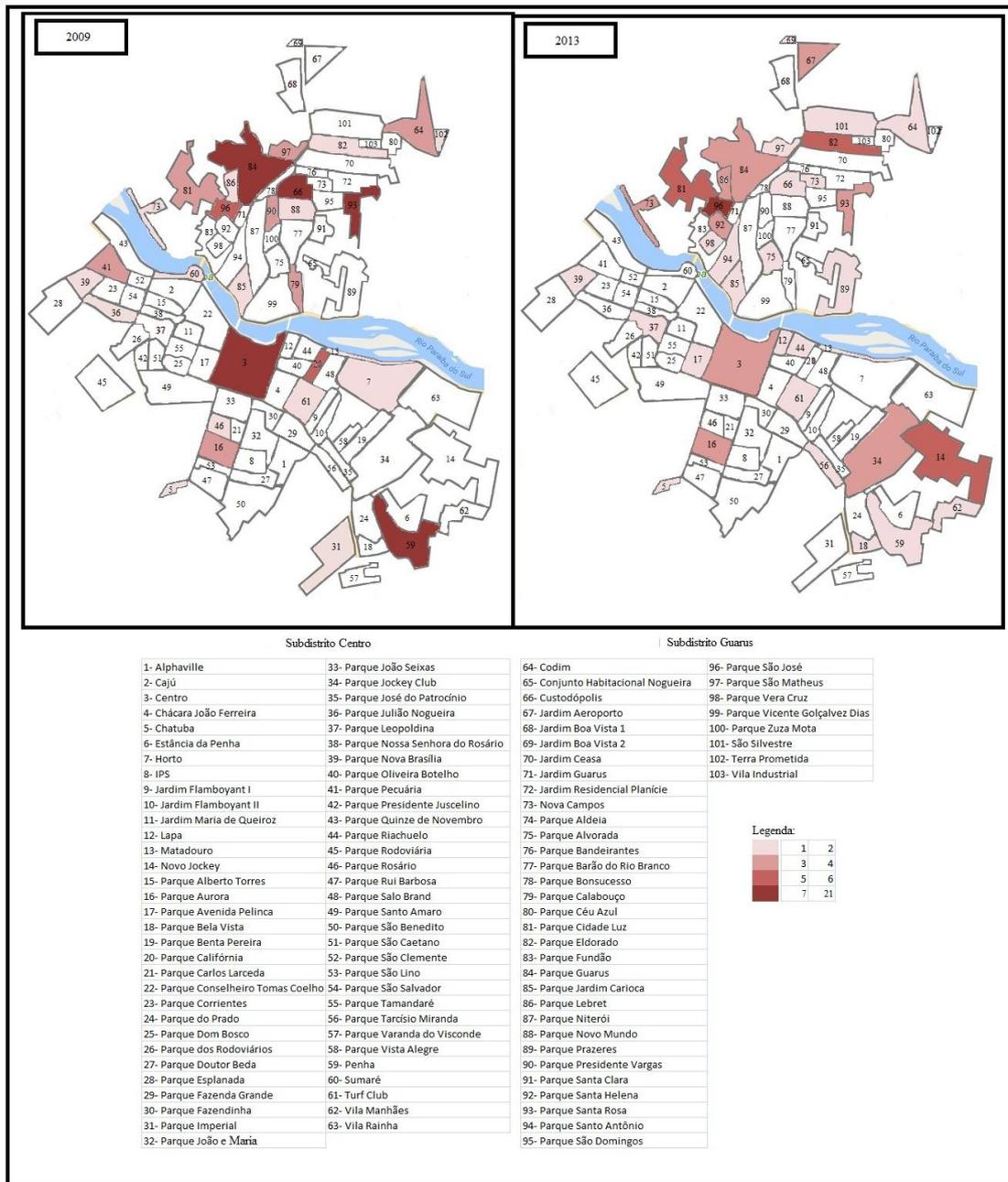


Fonte: Jornal O diário; Elaboração da Autora.

Analisando a Figura 11, no ano de 2009, os bairros Centro e Penha aparecem com mais frequência, assim como o Novo Jockey, Matadouro e Parque Califórnia. No subdistrito Guarus os bairros Santa Rosa, Jardim Carioca e Custodópolis são mais noticiados. No bairro Custodópolis, se localiza a 146ª DP. Nas notícias desse jornal, na maioria das vezes que ocorria algum delito nesse bairro, era informado que tal crime aconteceu próximo a esta delegacia de polícia. Este fato traz a percepção de uma polícia despreparada, que não consegue conter a criminalidade. Isso somado as intensas abordagens de crimes nos bairros do subdistrito, traz a sensação de violência sem controle. Em 2013, os homicídios ocorridos nos

bairros do subdistrito Centro são menos noticiados, tendo concentração nos bairros Centro e Novo Jockey. No subdistrito Guarus, nesse ano, são mais noticiados os homicídios ocorridos no bairro Cidade Luz e São José.

Figura 11. Bairros mais noticiados no crime homicídio nos anos de 2009 e 2013.

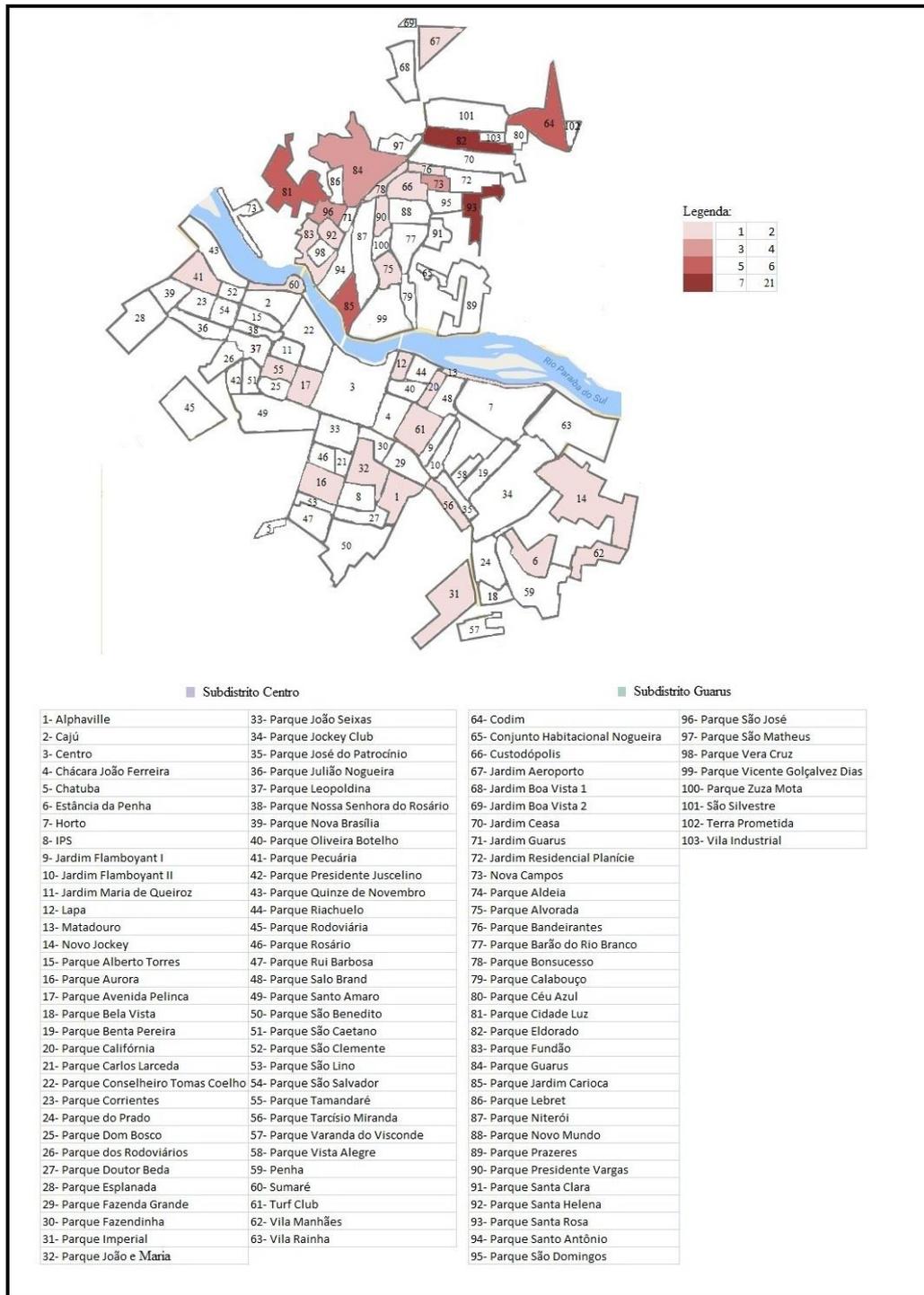


Fonte: Jornal O diário; Elaboração da Autora.

Em 2015 (Figura 12), os homicídios ocorridos no primeiro subdistrito quase não são noticiados. Os bairros Parque Aurora e Turf Club apresentam sutil destaque, pois em relação

aos bairros que são mais noticiados do subdistrito Guarus, apresentam frequência bem inferior.

Figura 12. Bairros mais noticiados no crime homicídio no ano de 2015.



Fonte: Fonte: Jornal O diário; Elaboração da Autora.

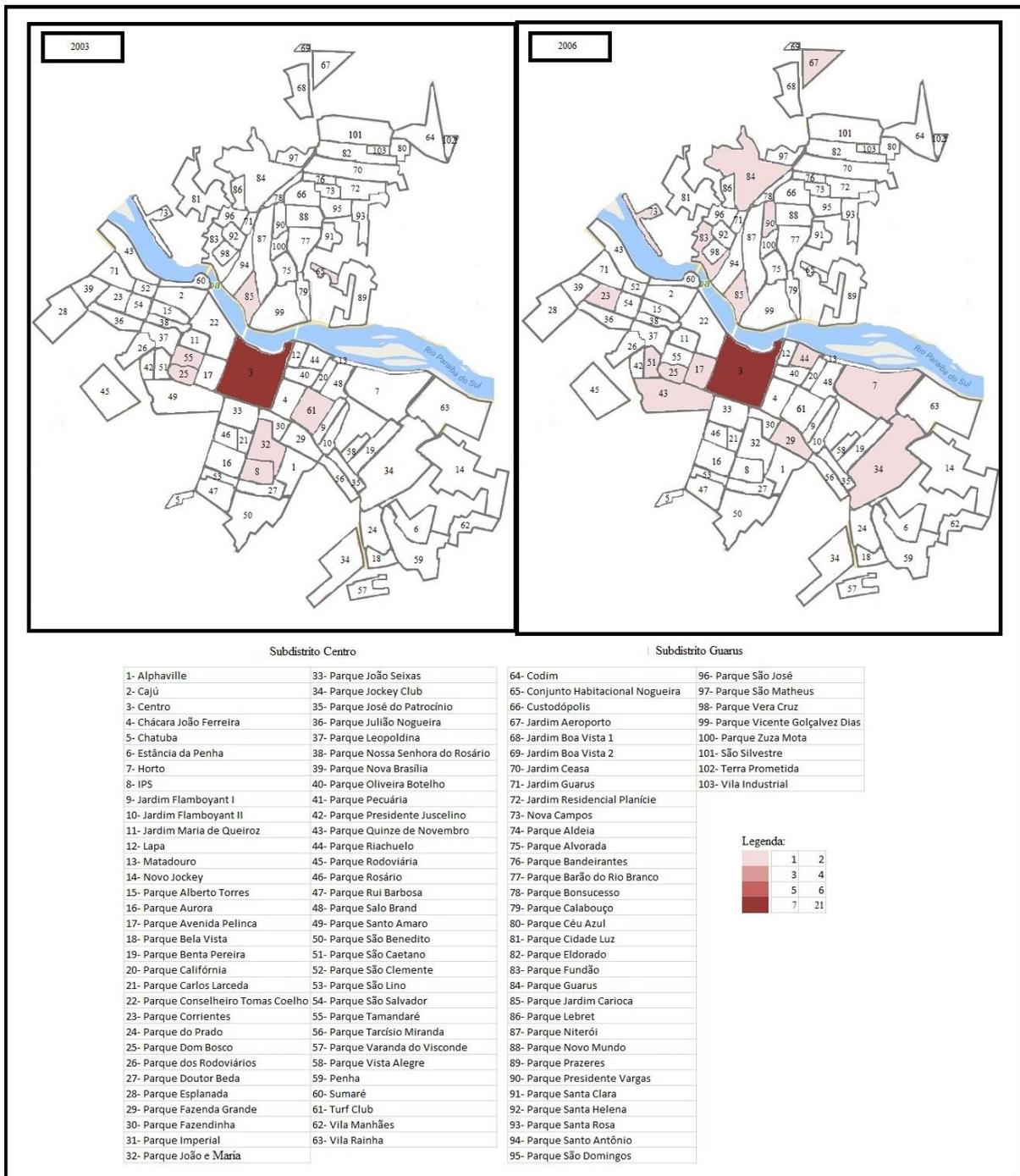
Analisando esses dados, podemos perceber que os bairros do subdistrito Centro mais evidentes na mídia são: Parque Aurora, Centro, Novo Jockey e Penha. No segundo subdistrito, podemos destacar: Santa Rosa, Parque Guarus, Custodópolis, Jardim Carioca, Parque Aldeia, Cidade Luz, Eldorado e São José.

Nesta análise, fica evidente que a mídia local tem papel fundamental no processo de segregação socioespacial, sobretudo residencial em Campos dos Goytacazes. A estratégia que a mídia utiliza para vender seus jornais desconsidera o efeito socioespacial que ocorrerá.

A criação da representação da violência aprofunda a segregação do espaço urbano. Campos vem sendo palco de uma segregação socioespacial, que está refletindo no direcionamento da localização dos residenciais fechados sejam horizontais ou verticais, cuja concentração está no 1º subdistrito.

O roubo a transeunte (Figura 13), embora pouco noticiado, nos anos iniciais do período de análise, foram mais contabilizados, sobretudo no Bairro Centro. Em 2003 podemos ver que os bairros que aparecem são: Centro, Parque Tamandaré, Dom Bosco, João e Maria, IPS, Turf Club, ou seja, bairros próximos a áreas centrais, sobretudo, bairros onde residem a classe média/ Alta. Isso evidencia que esse tipo de delito ocorre mais nas áreas nos bairros nobres, causando sentimento de insegurança nessa população. Em 2006, o destaque continua sendo o bairro Centro, local de intenso fluxo de pessoas, pois aí se localiza o centro comercial mais freqüentado pela classe de bairro poder aquisitivo. Observem que o Bairro Pelinca onde surgiu uma nova centralidade com lojas voltadas para a população de alto poder aquisitivo não aparece com freqüência, somente no ano de 2006. Este fato mostra que, embora os crimes de roubo ocorram nas áreas nobres, não é interessante que os mesmos apareçam como muito violentos. Já em Guarus, alguns bairros que, aparecem com bastante repetição no crime homicídio, também ganham o mesmo destaque na mídia no roubo a transeunte, igualando com os bairros do Centro. Isso dá a sensação que esse tipo de delito ocorre com as mesmas proporções em ambos os distritos.

Figura 13. Bairros mais noticiados no crime roubo a transeunte nos anos de 2003 e 2006.

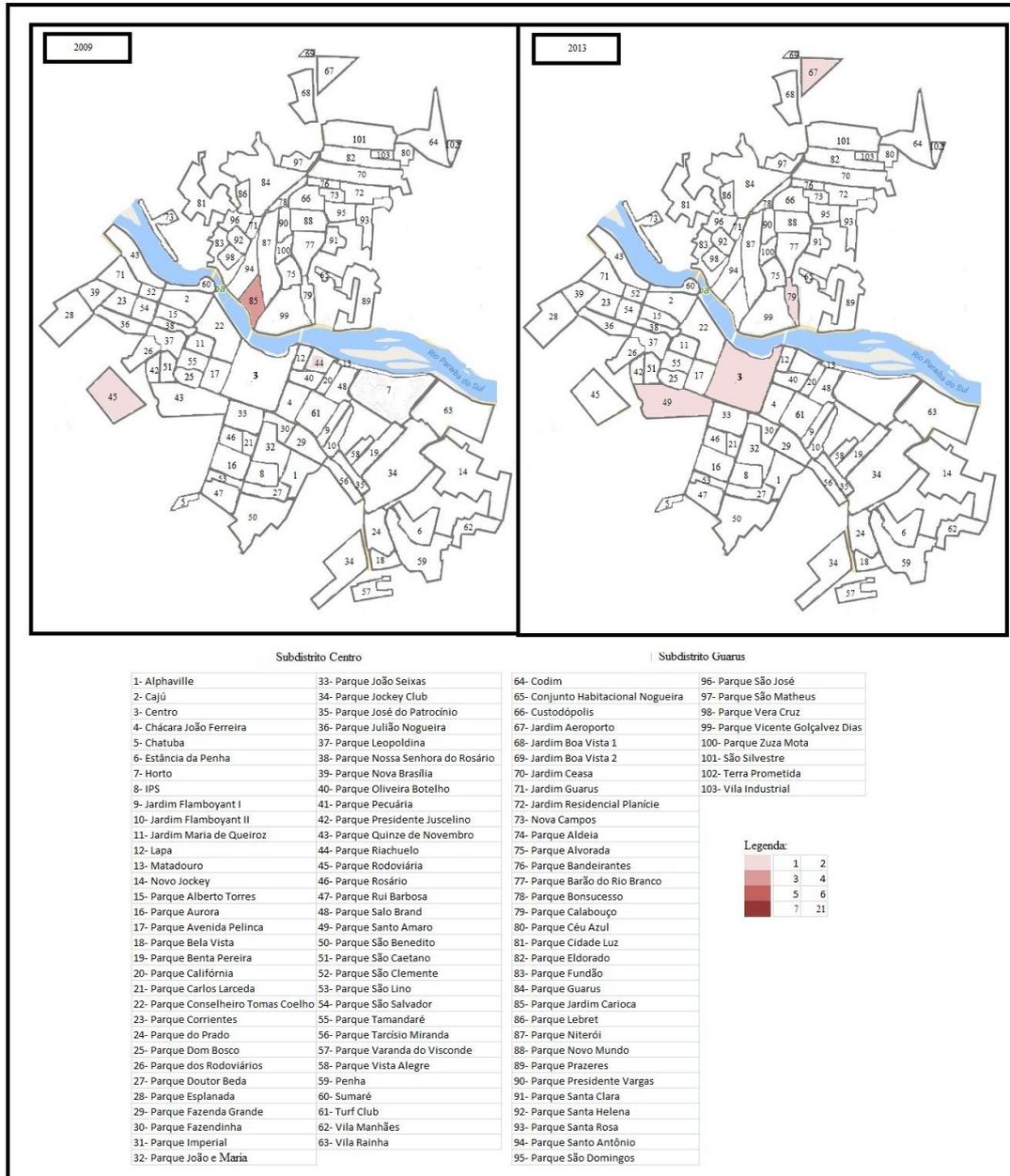


Fonte: Fonte: Jornal O diário; Elaboração da Autora.

Em 2009 e 2013 (Figura 14) tem redução nos totais de notícias desse delito, mas os poucos que apareceram nos noticiários apresentaram que em 2009, ocorreu em maior

proporção no subdistrito Guarus, sobretudo no bairro Jardim Carioca. Em 2013, esse delito se apresenta de igual proporção entre os dois subdistritos.

Figura 14. Bairros mais noticiados no crime roubo a transeunte nos anos de 2009 e 2013.

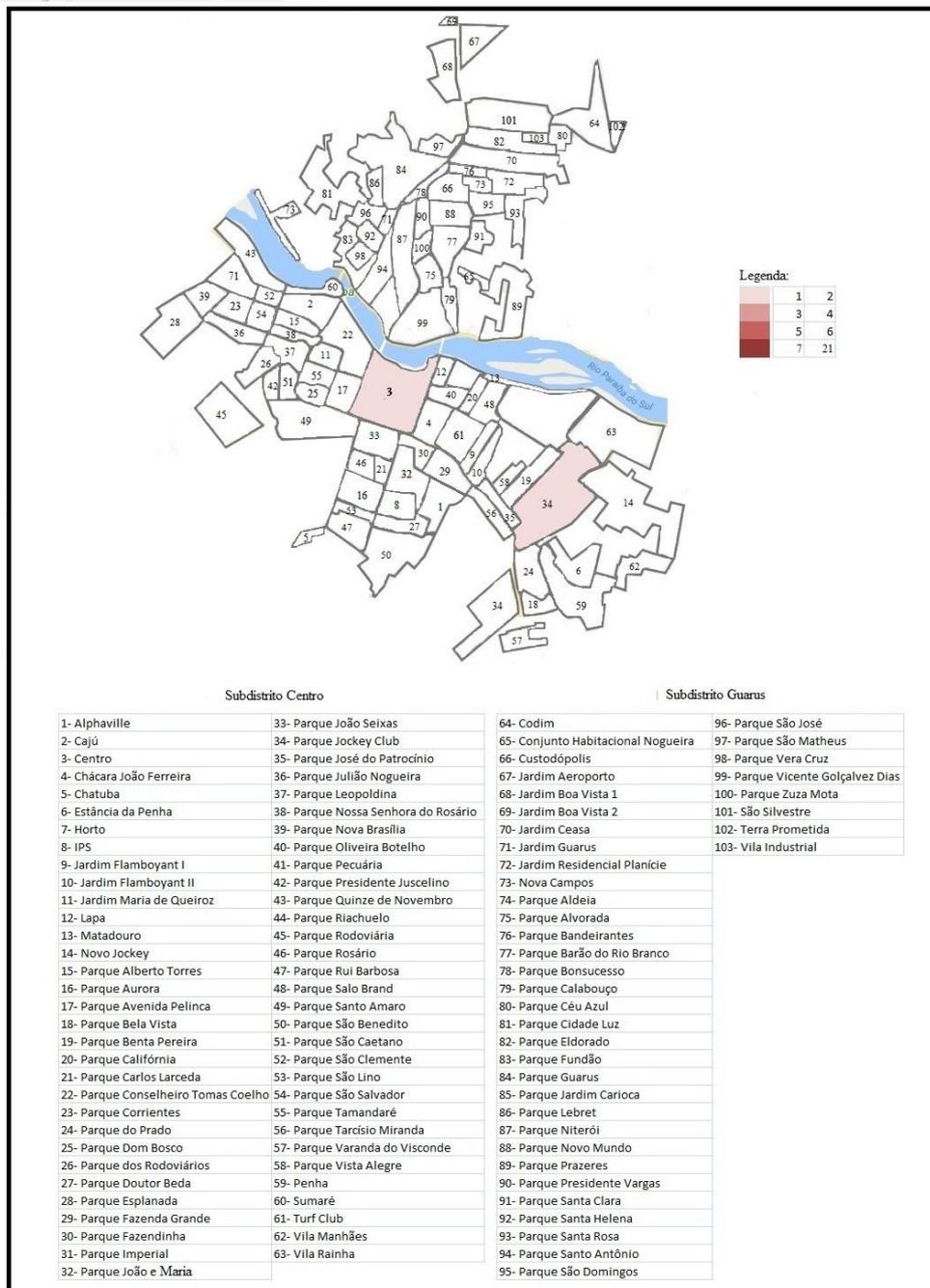


Fonte: Fonte: Jornal O diário; Elaboração da Autora.

Em 2015 (Figura 15), houve redução significativa das notícias desse delito, assim como de 2003 a 2015, apresenta diminuição, fato que entra em contradição com os dados reais, que apresentam aumento nesse mesmo período. Outro fator a destacar que, as notícias de homicídios desse mesmo período nos jornais, apresentam aumento, sobretudo no subdistrito Guarus. Podemos observar a super evidência do bairro Eldorado nesse delito, que

em 2015, foi representada vinte e uma vezes. Sendo assim, a mídia não evidencia o aumento de roubo a transeunte nos bairros que acontecem com mais freqüência em regiões mais nobres, ao passo que o homicídio, cuja população mais pobre sofre mais, tem muita representação. Isso evidencia que a mídia não representa negativamente as áreas mais nobres da cidade.

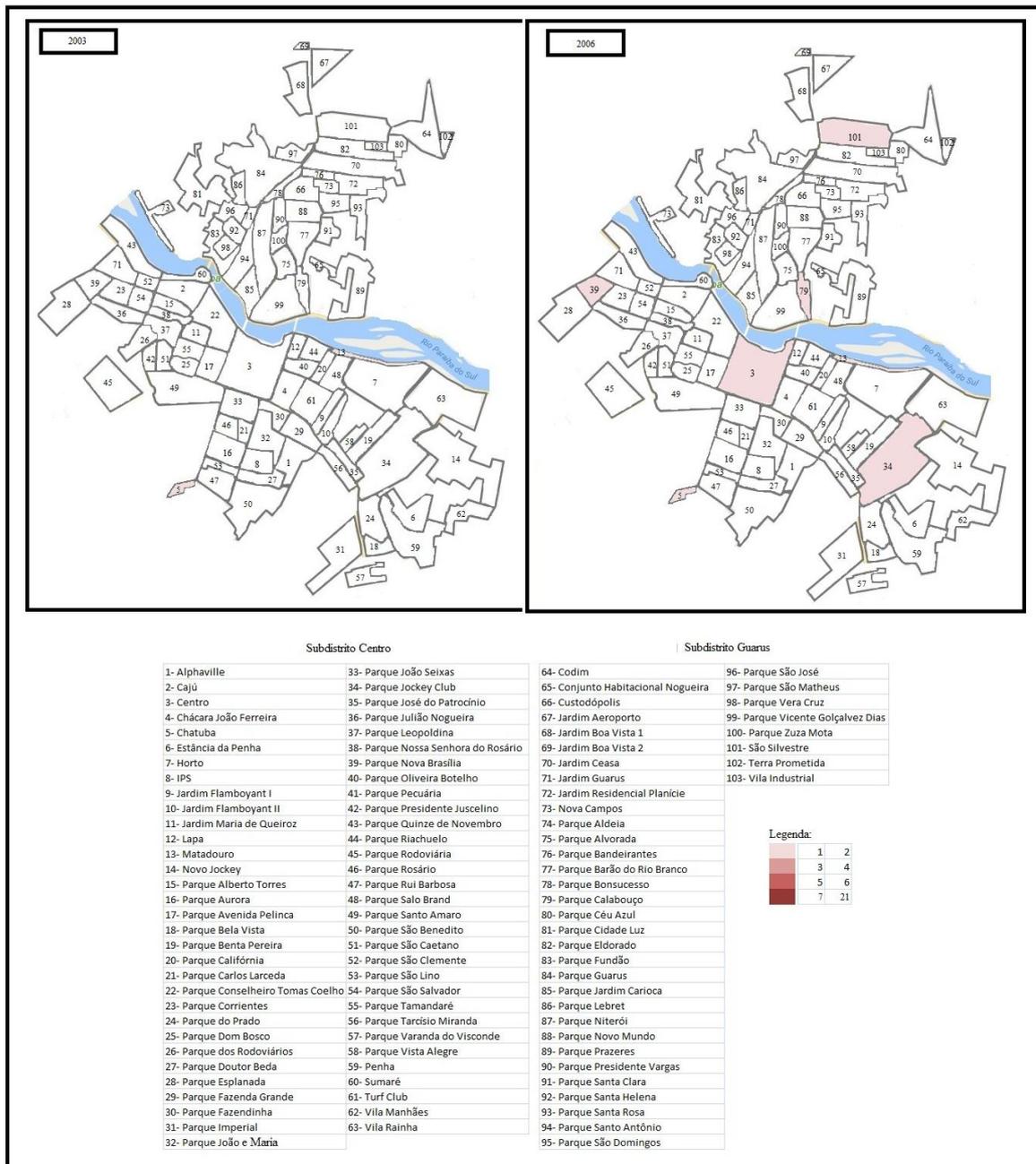
Figura 15. Bairros mais noticiados no crime roubo a transeunte em 2015.



Fonte: Fonte: Jornal O diário; Elaboração da Autora.

O estupro, nos anos de análises foi pouco representado. No ano de 2003 (Figura 16), não tivemos nenhuma notícia. Em 2006, 5 bairros apresentam ocorrência, três nos bairros do subdistrito centro e dois em Guarus. Observa-se que nesse tipo de delito as áreas periféricas são mais representadas.

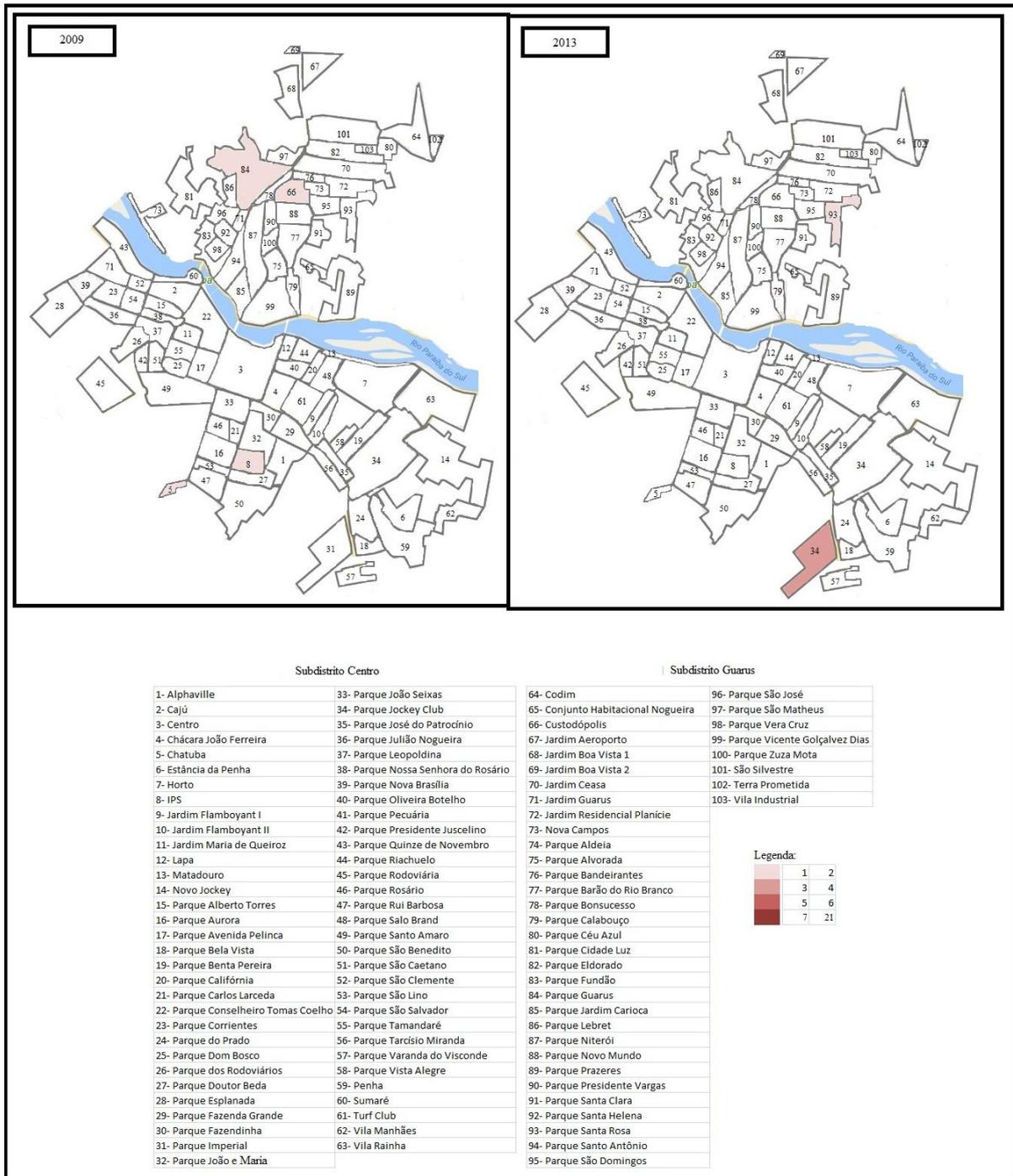
Figura 16. Bairros mais noticiados no crime estupro nos anos de 2003 e 2006.



Fonte: Fonte: Jornal O diário; Elaboração da Autora.

No ano de 2009 (Figura 17), as maiores ocorrências das notícias acontecem em dois bairros de Guarus. Em 2013, o bairro Imperial, que se localiza na periferia no subdistrito Centro se destaca.

Figura 17. Bairros mais noticiados no crime estupro nos anos de 2009 e 2013.

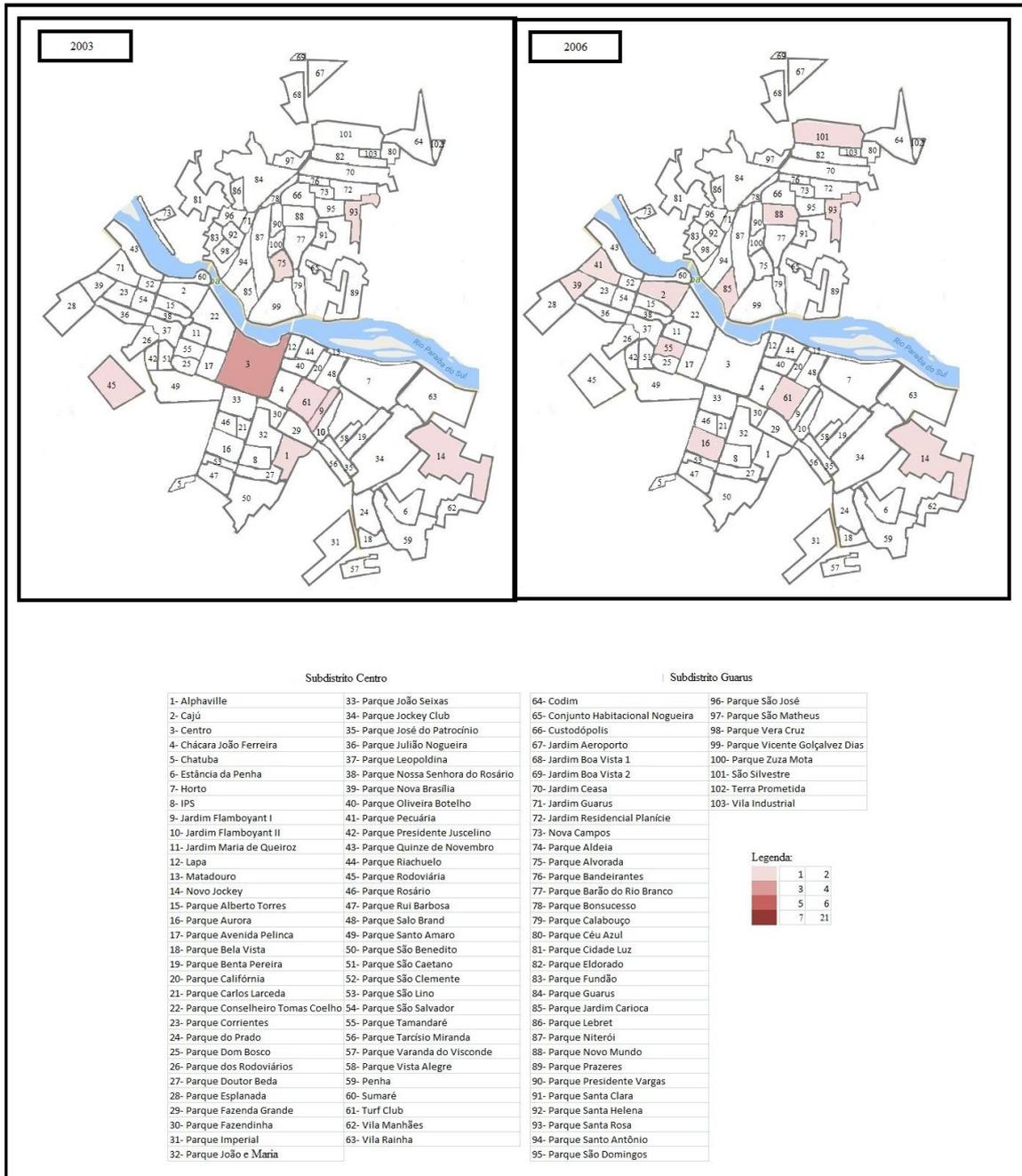


Fonte: Fonte: Jornal O diário; Elaboração da Autora.

Em 2015, esse delito novamente não é noticiado. Em uma visão geral, esse delito é pouco representado pela mídia, embora seja um crime que choca a sociedade. Como já foi exposto, percebemos certa cautela nas representações desse delito. Essa não representação da mídia entra em contradição com os dados reais que apresentam crescimento significativo nos últimos anos, ou seja, a mídia tem ocultado esse crescimento.

O roubo a residência, acontece mais frequentemente em bairros de classes de alto poder aquisitivo. Porém na mídia, os bairros que ficam em mais evidencia são os periféricos. No ano de 2003 e 2006 (Figura 18), podemos perceber que o único bairro Central que é mais evidente nas notícias, é o bairro Centro, porém como vimos a população de alto poder aquisitivo não ocupa mais esses espaços, se localizando mais a Oeste, que no período de análise, foi pouco representado. Em 2006 as representações aumentam, porém, são representados somente casos ocorridos na periferia.

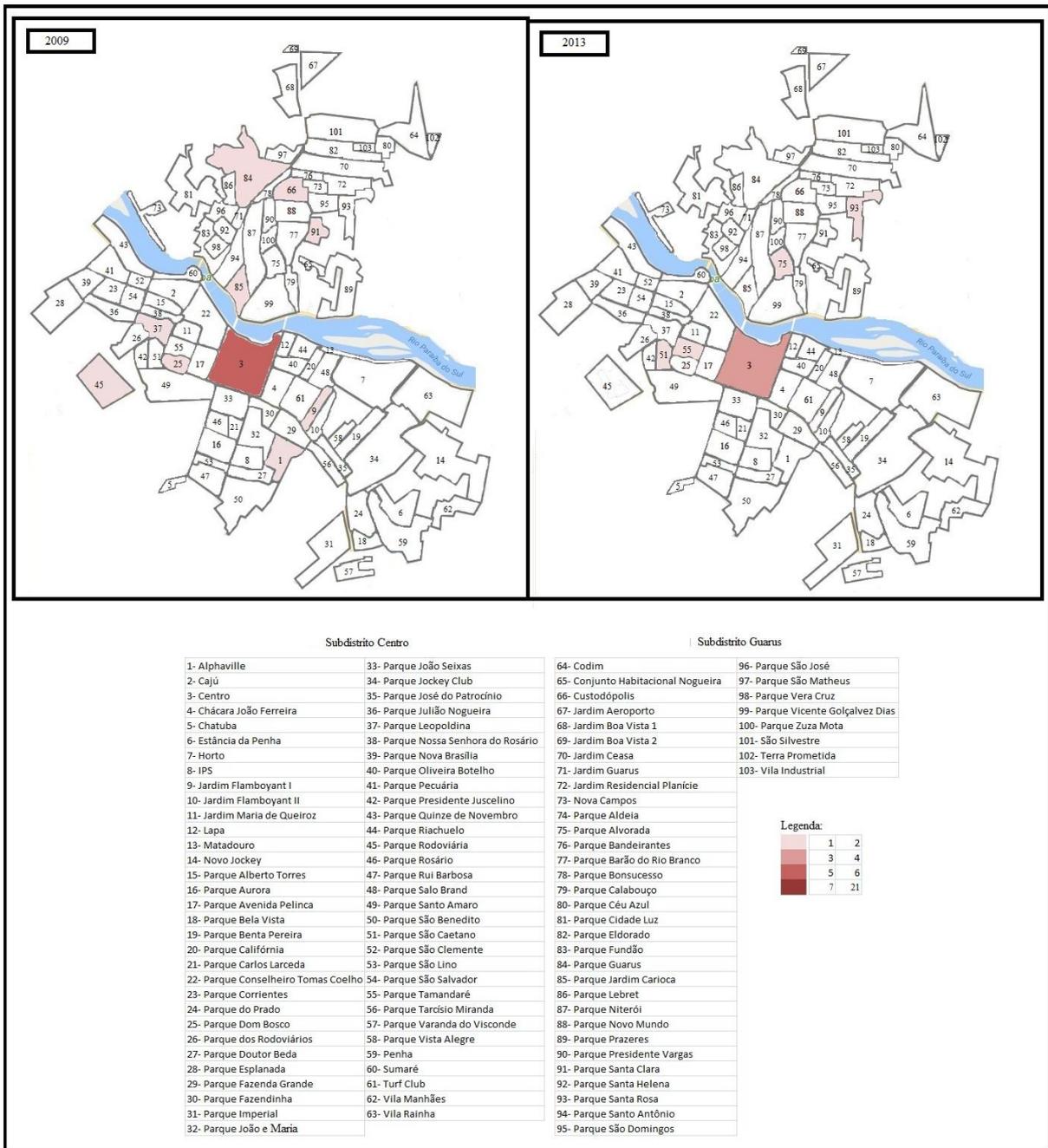
Figura 18. Bairros mais noticiados no crime roubo a residência nos anos de 2003 e 2006.



Fonte: Fonte: Jornal O diário; Elaboração da Autora.

Em 2009 e 2013 no Figura 19, podemos analisar que embora pouco representados, no geral, os bairros de médio/alto poder aquisitivo aparecem mais, dentre eles são: Parque Dom Bosco, São Caetano e Tamandaré.

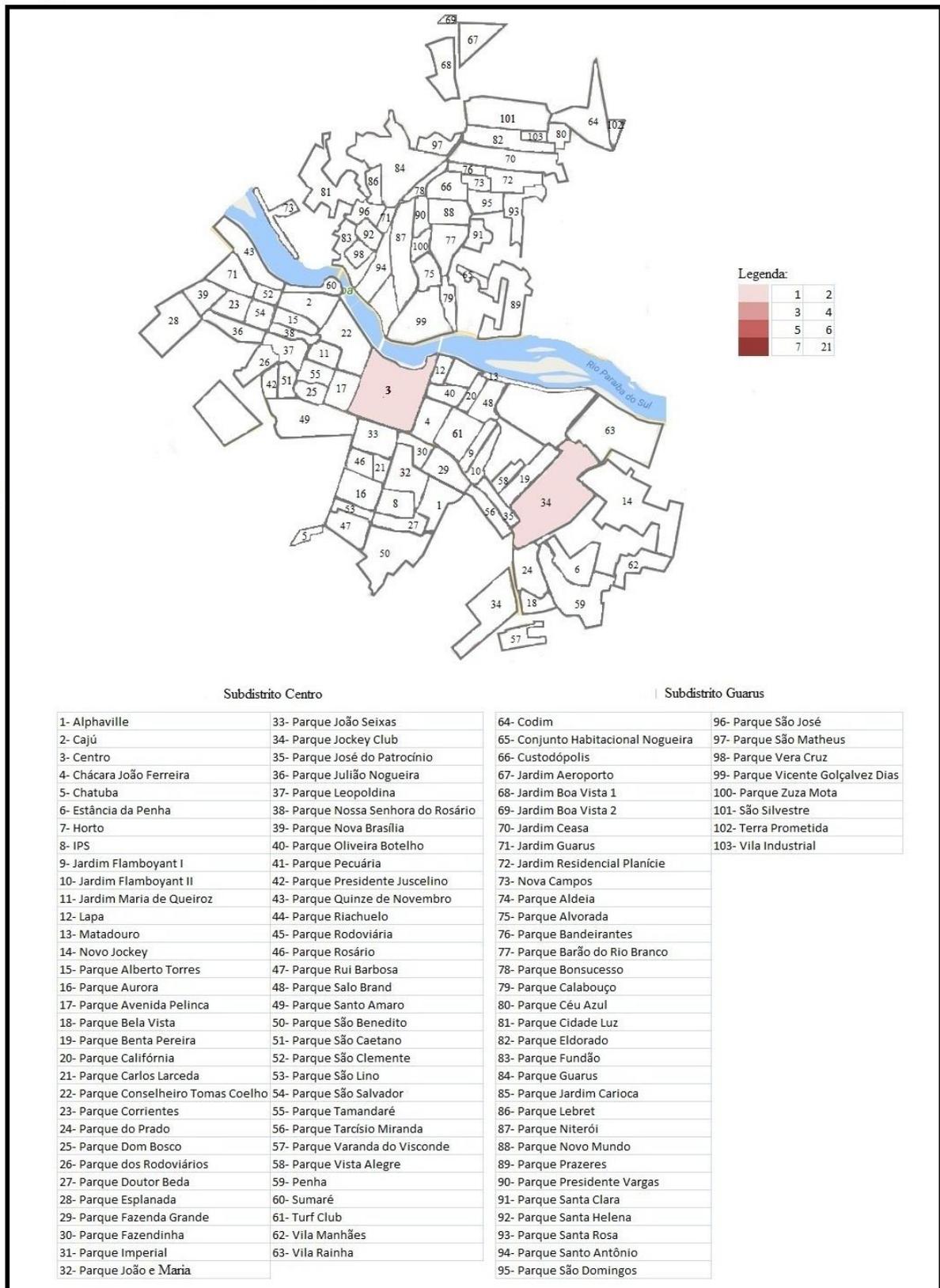
Figura 19. Bairros mais noticiados no crime roubo a residência nos anos de 2009 e 2013.



Fonte: Fonte: Jornal O diário; Elaboração da Autora.

Em 2015 (Figura 20), esse delito é pouco representado, a única ocorrência que aparece, foi no bairro Caju.

Figura 20. Bairros mais noticiados no crime roubo a residência em 2015.



Fonte: Fonte: Jornal O diário; Elaboração da Autora.

Como podemos verificar, a mídia distorce a realidade, com estratégias às vezes contraditórias. Fica evidente que a mídia oculta os crimes que ocorre mais em áreas nobres, ou seja, no subdistrito Centro, ao passo que Guarus, é super exposto.

O crescimento do crime em Campos no período previsto para análise aliado com a intensa propagação da mídia sobre os lugares seletivamente elencados e enfatizados pela mídia dos crimes ocorridos no município tem gerado intenso medo entre a população. Esta insegurança em relação ao outro proporcionou várias estratégias materiais e simbólicas que operam de forma a estabelecer diferenças, divisões, “evitação” (CALDEIRA, 2011), exclusão e além de restrição de fluxos da população residente do Centro para Guarus.

Caldeira (2011) esclarece que a *fala do crime* reordena simbolicamente o mundo quando elabora preconceitos e naturaliza a percepção de alguns grupos como perigosos. O caso de Campos se assemelha a esse processo de reordenação simbólica quando os residentes da área do Centro naturalizaram a idéia de perigo quando se refere à população que mora em Guarus e da própria Guarus.

Esta criminalização simbólica em Campos é um processo social tão difundido e dominante que tem refletido na localização dos condomínios residenciais fechados, com evitação do subdistrito de Guarus, apesar desse modo de habitação ser marcado pela localização em periferias também.

A autosegregação dessas classes tem como uma de suas justificativas, o aumento da violência. A recusa e a falta de interesse por habitações na área de Guarus expõem um medo tão excessivo, que mostra grande resistência a residir na localidade mesmo sendo rodeado por uma muralha, que é uma das características desse tipo de habitação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A violência como vimos é polissêmica. Neste trabalho destacamos a violência criminosa para análise da segregação socioespacial em Campos dos Goytacazes. A violência criminosa tratada no presente trabalho diz respeito a ocorrências de delitos destacadas no Instituto de Segurança Pública, sobretudo, homicídios, roubos a transeuntes, roubo a residência e estupro, cuja prática é reprimida pelo Estado e sociedade.

No processo histórico da formação do espaço urbano do município de Campos, podemos ponderar que o Estado na escala municipal auxiliou no processo de preconceito contra os pobres marginalizados, quando nas aplicações de infraestrutura, privilegiando as áreas das classes de alto poder aquisitivo, resultando em áreas com menos estruturas, que atualmente ainda o são, fazendo perdurar, o medo e insegurança das classes mais abastadas em relação aos pobres.

A insegurança em relação as classes menos abastadas, como vimos, ganha contornos específicos desde o início do século XX, e desde esse período a mídia tem papel fundamental na propagação, alimentação e reprodução de discursos geradores de preconceitos e violência simbólica.

A partir da década de 80 podemos verificar a complexificação do padrão centro x periferia, quando começaram a surgir os condomínios fechados nas periferias, loteamentos irregulares nas áreas próximas ao centro e a consolidação do processo de verticalização, sobretudo nas áreas mais valorizadas da cidade, evidenciando a fragmentação do espaço urbano. Isto porque a segregação nunca impediu a presença ou o crescimento de diferentes grupos socioeconômicos no mesmo espaço. Esse processo de verticalização se intensificou a partir dos anos 2006/2007 na área central, em alguns bairros a oeste do centro como Dom Bosco, Parque Tamandaré, Parque Avenida Pelinca, Parque Jardim Maria de Queiroz, Parque Conselheiro Tomaz Coelho e no bairro Jardim Flamboyant, com estrutura bem equipada, áreas que continuam sendo privilegiadas pelas intervenções do poder público e valorizadas pela iniciativa privada. Já nas áreas periféricas estão localizados os edifícios com pouca estrutura com preços mais acessíveis (FREITAS, 2011).

Em meio ao contexto da verticalização surge uma nova tipologia habitacional, os condomínios horizontais fechados provocando deslocamentos para as áreas periféricas, apresentando segurança e exclusividade, em um período mais recente. Esses padrões

residências coexistem, mantendo a diversificação do mercado, para garantir atender as diferentes preferências de uma mesma camada social (ZACCHI, 2012).

A concentração de condomínios no espaço periurbano gera proximidade física e distanciamento nas interações entre as distintas classes. Essa nova forma de habitação tem mudado o padrão de segregação espacial, as interações entre as classes, bem como o caráter do espaço público. Os muros dos condomínios representam uma barreira física, simbólica e social, concretizam a separação socioespacial, rompendo com a totalidade do espaço urbano, atenuando as relações entre os habitantes e a cidade, fragmentando o modelo centro e periferia (ZACCHI, 2012).

Em Campos dos Goytacazes considerando os crimes de homicídio, estupro, e os roubos a transeunte e residência. Os crimes que são mais recorrentes em Campos são os homicídios e roubo a transeunte. O homicídio e o estupro ocorrem mais na área da 146° DP, ao passo, que os roubos a transeunte e residência ocorre mais na área da 134° DP. Os crimes de estupro e roubo a residência são poucos expressivos. Segundo o Delegado da 146° DP a frequência de mortes ocorridas na região de Guarus está ligada ao tráfico de drogas cujas facções não têm seu território consolidado, causando nesses embates os expressivos números de mortes. A área do subdistrito Centro, onde tem surgido intenso número de residenciais fechados que têm como um dos discursos de marketing de venda a segurança, os dados de roubo a residência são poucos expressivos para justificar a mudança no modo de habitação, já que, este crime causa a insegurança da população dentro dos lares.

A violência criminoso na cidade de Campos é notória. Podemos perceber tal fato nos dados do Instituto de Segurança Pública analisadas na pesquisa pelos quatro delitos. Porém, ela não se encontra concentrada totalmente no subdistrito Guarus e nem ao inverso, ela não é homogeneia no espaço, tão pouco tem as menos intensidades nos diferentes tipos de delitos. O que tem ocorrido é a generalização em relação a Guarus, trabalhada na mídia todos os dias, quando anuncia crimes ocorridos em bairros especificando o subdistrito Guarus. As representações da mídia sobre a violência já se caracterizam como uma violência contra a comunidade, ou seja, a violência da representação. A população de Guarus é triplamente penalizada: pelas políticas públicas que se concentram nas áreas nobres, especialmente no primeiro subdistrito Centro; é penalizado por ser a maior vítima da violência, em alguns casos e também se torna vítima de uma violência simbólica.

As altas taxas de homicídios em Campos, sobretudo nas representações da mídia, têm gerado menor grau de segurança entre a população. Essa insegurança faz com que a

população assume diversas formas de estratégias de proteção para se sentirem seguros, e a reclusão em residenciais fechados tem sido uma opção recorrente. Este fato tem modificado o espaço urbano de Campos com o aumento significativo dos residenciais fechados, se concentrando principalmente no subdistrito Centro.

A característica desse modelo de habitação, denominada residencial fechado horizontal, tem com o muro, uma forma de separação entre as classes na concretude material, além de localizar-se em áreas periféricas, buscando um isolamento. Em Campos, as áreas periféricas que tem sido palco de intenso surgimento desse modelo de habitação, são do subdistrito Centro, em detrimento da periferia em Guarus.

Mesmo com uma concretude material de separação, a população de alto poder aquisitivo, tem dispensado a idéia de residir no subdistrito Guarus, isto causado pela combinação da violência real, que ocorre em determinados bairros de Guarus, que, porém tem sido apresentado pela mídia como muito violento. Em outras palavras, a espacialização dos residenciais fechados, sobretudo horizontais, que tem como característica a localização em áreas periféricas, é resultado de uma combinação entre segregação gerada pelo tratamento desigual do Estado nos investimentos públicos, os altos índices de ocorrências de delitos, sobretudo homicídios em determinado bairros em Guarus – causados pelas disputas de território entre as facções – e o tratamento da mídia às ocorrências de crimes violentos.

A pesquisa revelou que o espaço urbano não é homogêneo do ponto de vista da violência real, há crimes mais frequentes em determinados bairros, como os homicídios e os estupros. Entretanto, a mídia é enfática tanto em noticiar alguns tipos de crimes, bem como, em determinar os lugares eleitos para serem os mais violentos, mesmo se não o sejam. A visão da mídia acaba assumindo o cotidiano da cidade, é um elemento componente da segregação socioespacial da cidade.

## REFERÊNCIAS

CALDEIRA, T. P. do R. **Cidades de muros**: Crime, segregação e cidadania em São Paulo. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2011.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 2005.

CORRÊA, Roberto Lobato. Segregação residencial: classes sociais e espaço urbano. In: Vasconcelos, Pedro de Almeida; Corrêa, Roberto Lobato; Pintaudi, Silvana Maria. **A cidade contemporânea**: segregação espacial. São Paulo: Contexto, 2013.

CORRÊA, Roberto Lobato. Construindo o conceito de cidade média. In SPOSITO, M E. B.; **Cidades Médias**: Espaços em transição. 1. ed. São Paulo: Editora Expressão, 2007.

DUTRA, P. L. **Programa habitacional Morar Feliz em Campos dos Goytacazes**: análise da percepção dos beneficiários sobre as suas novas condições de moradia. [Mestrado em Sociologia Política]. Campos dos Goytacazes: Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, 2015

FARIA, T.P. Campos dos Goytacazes nos anos 1870-1880: a modernização Brasileira e o “mundo-citadino”. **Agenda Social**. Revista do PPGPS/UENF. Campos dos Goytacazes, v.2, n 2, p 40-64, Mai/Set. 2008.

FARIA, T.P; POHLMANN, M.A.O. Dinâmica sócioespacial de Campos dos Goytacazes/RJ: O programa habitacional Morar Feliz e expansão da periferia. In: ENANPUR, 16., 2015. Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte, 2015.

FARIA, T.P; VIEIRA, S.P. Princípios de legislação urbanística, planejamento urbano e divisão do espaço: Um estudo do Plano de Desenvolvimento Físico-Territorial Urbano de Campos dos Goytavazes/RJ. In. CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 11., 2003. UNICAMP. **Anais...** Campinas, 2003

FARIA, Teresa Peixoto. Configuração do espaço urbano da cidade de Campos dos Goytacazes, após 1950: novas centralidades, velhas estruturas. **Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina** – 20 a 26 de março de 2005 – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. p. 4778-4799.

FREITAS, Cleber Ferreira; RIBEIRO, Tiago Azeredo moço. Análise da política habitacional de Campos dos Goytacazes: A ação do Programa Morar Feliz no conjunto habitacional do parque Aldeia. [Monografia] Campos dos Goytacazes, 2013.

FREITAS, Kêila P. da Silva. **Produção e apropriação do espaço urbano de Campos dos Goytacazes – RJ:** da residência unifamiliar aos edifícios de apartamentos. [Mestrado em Políticas Sociais]. Campos dos Goytacazes: Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, 2011.

GOMES; M. A. S. A produção e a valorização desigual do espaço urbano em Campos dos Goytacazes-rj: uma análise das ações do estado e dos promotores/incorporadores imobiliários. **Geografares**, Espírito Santo. n. 19, p. 28-41, jan./jul. 2015.

MOTA, C.G.S. **Políticas Habitacionais e os usos econômicos das residências:** O caso do conjunto Habitacional Matadouro em Campos dos Goytacazes-RJ.2012. 93 f. Dissertação (Mestrado em Políticas Sociais)- Universidade Estadual do Norte Fluminense, Campos dos Goytacazes 2012.

NUNES, Livia Soares; GIVISIEZ, Gustavo H. Naves. **As Áreas de Especial Interesse Social no município de Campos dos Goytacazes: uma análise quantitativa.** In: XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 2008, Minas Gerais. Disponível em: <[http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2008/docsPDF/ABEP2008\\_1264.pdf](http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2008/docsPDF/ABEP2008_1264.pdf)> Acesso em: 29/07/2015.

OLIVEIRA, J. C. P. ; PEDLOWSKI, M. A. . Políticas Municipais de Habitação Social em Campos dos Goytacazes: Quando a proximidade física serve para aumentar a distância social. In: XV ENANPUR, 2013, Recife. CD dos **Anais** da ENANPUR, 2013.

POHLMANN, M.A. de O. **O Discurso higienista na construção da cidade moderna:** O papel da revista A AURORA – LETTRAS – ARTES – CIÊNCIA. Dissertação do Curso de Mestrado em Políticas Sociais – Campos dos Goytacazes – RJ. Universidade Estadual do Norte Fluminense – UENF - RJ. 2003

SOUZA, Marcelo Lopes de. Problemas urbanos e conflitos sociais. In: **ABC do desenvolvimento urbano.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

SPOSITO, M. E. B. As cidades médias e os contextos econômicos contemporâneos. In: Sposito, M.E.B. (org.). **Urbanização e cidades: perspectivas geográficas**. Presidente Prudente, Unesp, 2001.

SPOSITO, Maria E. Beltrão; GOÉS, Eda Maria. **Espaços Fechados e Cidades: Insegurança Urbana e Fragmentação Socioespacial**. ed. Unesp, 2013.

VILLAÇA, F. **Espaço intra-urbano no Brasil**. 2a ed. São Paulo: Studio Nobel: Fapesp: Lincoln Institute, 2001.

VILLAÇA, Flávio. “São Paulo: segregação urbana e desigualdade”. Estudos Avançados. 2011, vol.25, n.71, p. 37-58.

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da violência: Morte Matada por armas de fogo**. Inserir dados bibliográficos completos da publicação. Disponível em:<<http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/mapaViolencia2015.pdf>>. Acesso em: 29/07/2015.

ZACCHI, R. C. ; FARIA, T. J. P. . Fragmentação urbana : a ocupação de áreas de expansão por condomínios em Campos dos Goytacazes. In: V Jornada Internacional de Políticas Públicas, 2011, São Luis. **Anais** da V Jornada Internacional de Políticas Públicas: Estado, Desenvolvimento e Crise do Capital. São Luis, 2011. v. 1. p. 1-9.

ZACCHI, R.C. **O papel dos proprietários e do Estado no processo de conversão de terras rurais em urbanas e na produção de loteamentos fechados: Campos dos Goytacazes (1980-2001)**. [Mestrado em Políticas Sociais]. Campos dos Goytacazes: Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, 2012.